

FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AUTORA: RENATA DA SILVA OLIVEIRA

TÁTICAS DE RESILIÊNCIA PARA SANTO AMARO:

A tecnologia *Crowdsourcing* fomentando possibilidades de conexão entre os moradores e o bairro que compartilham.

RECIFE – PE

DEZEMBRO / 2015

FACULDADE DAMAS DE INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

AUTORA: RENATA DA SILVA OLIVEIRA

TÁTICAS DE RESILIÊNCIA PARA SANTO AMARO:

A tecnologia *crowdsourcing* fomentando possibilidades de conexão entre os moradores e o bairro que compartilham.

Trabalho de graduação apresentado a Faculdade Damas, como parte dos requisitos para a conclusão do curso de Arquitetura e Urbanismo, orientada pelo Profº Pedro Valadares no semestre letivo 2015.2.

RECIFE – PE

DEZEMBRO / 2015

Oliveira, Renata da Silva

Táticas de resiliência para Santo Amaro: a tecnologia crowdsourcing fomentando possibilidades de conexão entre os moradores e o bairro que compartilham. / Renata da Silva Oliveira. – Recife: O Autor, 2015.

186 f.; il.

Orientador(a): Prof. Pedro Valadares

Monografia (graduação) – Faculdade Damas da Instrução Cristã.
Trabalho de conclusão de curso, 2015.

Inclui bibliografia.

1. Arquitetura e urbanismo 2. Crowdsourcing 3. Crowdmapping 4. Planejamento urbano I. Título.

72
720

CDU (2.ed.)
CDD (22.ed.)

Faculdade Damas
TCC 2015-360

Dedico esse trabalho a pessoa que foi e sempre será o meu sopro de resiliência. Vini, o mais interessante e mais importante ser da minha vida, agradeço por me alimentar tão bem física e intelectualmente. Obrigada principalmente por toda a ajuda e incentivo ao sempre me proporcionar tantas horas livres para que fosse possível a conclusão deste trabalho, e principalmente, por em minha ausência cuidar tão bem da nossa excêntrica família (Greta, Boy, Hanna e Maya).

Te amo!

AGRADECIMENTOS

Agradeço pelo incentivo da minha amada maninha Carla Mary.

Na vida acadêmica, fora todo o conhecimento adquirido, tive a oportunidade de conhecer professores que irei levar durante a vida profissional, agradeço a Gisele Carvalho, Ricardo Bonilla, Julia Rocha, Stela, Malu e Paulo Diniz que fizeram diferença nesta caminhada.

Um agradecimento especial à dois professores que foram de fundamental importância na elaboração deste trabalho, o primeiro Eduardo Moura, desejo todo o carinho do mundo, pois desde o início acreditou no potencial do trabalho, e mesmo quando as circunstâncias conduziram para a busca de um novo orientador, continuou a me dar apoio. O segundo, o professor Pedro Valadares, cuja calma, paciência e interesse me ajudaram a superar os obstáculos durante o restante do processo. Sendo assim, posso afirmar que tive a honra e a sorte de experimentar dois orientadores maravilhosos, que me incentivaram na busca de novos conhecimentos. E que, apesar das adversidades nunca insinuaram que mudasse o caminho.

Agradeço de forma especial a Professora Andréa Tavares, cuja generosidade, imparcialidade e carinho me instigaram a ter força e coragem de seguir com o trabalho.

E a Professora Luciana Costa responsável por me manter nos trilhos, com muito cuidado e atenção.

Por fim agradeço aos grandes amigos que fiz, e que durante as alegrias e agonias compartilhadas tornavam tudo sempre muito melhor.

Levo para toda a vida MH "o pequeno Boris" que com seu humor maravilhoso, faz de um simples sorvete um megaevento, Biel com o abuso de sua nerdise nata, Bonezinha e Mari grandes amigas conquistadas. E principalmente as companheiras de fim de jornada, que adotei e fui adotada, o trio mais meigo da turma, formando assim nosso quarteto fantástico, com o qual pude conhecer e conviver com o fantástico mundo de Lali, cheio de cores e lágrimas, Bia com seu caráter maravilhoso que consegue ser doce e "braba" ao mesmo tempo, e Renata que me ensinou a ser mais política. Só posso agradecer a tanta amizade e dedicação com um AMO MUITO VOCÊS TODOS.

A realização deste trabalho não teria sido possível sem a ajuda e a colaboração de tantas outras pessoas. A todos o meu sincero agradecimento. Registro um especial agradecimento a todos que utilizaram o aplicativo, como também à atenção concedida pela Associação de Moradores Resiste Santo Amaro.

você não promove mudanças lutando contra o que já existe. Para mudar algo, construa um modelo novo, que torne o existente obsoleto.

(Buckminster Fuller apud FARR, 2013, p.17)

Através da tecnologia, somos capazes de estender e ampliar as nossas capacidades como humanos desde a primeira pedra lascada até os smartphones.

(ROURE, 2015 s/p)

Mobilidade popular não tem nada a ver com o assembly in situ, nem com o heroismo de momento.

(Bernardo Toro, 2015, p.13)

RESUMO

O trabalho desenvolveu um aplicativo a fim de testar uma nova ferramenta de escuta popular para planejamento urbano. Investigou desde a concepção até a consolidação de dados como forma de incentivar uma participação popular mais colaborativa. Utilizou-se as tecnologias *Crowdsourcing* e *Crowdmap*, que foram pesquisadas de modo a esclarecer sua aplicação aliando os conceitos de resiliência comunitária e do Novo Urbanismo cujo foco comum são as necessidades locais e os usos nos espaços públicos. Procurou-se criar uma ferramenta dinâmica e democrática, que gera uma aproximação dos atores sociais, do poder público e dos círculos decisórios, através de uma rápida, barata, acessível e efetiva escuta da comunidade.

A pesquisa foi motivada pela postura ausente da sociedade diante dos problemas urbanos, que insiste em atribuir a responsabilidade aos gestores públicos, pautados por desculpas muitas vezes vazias que adormecem o seu papel cívico, esquecendo deveres e direitos enquanto cidadãos. A sociedade com um todo, ignora que antes de protestar pode elaborar propostas, já que o Estatuto das Cidades legitima o direito de a sociedade organizada elaborar propostas para o planejamento das cidades. Este é o caso dos moradores do Quadrilátero de Santo Amaro, em Recife - PE, que desde 2014 vêm, através da mídia, pleiteando maior participação nos processos de decisão, maior transparência, melhores espaços públicos, segurança e principalmente que o planejamento urbano corresponda às necessidades da população. Neste cenário o aplicativo serviu para diagnosticar tais necessidades através de um mapa georeferenciado, no qual o cidadão interagiu pela internet escolhendo novos usos para o seu bairro. No horário e lugar mais conveniente, sem nenhuma influência de técnicos e gestores públicos, utilizou a ferramenta para organizar dados a serem utilizados em um caderno de diretrizes.

Ao final do teste identificou-se como válida e de grande potencial a utilização do modelo de escuta proposto, que comprovou ultrapassar obstáculos de tempo e custo, através da inteligência coletiva, deixando a provocação de que no futuro se investigue as potencialidades do *crowdsourcing* como metodologia de produção de comunidades colaborativas e participativas.

Palavras-Chave: Resiliência, Novo Urbanismo, participação social, Software livre (open source), inteligência coletiva (Crowdsourcing).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01: Modelo de Cidade Compacta de Richard Rogers.....	34
FIGURA 02: Uma das audiências públicas de 2014 para o PD de São Paulo.....	48
FIGURA 03: Adaptação das características fundamentais da resiliência.....	54
FIGURA 04: Outras dimensões do 100RC.	62
FIGURA 05: O Framework da Arup (2014) com qualidades da resiliência nas cidades	63
FIGURA 06: Funcionamento do Framework Resiliência da Arup 100RC.	64
FIGURA 07: Algumas cidades que fazem parte do projeto 100RC.....	64
FIGURA 08: Whyte filma um espaço público para analisar seu uso.	70
FIGURA 09: Diagrama da PPS para avaliar se o espaço público é bom ou ruim.....	75
FIGURA 10: Os participantes imaginavam futuros possíveis, e o dedicavam à um amigo.	78
FIGURA 11: Etapas do processo de uma charrete	80
FIGURA 12: Diagrama do modelo MIT conectando produtores	85
FIGURA 13: Descrição do funcionamento do site de produtores	86
FIGURA 14: Informações de demanda de acordo com a sazonalidade de estação do ano.	86
FIGURA 15: Tabela PNAD com índices de usos de smartphones em Pernambuco (2013).....	87
FIGURA 16: Variantes de conceitos organizadas na Universidade do Minho, em Braga.....	91
FIGURA 17 : Imagem site Crowdmap.....	92
FIGURA 18: Diagrama de funcionamento Crowdmap Ushahidi.....	93
FIGURA 19: Aplicativo da Camara Municipal de São Paulo. E utiliza o DemocraciaSO.....	96
FIGURA 20: Imagem da página principal do site ChangeNY.....	96
FIGURA 21: Site do aplicativo Harassmap.	97
FIGURA 22: Página site Aplicativo OndeFui Roubado.....	97
FIGURA 23: Página principal do aplicativo Myfuncity.....	98
FIGURA 24: Página site do aplicativo PORTOALEGRE CC.....	99
FIGURA 25: Página do site do aplicativo Irlanda / Street	99
FIGURA 26: Inauguração do evento, representado no site da Prefeitura SP	102
FIGURA 27: Aplicativos disponibilizados no site da Prefeitura - SP	103
FIGURA 28: Parâmetros urbanísticos implantados no Olhares Urbanos	104
FIGURA 29: Página site para a análise popular de projetos urbanos da Prefeitura - SP.....	105
FIGURA 30: Uma das propostas da Gehl Architects para projeto do Centro SP	106
FIGURA 31: Etapas do processo utilizado pela Gehl Architects em São Paulo.	106
FIGURA 32: Etapas principais do diagnóstico da Gehl Arquitects.....	107
FIGURA 33: High Line, percebe-se a linha passando por dentro dos prédios.....	108
FIGURA 34: Questionário que buscava a interação com a comunidade em 2003.....	109
FIGURA 35: High Line em funcionamento.	110
FIGURA 36: Chelsea Market em funcionamento.	110
FIGURA 37: Comparativo antes e depois do projeto de rua para pedestres	111

FIGURA 38: Atividades efêmeras, a rua em uso, New Road Brighton.	112
FIGURA 39: Banco New Road Brighton.....	112
FIGURA 40: Rua priorizando pedestres, Brighton.	112
FIGURA 41: O processo do projeto By The City / For The City.....	113
FIGURA 42: Etapas principais do By The City / For The City.....	114
FIGURA 43: Página de votação do site By The City / For The City traduzido pela autora.....	115
FIGURA 44: Resultados da ação By the City/ For The City.....	116
FIGURA 45: Pedestres tomam conta, mudança na Times Square é aprovada	116
FIGURA 46: Tela principal do aplicativo.....	117
FIGURA 47: Representação no mapa dos problemas	117
FIGURA 48: Imagem da rua da Aurora	121
FIGURA 49: Mapa do local onde pode ter existido as Salinas	122
FIGURA 50: Planta das reformas no sistema viário, 1870, Recife.FONTE: (ALVES, 2009, p. 4)..	123
FIGURA 51: Mocambo alocado no Centro do Recife por volta da década de 1920.....	125
FIGURA 52: Rua de Santo Amaro, em 1958.	127
FIGURA 53: Abertura da avenida Agamenon Magalhães, à direita Fábrica Tacaruna.....	127
FIGURA 54: Marcos do bairro de Santo Amaro.	128
FIGURA 55: Matéria sobre novos habitacionais.....	132
FIGURA 56: Carta ao Prefeito do Recife.....	133
FIGURA 57: Audiência na Câmara Municipal	134
FIGURA 58: Moradores protestam contra Vila Naval	135
FIGURA 59: Número absoluto de crimes na cidade	136
FIGURA 60: Tabela com os 3 principais são saúde, desemprego, drogas/ tráfico.....	137
FIGURA 61: O bairro dentro da demarcação da RPA1.....	141
FIGURA 62: Mapa do Zoneamento	142
FIGURA 63: Características da área segundo o Plano Diretor do Recife - 2008.....	143
FIGURA 64: Coeficientes de utilização no quadrilátero.FONTE: RECIFE, 2015.....	144
FIGURA 65: Demarcação das vias do quadrilátero e vazios remembráveis	145
FIGURA 66: Traçado do quadrilátero de Santo Amaro.	146
FIGURA 67: Tipo de vias do quadrilátero.	149
FIGURA 68: Mapa do sistema viário do quadrilátero.....	150
FIGURA 69: Mapa de usos baseado no Novo Urbanismo.....	152
FIGURA 70: Diagrama de funcionamento do uso dos votos no site.....	154
FIGURA 71: Página do crowdmap parametrizado para a escuta	157
FIGURA 72: Primeira página do site Escuta Santo Amaro.....	158
FIGURA 73: Navegação do do passo a passo para relatar	158
FIGURA 74: Exemplos de usos disponibilizados para relato no site.....	159
FIGURA 75: Parte da lista das categorias	160
FIGURA 76: Capa do caderno de diretrizes.....	161

FIGURA 77: Acompanhamento da evolução dos acessos ao site	163
FIGURA 78: Reunião na Associação de Moradores Resiste Santo Amaro.....	164
FIGURA 79: Resultado de votos no mapa georeferenciado.....	165
FIGURA 80: Filtro não demonstra a diferenciação do voto.....	165
FIGURA 81: Exemplo do relato com muitos votos	165
FIGURA 82: O mapa georeferenciado com votos	166
FIGURA 83: Resultado dos votos	167
FIGURA 84: Os usuários	168
FIGURA 85: Relatório de países visitantes no site escuta santo amaro.....	169
FIGURA 86:Interface com link direto pelo Facebook.	170
FIGURA 87:Interface Twitter	170
FIGURA 88:Link no site Crowdmap, onde plugins extras são disponibilizados	171
FIGURA 89:Scripts Avancados disponibilizados.....	171

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Comparação de crescimento urbano entre países da Europa e Brasil	39
QUADRO 02: Conceitos que envolvem a resiliência	55
QUADRO 03: As 4 dimensões do 100RC.	61
QUADRO 04: Imagens de várias cidades e locais onde o projeto PPS passou.....	76
QUADRO 05: Participantes imaginavam futuros possíveis e o dedicavam à um amigo.	107
QUADRO 06: High Line desativada e abandonada em duas estações do ano.....	109
QUADRO 07: Quadro de conclusão sobre os eixos analisados nos estudos de caso.....	120
QUADRO 08: Antes e depois dos primeiros aterros.....	124
QUADRO 09: Dados demográficos do Bairro de Santo Amaro.	129
QUADRO 10: Solicitações dos moradores durante manifesto.	131
QUADRO 11: Rua da Aurora degradada	131
QUADRO 12: Análise do contexto da comunidade de Santo Amaro.	139
QUADRO 13: Análise do perfil de resiliência da comunidade de Santo Amaro.	140
QUADRO 14: Características do traçado de quadras portuguesas	147
QUADRO 15: A influência das tipologias portuguesas	148
QUADRO 16: Galpões industriais fotos 1e 2 rua Araripina e foto 3 vazio na Mário Melo.....	148
QUADRO 17: Comparativo de larguras de calçadas na Rua do Lima e na Rua Araripina.....	149
QUADRO 18: Ruas do quadrilátero em novembro de 2015.....	153
QUADRO 19: Comparativo dos usos propostos no novo urbanismo encontrados no quadrilatero..	155
QUADRO 20: Comparativo de resultados entre estudos de caso e a Escuta Santo Amaro.	162

INTRODUÇÃO	14
1.REFERENCIAL TEÓRICO	26
1.1 CONTEXTOS URBANOS	26
1.1.1 Relatos sobre transformações urbanas	28
1.1.2 Diversidade e debates a cerca da Gentrificação.	31
1.1.3 Algumas discussões sobre o planejamento urbano brasileiro	38
1.2 ATIVISMOS SOCIAIS.....	44
1.2.1 Expectativas sobre ativismos sociais dentro do planejamento urbano.....	45
1.2.2 Possibilidades para os ativismos sociais	47
1.2.3 Ativismos sociais e gestão caminhando juntos	48
1.3 A RESILIÊNCIA E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO URBANO	50
1.3.1 Evolução dos conceitos sobre resiliência	52
1.3.2 A resiliência no aspecto social e comunitário e o seu fomento	56
1.3.3 Tendências da resiliência no planejamento urbano.	60
1.3.4 As táticas e estratégias de Michel Certeau como elemento de resiliência.....	68
1.4 O NOVO URBANISMO.....	69
1.4.1 O Congresso do Novo Urbanismo - CNU.....	71
1.4.2 Ferramentas na prática do Novo Urbanismo.....	73
1.5 AS NOVAS TECNOLOGIAS A FAVOR DO NOVO URBANISMO.....	82
1.5.1 Breve histórico do crowdsourcing.....	88
1.5.2 A plataforma e seu funcionamento	92
1.5.3 A plataforma crowdsourcing e o planejamento urbano	94
1.5.5 O crowdsourcing como elemento de inclusão e cooperação comunitária.....	100
2. ESTUDOS DE CASO	102
2.1 MODELO DE GESTÃO PARTICIPATIVA	102
2.1.2 São Paulo Aberta, Prefeitura de São Paulo - SP.....	103
2.1.3 Desenvolvimento de projetos urbanos Anhangabaú - São Paulo - SP.....	105
2.2 MODELO DE NOVO URBANISMO	108
2.2.1 High Line - Nova York, EUA.....	108
2.2.2 Brighton, Inglaterra	111
2.3 MODELOS CROWDMAP e COLABORATIVISMO	113
2.3.1 Projeto urbano - By The City, For The City	113
2.3.2 Vitória de Santo Antão - PE.....	117

2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ESTUDOS E TEORIA INVESTIGADAS	118
3. ESTUDOS DA ÁREA-----	121
3.1 HISTÓRIA, GENESE E TRANSFORMAÇÕES DO BAIRRO	121
3.1.1 Particularidades sobre o bairro	128
3.1.2 Dados socioeconômicos atuais do bairro	129
3.1.3 Práticas sociais e demandas dos moradores do bairro.....	131
3.1.4 Análise de Resiliência em Santo Amaro	138
3.2 ANÁLISE URBANÍSTICA DO QUADRILÁTERO DE SANTO AMARO	141
3.2.1 Leis e zoneamento do usos do solo	141
3.2.2 Sistema viário, tipologias, quadras e traçado	146
3.2.3 Mapa de usos sob o olhar do Novo Urbanismo	151
4. METODOLOGIA -----	154
5. RESULTADOS -----	161
ANEXOS CADERNO DE DIRETRIZES E PRANCHAS-----	172
CONSIDERAÇÕES-----	173
REFERÊNCIAS -----	175

INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como principal objetivo criar e testar uma nova ferramenta de escuta popular. A proposta teve como ponto de partida desenvolver um aplicativo parametrizado utilizando as diretrizes do Novo Urbanismo¹, que pretende revelar necessidades e demandas das comunidades, sem interferências de técnicos e gestores públicos, executado com poucos recursos e de maneira rápida e transparente, buscou fomentar as iniciativas comunitárias. Sendo assim, utilizou a premissa de que o aprimoramento dos espaços públicos e a multiplicidade dos usos nos bairros podem ajudar na construção de comunidades mais ativas e resilientes, já que a diversidade pode gerar emprego, renda e inclusão.

Cinco eixos teóricos envolveram o universo da configuração do aplicativo testado. Inicialmente, e de grande importância no processo, foram estudadas soluções que envolviam o uso de dados e tecnologia digital no planejamento urbano, principalmente os que utilizam *crowdsourcing*². Como complemento foram estudados os ativismos sociais, os contextos urbanos, o Novo urbanismo e a resiliência comunitária, funcionando como possíveis reações e ou soluções de problemas e conflitos no ambiente urbano.

Para reforçar a relevância do presente trabalho, buscou-se soluções baseadas na evolução dos meios de comunicação, do uso da tecnologia em tempo real e do compartilhamento de informação por todos os níveis de dispositivos, mais especificamente no contexto urbano e de seu planejamento. Contribuições importantes foram encontradas no Massachusetts Technology Institute – MIT, no laboratório SENSEable City Laboratory, coordenado pelo arquiteto Carlo Ratti, que trabalham no desenvolvimento de pesquisas que utilizam dados de dispositivos eletrônicos em soluções para as cidades. O laboratório tem a prerrogativa de que o planejamento da cidade tem que estar na mesma velocidade do dia a dia. Acreditam que, através dos dados advindos da operação cotidiana na crescente quantidade de dispositivos móveis, é possível perceber com outros olhos o ambiente construído, proporcionando um

¹ Na década de 80, urbanistas americanos criaram o termo, e formularam a primeira carta com diretrizes - A Carta do Novo Urbanismo (CNU 23, 2015). Nela são difundidas 27 diretrizes para planejamento urbano e regional, cujos princípios promovem coesão comunitária, foco em ações de equilíbrio social com necessidades humanas básicas atendidas; valorização do uso misto e principalmente a participação da comunidade na gestão sobre dos espaços públicos e dos seus bairros como maneira de fomento a participação (MACEDO, 2015). A premissa das diretrizes parte do homem como centro de tudo e também é conhecido como urbanismo sustentável.

² *Crowdsourcing* - O nome vem da junção das palavras *crowd* que significa multidão em inglês, e *source* que significa fonte de informação. Já o *Outsourcing* que significa subcontratação ou terceirização, ou seja trabalho ou escolhas divididas com a multidão (HOWE, 2008). Então, *crowdsourcing* significa conhecimentos e idéias, ou seja, soluções a partir de (terceirizado com a colaboração) de um grupo ou comunidade.

melhor planejamento urbano (MIT, 2014). Em 2015, Ratti (2015) lançou um livro sobre o *Open source*³ e o *Crowdsourcing* na área da Arquitetura e do Urbanismo, o que corroborou para o valor da ferramenta proposta neste trabalho.

Outro aspecto que aumenta a relevância do presente trabalho ao incitar iniciativa de criação de um novo modelo de escuta, se dá pelo fato de que poderá ser adotada, melhorada e explorada por qualquer comunidade, que ao utilizar a ferramenta, poderá obter respostas, eventos e ou sugestões mapeadas em tempo real. Esse diferencial foi possível pois a sua parametrização partiu de uma plataforma *open source* da empresa *Ushahidi*⁴, com o aplicativo *crowdmap*⁵ que permite criar de maneira interativa e colaborativa através da internet, celular ou tablets, um diagnóstico de fatos, episódios, necessidades e ou eventos que podem ser traduzidos em relatos a serem marcados sobre um mapa georeferenciado em determinada área previamente escolhida. Para o presente estudo, a tecnologia *crowdmap* permitiu disponibilizar uma lista de usos e equipamentos como opções a serem votadas pelos indivíduos que se interessam pela área ou tema discutido no *crowdsourcing*. Sendo assim, a opção pelo *crowdmap*, utilizado com o *crowdsourcing*, foram pertinentes por se tratarem de plataformas de uso aberto, o que viabilizou a adaptação à custo zero, para desenvolver o novo modelo de escuta popular.

Outras tecnologias ajudaram a dar maior abrangência a escuta, o principal foi o perfil da interatividade e cooperação da *web.2*, plataforma de internet baseada na geração de dados pelo utilizador, cujo diferencial é promover interfaces de troca de informação (HOWE, 2008), (O'REILLY, 2006). Segundo Howe (2008), o conceito principal do *crowdsourcing* baseia-se

³ Open Source - A definição foi criada pela Open Source Initiative (OSI) para determinar um programa (software) de código aberto. Deve garantir: distribuição livre, deve incluir seu código e deve ser legível e inteligível por qualquer programador; deve permitir modificações e trabalhos derivados, e deve permitir que eles sejam distribuídos sobre os mesmos termos da licença original. A licença deve explicitamente permitir a distribuição do programa construído a partir do código fonte modificado. Contudo, a licença pode ainda requerer que programas derivados tenham um nome ou número de versão diferentes do programa original e não deve restringir qualquer pessoa de usar o programa em um ramo específico de atuação. Por exemplo, ela não deve proibir que o programa seja usado em uma empresa, ou de ser usado para pesquisa genética. disponível em: <http://softwarelivre.org/open-source-codigo-aberto>.

⁴ Ushahidi é uma plataforma de *web open source* que ajuda o usuário a reunir relatórios para entender o que aconteceu, quando e onde. Ele ajuda a coletar informações a partir de: SMS, Twitter, e-mail e outras fontes. Em seguida ajuda a processar a informação, categorizá-la, geo localizar-la e publicando-a em um mapa. O Ushahidi foi criado para delatar conflitos em áreas de conflito do Quênia, que em sua língua original quer dizer Relato.

⁵ O *crowdmap*, é um aplicativo criado pela Ushahidi que permite que usuários através da internet possam relatar um fato, um evento, ou relatos que podem ser ou não marcados em um mapa georeferenciado. O que permite agilidade e transparência nos processos que o utilizam. A iniciativa Ushahidi era que, a partir da visualização da informação obtida com a colaboração da comunidade, o público se mobilizasse a ajudar as pessoas que estavam em zonas de conflito ou crise e que os governos reagissem, informando às pessoas sobre como colaborar, criando um diálogo contínuo utilizando o mapa.

nas múltiplas possibilidades de uso que uma plataforma *open source* desempenha, pois tem por objetivo utilizar o máximo de participantes colaborativos, que através de convite público pela internet e redes sociais, esperam encontrar novas propostas, idéias ou respostas.

Para Tim O'Reilly⁶ a *web 2.0* foi a principal mudança que tornou a internet como plataforma, capaz de desenvolver aplicativos que aproveitam os efeitos de rede, e que otimizam o uso da inteligência coletiva. A *web 2.0* também funciona como elemento de inclusão, visto que nesses casos passa a funcionar como uma ferramenta, e o software se transforma em um serviço. É participativo e colaborativo pois é gerado pelo consumidor, sendo o próprio usuário o responsável pela organização do seu conteúdo. Sendo assim já não trata o software como um artefato e sim como um processo de engajamento com seus usuários (O'REILLY, 2006). No caso dos programas de código aberto, os desenvolvedores das plataformas tem o compromisso de abrir seus dados e serviços para reutilização por outros usuários, e como troca podem reutilizar os dados e serviços de terceiros sempre que possível, potencializando a rede; principalmente por que os aplicativos residem no espaço entre os dispositivos, na nuvem, com dados e softwares acima do nível de um único dispositivo (O'REILLY, 2006). O que torna pertinente utilizar mecanismos compartilhados gratuitamente na internet, para a elaboração de iniciativas que podem ser conduzidas pela própria comunidade.

Devido a grande abrangência e alcance que tecnologias que utilizam o *crowdsourcing* podem atingir, as pesquisas já marcam forte presença em meios acadêmicos de diversos países, como exemplo, a Universidade do Minho, na cidade de Braga em Portugal, referência em pesquisas envolvendo tecnologia na Europa, dedica um laboratório especificamente para estudos baseados nesta tecnologia (ALVES, 2014). Em Recife, o tema também foi discutido em março de 2013, durante o XV Encontro da Anapur – Enapur – Desenvolvimento, Planejamento e Governança, o assunto foi abordado pela arquiteta Flávia Neves Maia, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, que apresentou o trabalho de título “*CrowdUrbanismo - Catalisadores de Cidades Criativas na Pós Modernidade*”. O conceito proposto seria uma mistura de *crowdsourcing e crowdmapping*, procedimentos que, segundo a arquiteta, se aliados poderiam auxiliar significativamente na elaboração de projetos urbanísticos, colaborativos e participativos (MAIA, 2015).

⁶ Tim O'Reilly foi o primeiro a definir o conceito da Web.2. É um dos maiores especialistas no assunto e como também das novas tendências ligadas a internet WEB.2.

O argumento de Flávia Maia (2015) pode ser reforçado com projetos bem sucedidos que utilizaram aplicativos semelhantes, é o caso do *B the Cit for The Cit*, em Nova York (CITY, 2015), projeto lançado pela Secretaria de Mobilidade da Cidade de Nova York, utilizou com uma de suas etapas um aplicativo para que a sociedade civil pudesse ajudar na elaboração de um programa para um concurso público de planejamento urbano. Em São Paulo (URBANA, 2015), gestores também fomentaram a participação popular através de aplicativos, quando dividiram com a sociedade a construção do Plano Diretor lançado em 2014, como também a aprovação de novos projetos urbanos. Em Pernambuco o projeto pioneiro foi o ColabPE (2014), que é utilizado pela sociedade para relatar problemas na cidade do Recife. Este mesmo formato também é utilizado na cidade de Vitória de Santo Antão (CIDADÃ, 2015), interior do Estado de Pernambuco, quando a Câmara Municipal, que também tem a colaboração da população, para através de um aplicativo informar problemas presentes no contexto urbano, como buracos, semáforos quebrados entre outros. Nestas cidades, as ações apresentaram um grande engajamento da sociedade civil graças às iniciativas dos gestores que acabam promovendo participação em sua gestão. Alguns teóricos atribuem o sucesso de tais aplicativos, dado o fato de possuírem sua formatação utilizando o perfil interativo da *web 2.0* (HOWE, 2008) (O'REILLY, 2006).

A assertividade e capacidade de utilização de aplicativos para o planejamento das cidades, e são abordadas por Brabham (2009) que enxerga o *crowdsourcing* como um facilitador do planejamento urbano obtido através do conhecimento local, pois segundo o autor, o não-especialista pode acrescentar *insights* sobre os espaços e o meio ambiente que a disciplina de planejamento poderia nunca ter abordado, ou pode já ter esquecido. Brabham (2009) acrescenta que o desafio para os planejadores urbanos é encontrar a melhor forma de aproveitar intelecto coletivo através de soluções projetuais criativas.

Goldstein (2012), também é otimista ao defender que aliar aspectos de resiliência ao uso de aplicativos é algo que vai além de uma simples ferramenta, principalmente porque a função colaborativa, principalmente pelo perfil interativo, proporciona uma capacidade de adaptação que reforça a ligação com o lugar e possibilita um olhar otimista para alternativas perante as adversidades, o autor ainda ressalta a importância do aspecto transformador do *crowdsourcing* afirmando que suas narrativas são uma maneira de "...expressar o significado subjetivo e

simbólico de resistência, aumentando a nossa capacidade de envolver múltiplas vozes e permitir que os processos de auto-organização possam decidir o que deve ser feito” (GOLDSTEIN, 2012, p.3).

Sendo assim, para a fundamentação do presente estudo se investigou uma linha de construção que discutisse a colaboração da população. Dessa maneira, procurou incluir os conceitos que envolvem resiliência⁷, mais especificamente na resiliência comunitária, para um melhor entendimento, intencionando fazer uso dos conceitos da resiliência como ferramenta a ser utilizada nos projetos de planejamento das cidades, dado sua crescente importância nas comunidades.

Pensamento encontrado nos discursos de Koen de Wandeler⁸ (2014), quando afirma que para reinventar uma cidade, é necessário envolvê-la em um nível de "resiliência social" e, assim, enfrentar os desafios apresentados pelo desenvolvimento urbano, sejam eles de crescimento ou de adversidade. O autor descreve a resiliência, vista de uma maneira geral, como a capacidade de um sistema sobreviver, adaptar-se e crescer em face à mudanças imprevistas. No entanto, adverte que a resiliência social reflete o "capital humano" do sistema, incluindo trabalho em equipe, lealdade de seus membros como também a força de seus relacionamentos e alianças, e por fim a coesão comunitária. Amplamente determinada por características da comunidade, dependendo da estrutura e dos processos em que interagem, nas quais as narrativas culturais são o elo forte dessas interações. Portanto, o ambiente construído constitui um dos principais meios de comunicação e como forma de expressar e reproduzir estruturas e processos sociais. Em seu artigo, também citou a distinção que o sociólogo francês Michel de Certeau criou entre "táticas" e "estratégias". Onde as práticas cotidianas "táticas" são as ferramentas com as quais grande parte da população respondem contra o poder ou ordem rígida imposta, "estratégias" (CERTEAU⁹ apud WANDELER, 2014, s/p).

⁷ Celiane Secundo (2012), ao abordar a resiliência comunitária, refere-se a capacidade coletiva de se sobrepor qualquer problema. Entende as situações de adversidade como desafios que podem ajudar na mobilização da comunidade, a fim de contornar e inovar buscando novas realidades, otimismo pode promover a inclusão social.

100 Cidades Resilientes-100RC da Fundação Rockefeller e Ove Arup, financia ações de agentes comunitários em todo o mundo, desde que se mobilizem em prol de promover as cidades resilientes. A fundação enxerga a resiliência como "...a capacidade de indivíduos, comunidades, instituições, empresas e sistemas dentro de uma cidade, para sobreviver, se adaptar e crescer, não importa que tipo de estresse crônico e choques agudos experimentem"(ROCKFELLER,2015).

⁸ Koen De Wandeler mestre em Arquitetura pela St. Lucas Departamento de Arquitetura em Ghent, e Ph.D. em Antropologia pela Escola de Estudos Orientais e Africanos em Londres. É consultor na África e na Ásia de diversas ONGs, UN-ESCAP e do Banco Mundial. E professor na Fac. de Arquitectura da KU Leuven, Bélgica.

⁹No referencial teórico, um tópico será desenvolvido sobre as teorias de Michel de Certeau

É importante citar que existem múltiplos significados para conceituar a resiliência, e que estes vão além do aspecto social e humanitário, ou sobre desastres naturais, alguns outros teóricos já à enxergam como um novo paradigma de saúde, principalmente quando aborda a busca de qualidade de vida, do trabalho coletivo, da comunidade e das instituições, favorecendo a busca da cidadania e de maior igualdade social, como elementos de integração e adaptação (OJEDA, 2006 apud SECUNHO, 2012 p. 21).

Dessa forma, a conceituação do aplicativo proposto como novo modelo de escuta popular, buscou envolver os princípios de colaboração, participação, inclusão e táticas. Foi idealizado para possibilitar inovação, agilidade e conhecimento com baixo custo, cuja principal recompensa nem sempre é o retorno financeiro e sim o sentimento de pertencer a algo que movimenta a comunidade.

Sua formatação permite que cada morador, de qualquer lugar, a qualquer momento, possa interagir de forma colaborativa e voluntária com o mapa de seu bairro, e relatar o que considera viável para novos usos e espaços a serem instalados na sua rua ou bairro. Além de facilitar a captação do diagnóstico de necessidades, indiretamente, ao utilizar a tecnologia *crowdsourcing*, o aplicativo, através da participação, tem a intenção de fomentar a resiliência comunitária ao elaborar dentro da comunidade testada um olhar coeso e único sobre o potencial de seu bairro. Outro aspecto importante é que pode auxiliar no desenvolvimento de ações preventivas “táticas” contra as adversidades, através de diretrizes que podem incluir medidas que garantam renda e trabalho para moradores antigos, garantindo assim a sua resiliência em áreas de conflito. Como resultado, é possível obter após certo período, uma coleta dos dados gerados em tempo real com mapas georeferenciados, capazes de expor um panorama, sem intermediações, das vontades e necessidades do cidadão comum, sem interferência de técnicos e gestores públicos.

A consolidação desses mapas, funciona como uma espécie de diagnóstico que pode posteriormente ser transformado um caderno de diretrizes, ou seja, em táticas comunitárias, cuja a finalidade é ser entregue ao poder público para que possam analisar, e, se possível, formular com maior assertividade, estratégias que incluam a visão da comunidade em novas expansões urbanas. É importante reafirmar que o aplicativo aqui desenvolvido, por se ter sido criado em uma plataforma *open source* poderá ser utilizado e re-parametrizado por qualquer

comunidade que tenha interesse em gerar diretrizes, de forma democrática, participativa e transparente.

Como o aplicativo depende exclusivamente da participação social, foi necessário buscar a compreensão além das novas formas de participação, e investigar como surgiram os problemas advindos de reformas urbanas e, também por que criam impactos tão fortes principalmente nos aspectos social e econômico. Analisou-se teóricos como David Harvey (2014), que questiona muitos críticos do urbanismo quando afirmam sobre a conjuntura e o modelo da construção das cidades, atribuindo o desenvolvimento descontrolado das cidades como resultado do caos pós segunda guerra mundial. O que Harvey (2014) questiona é que esses críticos esquecem e não avaliam o papel do cidadão dentro da construção das cidades. O autor também lembra que estes modelos de desenvolvimento modernistas, e cidades capitalistas e democráticas começaram a deteriorar-se em meados da década de 60, pois já apresentavam problemas e sinais de fragilidade e dessa maneira passaram a ser estudados. É o caso de Jane Jacobs (2011), e de William H. Whyte (1980) que na maioria de suas investigações, pretendiam entender o comportamento social no cotidiano urbano, a cidade e os seus aspectos qualitativos, dando especial atenção para a monotonia dos espaços; para as ruas vazias de pessoas, e principalmente, a necessidade de se promover uma maior mistura social através da diversidade dos usos.

Em 1964, por exemplo, uma das pesquisas da socióloga Ruth Glass estudou a problemática da Gentrificação, um conceito que ilustra a maioria das comunidades ao enfrentarem projetos de reurbanização e expansão em centros urbanos (LIMEIRA, 2012).

Ao aprofundar-se nos problemas e conflitos citados, que fazem parte da maioria dos debates acadêmicos brasileiros acerca da produção dos espaços e do papel das comunidades nas cidades. Um ponto de destaque foram os debates que procuram entender por que, apesar da democrática e inclusiva Constituição Brasileira de 1988; na maioria das cidades o planejamento urbano continua sendo elaborado através de modelos de ação hierárquica, ou seja, de cima para baixo, com gestores que implantam estratégias nem sempre coerentes com as necessidades da comunidade existentes nas áreas em desenvolvimento. Na análise de vários teóricos, percebeu-se que esta visão é compartilhada por alguns autores. Souza (2004), por exemplo, afirma que os planos diretores elaborados a partir da década de 90, na grande

maioria não se preocupavam em potencializar a participação popular. Na verdade, os planejadores voltavam seus olhares para as técnicas do instrumento em si e esqueciam da população (SOUZA, 2004). Nos discursos dos autores citados, os elementos comuns, considerados como geradores dos grandes problemas urbanos são o lobby junto a políticos que determinam o uso do solo, a burocracia do sistema público, a falta do trabalho e moradia, a falta de boas condições de qualidade de vida, onde a segregação e decisões erradas demonstram a presença de gestores ainda autoritários. Citam também o comportamento omissivo que a sociedade brasileira adotou, onde a maior parte entende que seu papel cívico só é útil a cada 2 anos, pelo voto prestado nas eleições, discursos estes nos textos de Nádya Somekh (2010), Alves (2009), Souza (2004) e Quinto (2012).

Nádya Somekh (2010) acrescenta que as cidades brasileiras estão caóticas, apresentando uma urbanização "difusa e fragmentada". E que mesmo inseridas em um contexto que envolve a existência dos planos e leis, as cidades não parecem obedecer regras claras, não se preocupam com a desigualdade com os menos favorecidos, que na maior parte vivem em péssimas condições.

Em suas críticas a autora também responsabiliza a sociedade civil por tal situação, pois acredita que parte do contexto é potencializado pelo comportamento omissivo da sociedade brasileira, que não domina as oportunidades como as disponíveis no Estatuto das Cidades (2001), que garante e legitima "... o direito à cidade sustentável, à gestão democrática com participação popular, à justa distribuição do processo de urbanização e a proteção e preservação do patrimônio e do ambiente" (SOMEKH, 2010, p. 13). Para a autora tais regras ainda são de difícil compreensão e utilização da população brasileira, não acostumada com este tipo de atuação cívica (SOMEKH, 2010).

O Estatuto das Cidades - Lei Federal de nº 10.257/ 2001, é o mecanismo jurídico que garante, mais detalhadamente, a implantação dos artigos 182 e 183 da Constituição de 1988, artigos estes relacionados à questão social da terra. A lei é de fundamental importância, pois em seu artigo 43 abre caminho para a comunidade se expressar nas audiências públicas e ou assembleias decisórias sobre orçamentos participativos¹⁰ e ainda no inciso IV, no qual permite

¹⁰(SOUZA E RODRIGUES, p.78, 2004) afirmam que "orçamentos participativos são uma possibilidade de abertura de participação popular na gestão dos recursos públicos...para ser realmente autêntica deve ser deliberativa e não apenas consultiva".

que organizações da sociedade civil possam ter“... a iniciativa popular de projeto de lei e de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano” (CIDADES, 2001).

Porém, apesar da democrática estrutura das leis brasileiras, é questionável, o que se produz nas cidades brasileiras, pois não existem centros de estudos sistemáticos para avaliar sociedade x legislação x espaço urbano (QUINTO, 2013).

Diante do exposto, como fazer com que a comunidade seja participativa? Como promover um espaço urbano em declínio sem promover a segregação? Estes foram os problemas que o aplicativo pretende responder.

Para que o aplicativo proposto pudesse ser testado, fez-se necessário escolher uma área onde houvesse dilemas e conflitos entre comunidade e planos de expansão urbana. Sendo assim optou-se por um trecho conhecido como Quadrilátero de Santo Amaro, situado no bairro de Santo Amaro, na cidade do Recife, em Pernambuco. A pequena área do bairro foi assim intitulada após estudo de mobilidade e expansão urbana elaborado pelo Instituto Pelópidas da Silveira (SILVEIRA, 2014), a pedido da Prefeitura Municipal do Recife - PCR.

A escolha tornou-se pertinente diante dos inúmeros protestos de moradores, que relatam suas preocupações e inseguranças em relação ao futuro da comunidade que, representada por diversas associações, vem insistentemente pleiteando novos esclarecimentos para PCR sobre projetos elaborados para a área. Os protestos ganharam força na mídia, quando vários periódicos em suas manchetes davam voz à várias entidades, como à do grupo comunitário #ResisteSantoAmaro (RESISTE, 2015), da Associação dos Moradores da Ilha de Santa Terezinha, como também da Associação Amigos da Aurora (MENDES,2015)(AURORA, 2015). O Diário de Pernambuco, em 05 de dezembro de 2014, destacou em manchete: “Moradores de Santo Amaro querem ter voz no projeto urbanístico”. A Folha de Pernambuco, em 18 de janeiro de 2015, estampou em primeira página: “Moradores fazem atos em prol da Rua da Aurora” (PERNAMBUCO, 2015).

A tônica nas reportagens é a mesma: os moradores insistem em solicitar uma maior participação da sociedade civil nos processos de decisão e nos projetos de requalificação urbana, reivindicando principalmente seguranças nas ruas, transparência, melhores espaços

públicos, revitalização de calçadas, habitabilidade¹¹, esclarecimentos sobre impactos e mitigações dos novos empreendimentos com construções iniciadas em trechos da Rua da Aurora e adjacências (PE, 2015).

As reclamações são fruto do desenvolvimento previsto para a área, já que o Plano Diretor em vigor desde 2008 dispõe de coeficientes construtivos que chegam a Cu 5,5 em seu zoneamento, facilitando dessa forma a instalação de espigões comerciais e habitacionais, como também equipamentos de grande porte, o que pode causar um forte impacto na região, principalmente nas diferenças sociais com os antigos moradores. Atualmente poucos são os empreendimentos com este porte na região, o que gera um conflito com antigos moradores cuja renda média mensal familiar é muito baixa, como exposto nas informações do censo de 2010 pelo IBGE, como também pelo site da PCR (IBGE, 2015); (RECIFE, 2015). A prefeitura também implantou outros incentivos que buscam promover um novo conceito de bairro, com foco tecnológico e na economia criativa¹², através da lei de incentivo fiscal para o Porto Digital-Lei nº 17.762/ 2011((DIGITAL, 2015); (MENDES, 2015).

Os protestos, parecem ser uma válida fonte de preocupação, já que tornam clara e indiscutível a hipótese de conflitos sociais. Os argumentos dos moradores passam por dois temas, o primeiro é evitar que a expansão aconteça a fim de proteger a permanência da população de baixa renda contra a possível expulsão para áreas de risco e ou periferias; a gentrificação. A segunda passa pelos protestos dos moradores da rua da Aurora, que solicitam reforma dos espaços públicos e equipamentos ali instalados, exigindo da gestão pública reforma e manutenção dos mesmos.

Como consequência da falta de comunicação com gestores, a comunidade adota uma postura que só enxerga os aspectos negativos da gentrificação: nas discussões parecem não se questionar por que tais espaços públicos foram tão degradados, se estão abandonados, bem provavelmente não foram utilizados, e se não foram utilizados bem provavelmente demonstra que não atenderam as necessidades da comunidade. Insistem em enfatizar críticas que são

¹¹Habitabilidade: as condições se referem não apenas às questões relacionadas à unidade habitacional em si, mas à configuração urbana, de posse da terra, de oferta de infra-estrutura, equipamentos comunitários e serviços públicos, condições de higiene e salubridade bem como de acesso e mobilidade que envolvem todos os tipos de assentamentos precários (VILAÇA & MORA, 2004, p. 05).

¹²Para Landry (2013, p. 15) Entende-se que o termo economia criativa, significa uma economia guiada pelo conhecimento, pela inovação, novas formas de aprendizado. Novos tipos de serviços e novos cenários.

atribuídas apenas aos gestores públicos, isentando os cidadãos de qualquer responsabilidade. Postura essa que ilustra bem o comportamento criticado por Somekh (2010) e Quinto (2013).

Isso posto, é admissível sugerir que a sociedade, que adota uma postura reativa que só protesta, é pouco participativa e pouco atua em transformações efetivas e conseqüentemente não se organizam para elaborar propostas. Com tal cenário, o presente estudo buscou abordagens mais otimistas, que pudessem propor uma nova leitura aos protestos da comunidade de Santo Amaro, como o percebido no discurso de Luiz Amorim¹³, que em entrevista à Folha de Pernambuco em 2013 afirmou que "...é preciso gentrificar sem segregar (BEZERRA, 2013), referindo-se a requalificação do centro do Recife. Amorim afirmou que acreditava ser possível aliar desenvolvimento à políticas públicas capazes de integrar a diversidade de uma sociedade, onde o termo gentrificação poderia ser substituído por enobrecimento (BEZERRA, 2013).

Visões que tratam a gentrificação como agente potencializador da comunidade também é tratado por Loretta Less (2008) em seu artigo *Gentrification and Social Mixing: Towards an Inclusive Urban Renaissance?*, publicado na *UrbanStudies*, que aborda a gentrificação como solução para tornar as comunidades menos segregadas, pois benefícios das comunidades urbanas socialmente mistas são inquestionáveis para se promover "cidades sustentáveis". No entanto, essas novas políticas exigem atenção crítica no que diz respeito à sua capacidade de produzir um renascimento urbano inclusivo e participativo (LEES, 2008).

Percebe-se portanto que uma das soluções para possíveis conflitos, na visão dos teóricos citados, baseia-se na mistura social para promover a inclusão dos que sofrem com as desigualdades perante novas reformas urbanas. Ressaltam também que é necessário encarar a problemática da gentrificação com um olhar crítico e ao mesmo tempo com um certo otimismo; quando acreditar na adaptação, ou seja acreditar em uma visão resiliente incentiva a busca de meios que possam conciliar com harmonia o desenvolvimento é a solução. Apesar de polêmicos os argumentos até aqui expostos podem ser inseridos no contexto da comunidade de Santo Amaro, mas geram questionamentos do tipo: seria possível criar uma aproximação dos atores sociais, do poder público e dos círculos decisórios no que se refere à

¹³ Luiz Manuel do Eirado Amorim – PhD, University College London, The Bartlett , Áreas de Atuação: Projeto de Arquitetura, Sintaxe Espacial, Conservação da Arquitetura Moderna. Professor Associado III da UFPE

necessidades básicas dos moradores? É possível estabelecer uma efetiva escuta da comunidade, de maneira ágil, dinâmica e barata, levando em consideração a real ameaça dos impactos sociais?

O aplicativo proposto surgiu como uma possível resposta, e de certa maneira, incentivou boas práticas comunitárias ao trazer moradores para atuar na elaboração e desenvolvimento de cenários sustentáveis para o bairro. Buscou utilizar a força da mobilização da sociedade civil já iniciada em protestos, e canalizá-la para percorrer um caminho inverso às manifestações, auxiliando na elaboração de uma nova proposta para a área, incentivando a comunidade à adotar uma postura resiliente e proativa, tratou as adversidades como oportunidades ao construir táticas através dos preceitos do Novo Urbanismo, acrescentando soluções baseadas na diversidade dos espaços públicos como elemento de proteção e garantia de permanência da população no local. Utilizou a inteligência coletiva para a elaboração de diretrizes que atuassem em prol do que consideram seu futuro ideal.

A metodologia adotada passou por 5 etapas: 1) buscou-se entender as novas possibilidades de participação e inclusão comunitária, da gestão pública e dos ativismos sociais nas abrangentes transformações urbanas; 2) os conceitos contemporâneos acerca da resiliência e da construção do futuro das cidades nos debates acadêmicos, incluindo-se teorias desenvolvidas por Jane Jacobs (2011); dos estudos de William H. Whyte (1970) com a ONG *PPS-Project for Public Spaces* (PPS,2015); as diretrizes do Novo Urbanismo incluindo os conceitos da Gehl Architects e os da *NCI Charrete S stem, do Urbanismo Sustentável* de Douglas Farr (2013);

3) o uso dos dados e tecnologia no planejamento. Nas últimas etapas 4) levantou-se estudos de caso com características que contribuíssem desde a parametrização do aplicativo até a escolha de opções para novos usos, sendo apresentados em três categorias: gestão pública, participação popular adotando tecnologias colaborativas e uso do *crowdmap*; estudos sobre resiliência comunitária, e por último, o planejamento urbano baseado no Novo Urbanismo. Na etapa 5) executou o lançamento do aplicativo e a consolidação dos dados, que mapeou as necessidades da comunidade do Quadrilátero de Santo Amaro. Gerando um documento único, todo o resultado foi organizado em um caderno de necessidades que pode ajudar aos moradores à comunicar-se com as autoridades de forma clara e ordenada. O documento é o anexo apresentado ao final deste estudo.

1.REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo compreende a fundamentação teórica necessária para elaboração do presente estudo. Faz uma breve contextualização dos contextos urbanos, como também dos debates sobre o papel da gestão pública e dos ativismos sociais nas abrangentes transformações urbanas, contexto este marcado pela globalização, pelo avanço das tecnologias, pelos planos diretores, e pela participação popular. O referencial discorre sobre a crescente utilização dos conceitos do Novo Urbanismo no planejamento das cidades, e insere a resiliência e seu uso no planejamento urbano, mais precisamente a resiliência social e comunitária, expostos através de conceitos contemporâneos no âmbito acadêmico. Pretende esclarecer as novas tendências que utilizam dados a favor dos projetos de planejamento das cidades. Por fim serão os aspectos que envolvem o panorama da plataforma *crowdmap* e sua utilização para o planejamento urbano.

1.1 CONTEXTOS URBANOS

As transformações advindas de reformas urbanas, geram grandes impactos principalmente nos aspectos social e econômico. Harvey (2014), comenta que muitos críticos do urbanismo responsabilizam a conjuntura da construção das cidades a partir da década de 1950, como consequência direta do caos instalado no período pós Segunda Guerra Mundial. Por este motivo surgiu a necessidade da estabilidade econômica e social, e da indispensável reconstrução e renovação urbana das cidades, somando ao contexto da época o desejo de novos projetos de planejamento que retratassem uma nova história, acabaram por sua vez, resgatando os preceitos do modernismo como, por exemplo, a produção em larga escala e a racionalização dos projetos. Segundo Harvey (2014), os gestores daquela época acreditavam que o modelo de produção e planejamento utilizados na guerra poderiam ser úteis à reconstrução, o que coincidia com o modelo modernista. Dessa maneira acabaram utilizando principalmente a racionalização do planejamento, e abertura de vias facilitando o uso dos automóveis.

Apesar de criticar o que chamou de “planejamento tecnocêntrico”, Harvey (2014) também afirma que tais características tornaram possível “...prover rapidamente o pleno emprego, educação, saúde e por último habitação para a classe trabalhadora “ (HARVEY, 2014, p. 71). Porém, logo em seguida ao desenvolvimento destas novas cidades capitalistas e democráticas,

em meados dos anos de 1960, o modelo modernista começava a dar sinais de fragilidade e passou a ser altamente atacado por vários teóricos. Naquela década, mais especificamente em 1964 surgiram as pesquisas da socióloga Ruth Glass, porém seu discurso tratava especificamente da problemática da segregação, ou como intitulou a autora Gentrificação¹⁴, conceito criado para caracterizar inicialmente o movimento social gerado em áreas urbanas requalificadas onde a valorização dos imóveis forçava antigos moradores a deslocar-se para as periferias, dando lugar às classes mais abastadas (LIMEIRA, 2012). Contudo, segundo Limeira (2012), à vista de alguns teóricos, o tempo gerou variações como *rural gentrification*, *super gentrification*, e a *new-build gentrification*, sendo esta última a mais comum no Brasil, caracterizada particularmente quando incorporadores sob as bençãos dos gestores se instalam em antigos centros degradados dando-lhe uma nova roupagem.

Da mesma problemática da requalificação de antigos centros urbanos, tratam os estudos de Cecilia Vivant (2012), que exploram as repercussões sociais quando comunidades artísticas e ou de economia criativa se instalam em áreas degradadas. Afirma que ao requalificar tais áreas com novos usos e novos moradores, são ignorados os possíveis impactos e conflitos que podem surgir entre os novos e antigos moradores, conflitos estes que passam desde hábitos cotidianos de estilo de vida, até o acesso a serviços básicos que se tornam mais onerosos para a antiga população.

Ou seja o modelo monofuncional modernista, da gentrificação e do planejamento urbano voltado para o capital imobiliário, servem para ilustrar o que vem acontecendo nas cidades brasileiras. Por este motivo nos últimos anos, encontros nacionais e internacionais estão buscando encontrar meios de resolver tais problemáticas. As abordagens que prevalecem envolvem a especulação imobiliária e os super adensamentos nas cidades. Assuntos que estiveram presentes em alguns eventos do ArqFuturo, evento realizado anualmente, que discutem internacionalmente o futuro das cidades. Alguns temas debatidos pelos participantes permearam principalmente a habitação social; as formas de criar e manter vivos os espaços públicos e os centros de cultura e lazer. Temas abordados no Arq Futuro foram: A cidade e a Arte (2013), a Cidade e a Água (2014), e Cidades Performáticas (2014). No evento de 2012, o

¹⁴ Conceito lançado pela socióloga britânica Ruth Glass, e desenvolvido posteriormente por Neil Smith, Loretta Less entre outros.

cerne era o adensamento nas cidades, abordando principalmente o gigantesco adensamento das cidades, que carregam enormes problemas advindos da expansão urbana., o evento de 2013 destacou o crescente papel da tecnologia nas cidades.

Sérgio Magalhães, professor da FAU-UFRJ, durante o debate Arq Futuro, "São Paulo na Encruzilhada" em 2012, chamou a atenção para o fato de que em 1940 havia 2 milhões de domicílios urbanos no Brasil, já no censo de 2010 o país já apresentava 60 milhões. Afirma ainda que cerca de 30% dessa população urbana vive em favelas e ou áreas carentes, podendo em 2015 chegar a 45% (ARQFUTURO, 2012). Ou seja, discutir a inclusão dessa população urbana integrando-a a sociedade é o grande desafio da atualidade. Como exemplo é possível citar que, no início do século XX, os centros urbanos detinham cerca de 10% da população mundial, hoje este percentual já atingiu o patamar de 54%, que segundo a ONU (2014), em 2050 chegará a 66%. Este cenário promove uma maior preocupação sobre o futuro das cidades, principalmente as ações tomadas pelos seus planejadores.

Tal desafio também esteve presente no relatório de 2007 da UNFPA, Fundo de População das Nações Unidas, órgão ligado a ONU, discutindo o crescimento urbano mundial, apresentando um diagnóstico sobre o crescimento da população:

... encontrou-se a estimativa de que até 2030 deverá chegar a quase 5 bilhões habitantes. Porém a grande maioria será de pobres. O futuro dessas pessoas; o futuro das cidades nos países em desenvolvimento; o futuro da própria humanidade dependerá das decisões que agora forem tomadas em preparação para esse crescimento. Afirmam que o crescimento é inevitável e pode parecer ameaçador, porém é possível se tornar positivo, pois nenhum país na era industrial conseguiu crescimento econômico sem se urbanizar (UNFPA. 2007, p.1).

Porém, para se entender melhor a causa destes debates, e suas problemáticas, é necessário entender o contexto de como estas cidades se formaram, e como, e por quem o discurso atual foi influenciado. Dessa forma, a investigação buscou entender o contexto, tanto por parte dos gestores como também da sociedade. Exposta nos próximos tópicos.

1.1.1 Relatos sobre transformações urbanas.

Fora a necessidade do pós guerra, Harvey (2014), entende que o surto modernista pode ter sido sustentado pela conjuntura política econômica e pela variedade de construções possíveis, e não apenas pelo pós-guerra propriamente dito. Harvey (2014), acredita que logo em seguida ao desenvolvimento da década de 60, o modelo modernista passou a ser altamente atacado por

vários teóricos, pois as construções já apresentavam problemas, principalmente por já estarem em uso.

Os argumentos que ganharam mais espaço, começaram com Jane Jacobs (2011), que alertava sobre o perigo do crescimento desenfreado das cidades. Suas investigações pretendiam entender o comportamento social no cotidiano urbano; a cidade e os seus aspectos qualitativos, concedendo especial atenção para a monotonia dos espaços; criticando as ruas vazias de pessoas, e principalmente a necessidade de se promover uma maior mistura social através da diversidade dos usos (JACOBS, 2011). Como eixo central dos seus questionamentos, culpava gestores e incorporadores racionalistas com o argumento de que "... a identidade da cidade estava sendo perdida, tendo sido racionalizada e automatizada para o consumo de massa de bens materiais" (JACOBS, 1960 apud HARVEY, 2014, p.15).

Visando estimular uma variação de pontos de vista comumente discutidos, Harvey (2014) apesar de respeitar a autora, utilizou o que chamou de contraponto ao discurso de Jane Jacobs (2011) utilizando o pensamento de Jonathan Raban, em seu livro *Soft Cit* de 1974. Segundo Harvey (2014), Raban (1974) acreditava que a cidade na verdade sucumbia diante da disseminação do individualismo, onde a distinção social era feita através de posses e pela aparência, não necessariamente pela ação dos planejadores, ou por puro racionalismo, como Jacobs disseminava. Harvey (2014) dá grande importância ao discurso de Raban (1974), pois acredita que torna possível entender que a cidade não era refém do totalitarismo dos planejadores como pregado por Jane Jacobs, para Harvey (2014) Raban via a cidade em sua total complexidade, totalmente indomável, onde as pessoas tinham total liberdade de ir e vir; na cidade moderna a identidade pessoal tinha se tornado interminavelmente aberta a imaginação. Por isso a cidade seria moldável, bastaria o indivíduo decidir como gostaria de viver nela. No entanto, essa total liberdade fez surgir algumas vulnerabilidades humanas, como a violência e o pesadelo totalitário (RABAN, 1974 apud HARVEY, 2014, p17). Entre algumas abordagens de Raban estão por exemplo:

...o morador da cidade não era alguém necessariamente dedicado a racionalidade matemática; ... a cidade era um teatro, uma série de palcos em que os indivíduos podiam operar sua própria magia distintiva enquanto representavam uma multiplicidade de papéis (RABAN, 1974 apud HARVEY, 2014 p.15).

Será que vivenciamos uma sociedade que vive em cima de um palco, atuando o tempo inteiro? Percebe-se portanto, que o contraponto citados por Harvey (2014) que confronta a abordagem dos dois autores citados, e criam uma reflexão quanto a responsabilidade sobre as tais vulnerabilidades dentro das cidades. Estariam elas ligadas apenas ao indivíduo, ou teriam a participação autoritária do planejamento urbano tradicional? Ou ainda, dos interesses políticos econômicos? Uma possível sentença, seria que é possível enxergar outros fatores, e não apenas o planejamento como responsável pelos problemas, o texto conduz ao pensamento de que os moradores também influenciam no resultado da formação cidade; suas vontades e desejos, os papéis que assumem enquanto cidadão, podem influenciar o resultado final destas cidades.

Harvey (2014), também considera tais debates como o início do movimento pós moderno, que procurou incessantemente descobrir a estética da diversidade, e utilizou o pensamento de Charles Jencks para ilustrar a diversidade pós moderna. Importante destacar que na época já abordava a participação através da tecnologia, como potencializadores das grandes mudanças:

...em primeiro lugar, as comunicações contemporâneas derrubaram as fronteiras usuais do espaço e do tempo, produzindo tanto um novo internacionalismo como fortes diferenciações internas em cidades e sociedades baseadas no lugar, na função e no interesse social...num contexto com tecnologias da comunicação e de transporte capazes de lidar com a interação social no espaço de maneira bastante diferenciada. ...formas urbanas dispersas, descentralizadas e descontraídas são hoje muito mais factíveis tecnologicamente do que antes. ...segunda mudança tecnológica são as novas tecnologias (principalmente as de modelos computadorizados), que dissolveram a necessidade de se conjugar a produção em massa com a repetição em massa, permitindo assim uma produção em massa flexível (JENCKS, 1984 apud HARVEY, 2014, p.76).

Para Harvey (2014), a responsabilidade de tais problemáticas consiste no que Charles Jencks debateu em suas críticas afirmando que na atualidade, as cidades presenciam projetos urbanos“...desavergonhadamente orientados para o mercado, que na maioria das vezes trabalha para atender as necessidades dos consumidores ricos e privados, e não dos pobres e públicos”(JENCKS, 1984 apud HARVEY, 2014 p.78). Porém acredita ser reversível tal abordagem desde que se criasse:

...um sistema democrático e igualitário de planejamento baseado na comunidade e que atenda as necessidades dos ricos e dos pobres. Isso pressupõe, no entanto, uma serie de comunidades urbanas bem formadas e coesas como ponto de partida num mundo urbano que está sempre em fluxo e transição (HARVEY, 2014, p. 78).

Os princípios reforçam a necessidade da cooperação entre ricos e pobres, pois como estão inseridos no crescimento desenfreado das cidades, devem se preocupar como um todo. E caso

não aconteça um controle com políticas ou táticas inclusivas, a cidade junto ao desenvolvimento irá cada vez mais ceder a formação de um número maior de favelas que carregam problemas como segregação, desigualdades e violência. Sendo assim, urbanistas, gestores e sociedade precisam encontrar um caminho comum, debatendo as possibilidades futuras. É o que acontece por exemplo no discurso contemporâneo sobre o potencial das "Cidades Sustentáveis", soluções disseminadas pelo Urbanismo Sustentável, e nos 27 princípios da Carta do Novo Urbanismo elaborada pelo Conselho Internacional de Urbanistas

- CNU (2015).

Todos os conceitos se comparados ao contexto do bairro de Santo Amaro, criam a necessidade de investigação a respeito de até onde vai, e de quem é a responsabilidade de gestores e moradores. Será que os atuais moradores exercem o papel citado por Raban (1974 apud HARVEY, 2014 p.15), ou o resultado é fruto de descaso dos gestores?

O presente estudo, não tem a intenção de responder tais questões, na verdade tem a intenção de a partir delas experimentar uma nova proposta de solução que fomente a participação popular, a fim de que se promova proatividade efetiva no comportamento dos cidadãos.

1.1.2 Diversidade e debates a cerca da Gentrificação.

Como dito na introdução deste trabalho, encarar a problemática da gentrificação com um olhar crítico e um certo otimismo; acreditar na adaptação, ou seja acreditar em uma visão resiliente, que incentiva a busca de meios que possam conciliar o desenvolvimento e expansão urbana às comunidades, é um desafio. Referindo-se às literaturas que abordam o tema, Limeira (2012) afirma que não existe um consenso nas opiniões, muito menos uma conceituação clara para que se possa propor um método de se entender a gentrificação. Porém, um elemento é comum na abordagem dos teóricos "...a idéia central da retomada e reanimação de porções urbanas em processo de declínio funcional ou em completo estado de degradação e ociosidade" (LIMEIRA, 2012, p.263). Esta abordagem traduz a gentrificação não mais como uma consequência, e sim como parte integrante de processos estratégicos, funcionando como um facilitador da implantação dos investidores corporativos.

Na abordagem contemporânea: “... (1) o reinvestimento de capital; (2) o *upgrading* social do local pela chegada de grupos de rendas mais elevadas; (3) a mudança na paisagem; (4) a expulsão direta ou indireta dos grupos de baixa-renda” (LIMEIRA, 2012, p.267).

Limeira(2012) afirma ainda que soluções propostas, com modelos baseados no turismo e no comércio, para fomentar áreas antigas fracassaram, e atualmente, o que se busca é uma relação de sustentabilidade baseada na habitação. O problema é que no Brasil ainda não existe registro quanto à ações preventivas empregadas nos planos diretores, onde a única prerrogativa é a inclusão da população de baixa renda e que a revitalização nas cidades brasileiras é marcada por três características: “...(1) é induzida pelo poder público; (2) acarreta processo de exclusão social e (3) tem adesão parcial ou de frequência por parte dos segmentos de renda média e alta”(LIMEIRA, 2012, p.268). Em maior escala é sempre executada através dos interesses do poder público, que muitas vezes não se preocupam com a mudança de usos.

Portanto, o maior desafio para os planejadores atuais perante o enobrecimento é utilizar a gentrificação como uma ferramenta capaz de reverter a ociosidade de determinados locais, “...devendo assim unir os vários setores de forma integrada como nas políticas de transportes, tecnologia da comunicação e habitação. Onde projetos de revitalização e ou expansão urbanas, devem ser dimensionados com métodos de longo, médio e curto prazos” (LIMEIRA, 2012, p.268). Luiz Amorim (BEZERRA, 2013), em entrevista, também afirmou acreditar na solução que possa aliar desenvolvimento às políticas públicas capazes de integrar a diversidade de uma sociedade. Onde o termo gentrificação poderia ser substituído por “enobrecimento” com a inclusão de dinâmicas menos extremas. Citou ainda que

...é preciso gentrificar sem segregar... ...O que não se pode é ter um espaço opaco, em que ninguém transita, sem relação entre os moradores e o tecido urbano, causando um encastelamento da pobreza. O ideal é haver um enobrecimento controlado por meio de políticas urbanas, com zonas de interação e sem grandes disparidades (AMORIM apud BEZERRA, 2013, p.4).

Este debate reforça a necessidade de criar novas formas de planejar, baseadas na comunidade, como sugerido no presente estudo. É o que também irá discutir Richard Rogers (2013), em seu livro *Cidades para um Pequeno Planeta*, quando expressa vários pensamentos críticos sobre o estado atual das cidades. E sugere novos modelos mais inclusivos. Em sua visão, nas últimas décadas os espaços públicos nas cidades, e os espaços entre os edifícios influenciam a

dinâmica urbana. Afirma que a maioria dos planos de desenvolvimento insistem em esquecer as questões sociais, um culto “míope e distorcido” que permite que os ricos ainda possam dar as costas para os recursos naturais, para a poluição e para a pobreza. E de forma recorrente, tem sido “... negligenciado ou dilapidados. Este processo aumentou a segregação da sociedade e criou mais pobreza e alienação, são necessários novos conceitos de planejamento urbano para integrar as responsabilidades sociais”(ROGERS, 2013, p.18).

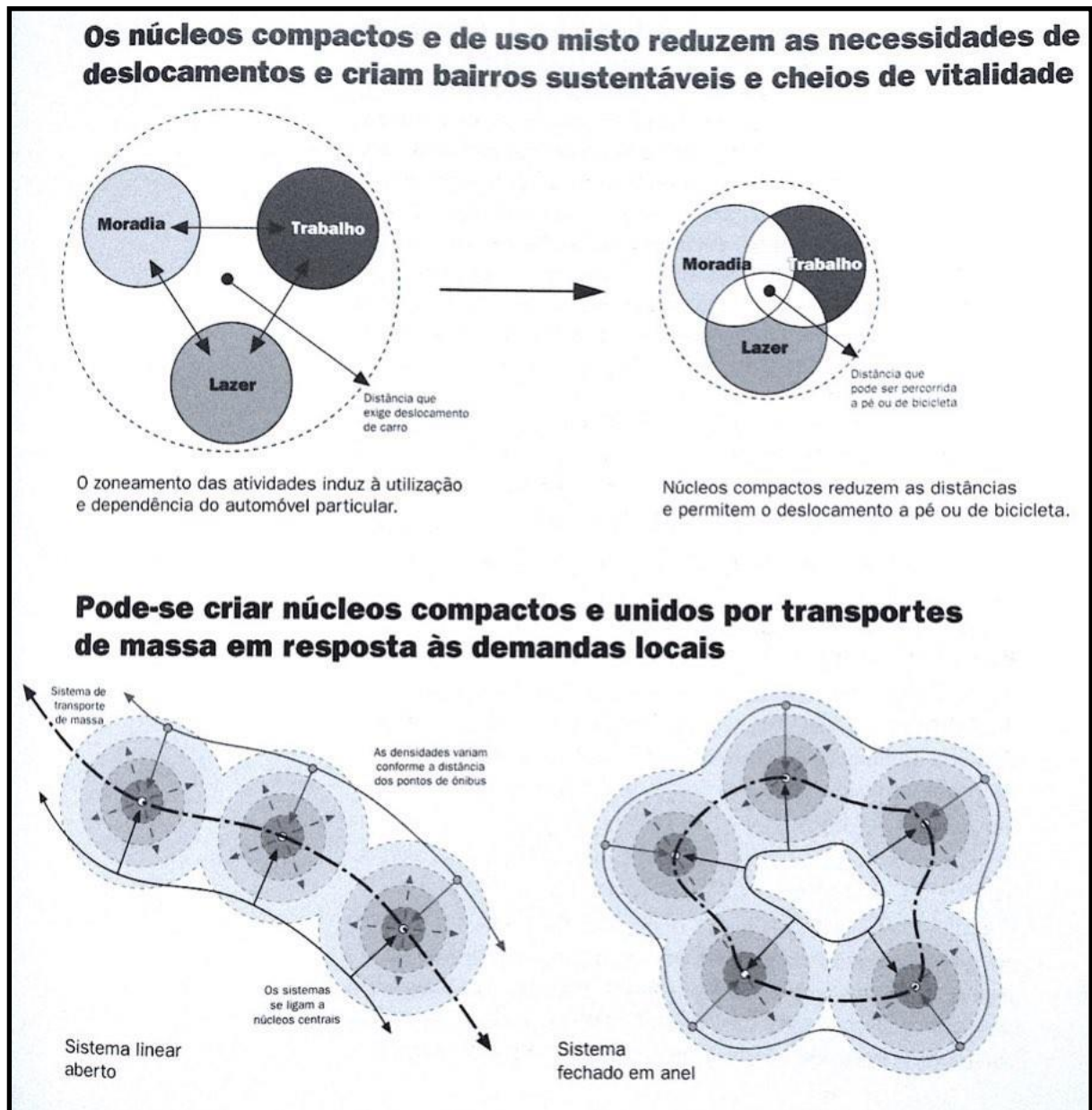
Rogers (2013), crítica o modelo antigo de planejamento das cidades, com zoneamento de atividades e de desenvolvimento monofuncional, que acabam forçando a utilização de carro. Cita o enclausuramento vivenciado pela sociedade, dentro dos seus espaços particulares, e que exterminam o conceito de cidadania. A cidade atual funciona como uma arena de consumo, onde o individualismo e a segregação, são contraditórias a democracia. No meio desse contexto, os espaços públicos e a vida em comunidade entram em declínio. As cidades cresceram de tal maneira, que as pessoas acabaram perdendo a sua percepção, a sua imagem. Questiona ainda que se alguém perguntar a outra o que seria uma cidade, a resposta não viria descrita por ruas, praças ou parques; a resposta imediata seria grandes vias, muitos carros e altos prédios.

Dentro de seu discurso acalorado e cheio de críticas, Rogers (2013), enxerga que os núcleos compactos podem ameniza tal contexto, pois podem reduzir distâncias, podem fomentar diversidade de usos, tanto de atividades como de serviços, e se tornariam compactos e ao mesmo tempo seguros. A cidade compacta cresceria em torno da comunidade como elemento principal, e seria construída para a comunidade. Problemas como mobilidade, mistura social, equilíbrio de uso entre pedestre e carros, planejamento com foco voltado para que as comunidades possam prosperar, podem ter a sua solução no que chama de "Cidade Compacta" ou “núcleos compactos” e explica o modelo da seguinte maneira:

São modelos de cidades que crescem em volta de centros de atividades sociais comerciais junto aos pontos focais, em volta dos quais a vizinhança se desenvolve. A cidade compacta é uma rede destas vizinhanças cada uma delas com seus parques e espaços públicos, acomodando uma diversidade de atividades públicas e provados sobrepostas o mais importante é que garantem trabalho e serviços ao alcance de todos, com poucos deslocamentos (ROGERS, 2013, p.38).

Na figura 01, é possível verificar diagramas com soluções propostas de cidades compactas. Os diagramas explicativos, esclarecem a facilidade do modelo:

FIGURA 01: Modelo de Cidade Compacta de Richard Rogers.



FONTE: Richard Rogers , 2013, p.39.

No contexto brasileiro alguns modelos vem buscando solucionar o problema da gentrificação, e da mobilidade, através de núcleos compactos citados por Richard Rogers (2013). O Plano Diretor de São Paulo (URBANA, 2014), aprovado em julho de 2014, é um exemplo, pois criou medidas parecidas. Para tratar da desigualdade implantou áreas de uso misto e diversidade de serviços e atividades. No quesito moradia e transportes, implantou novas políticas de moradia popular, utilizando áreas e prédios sem uso ou em abandono na cidade, principalmente os próximos aos grandes corredores de transporte, para serem transformados

em habitação popular. Outro instrumento, pretende socializar os ganhos da produção da cidade com o instrumento da Outorga Onerosa¹⁵, que concede alteração no coeficiente de construção, estratégia utilizada para que todas as novas edificações oferecessem uma contrapartida para a verticalização nas zonas previstas pelo plano, ou na forma de insumos financeiros entregues à FUNDURB - Fundo de Desenvolvimento Urbano (URBANA SP, 2014).

A FUNDURB, tem o núcleo dirigido por representantes do Poder Público e da sociedade civil, que futuramente através de ações participativas, vão determinar o destino dos recursos provenientes da arrecadação da outorga onerosa. Com a participação da sociedade nas decisões o plano prevê Polos Estratégicos de Desenvolvimento Econômico e de Economia Criativa próximo aos grandes eixos de transporte público, principalmente nas áreas centrais (URBANA SP, 2014).

Segundo os dados da Secretaria de desenvolvimento, o plano foi feito pela população e para a população e a prefeitura deseja criar “uma cidade mais moderna e mais humana”. Sua maior meta é deixar emprego e transporte cada vez mais perto da população de baixa renda. Para tal elegeram 3 eixos principais de atuação, de desenvolvimento social e econômico: 1) moradia = o plano adotou um modelo de super adensamento, onde a vai investir fortemente em conjuntos habitacionais verticais e grandes edifícios junto aos corredores de transporte público. A cidade inteira deve ter acesso à linhas eficientes de transporte público. Esta iniciativa além de incentivar a implantação de áreas adensadas, ainda facilita o acesso e disponibilidade de mão de obra, 2) mobilidade - a idéia central é orientar o crescimento para as áreas mais servidas de transporte público, com novas vias exclusivas, diminuindo assim o tempo de permanência dos trabalhadores dentro dos transportes e aumentando assim a qualidade de vida, reforçados por 400 quilômetros de ciclovias instaladas por toda a cidade. E por último 3) construir uma cidade para as pessoas, mais humana, com mais calçadas, muito mais parques e praças e mais verde. Pretende potencializar os acordos e arranjos com cidades vizinhas a fim de recuperar áreas de fronteira para formar um cinturão agrícola ao redor de São Paulo, garantindo um abastecimento mais sustentável e saudável (URBANA, 2014).

¹⁵ A **Outorga Onerosa** do Direito de Construir, também conhecida como “solo criado”, refere-se à concessão emitida pelo Município para que o proprietário de um imóvel edifique acima do limite estabelecido pelo coeficiente de aproveitamento básico, mediante contrapartida financeira a ser prestada pelo beneficiário. Disponível em: <http://urbanidades.arq.br/2008/03/outorga-onerosa-do-direito-de-construir/>. Acessado em 15 de março de 2015

Ainda no contexto brasileiro, outra iniciativa enxerga a gentrificação como algo positivo, no Rio de Janeiro em 2013, a ComCat – Organização não Governamental de Comunidades Catalisadoras, organizou um evento para discutir dois pontos que foram a Copa do Mundo de 2014 e o turismo de estrangeiros nas Favelas. O trabalho focou na profusão de potencializadores da gentrificação, e discutiu principalmente a especulação imobiliária gerada por tais mudanças no cotidiano das comunidades (COMCAT, 2013).

Segundo a ComCat (2013), a gentrificação é identificada logo após a valorização dos espaços na alteração das dinâmicas locais, através de novos comércios de estilo ou preço incompatíveis com a média dos moradores, fatores estes que acabam dificultando a permanência de antigos moradores, visto que sua renda é insuficiente para sua manutenção no local, sendo identificada através de 3 aspectos: 1) Mudança econômica – Perda de moradia e comércio acessível, 2) Mudança cultural – Perda da especificidade e caráter, 3) Mudança social – Perda de valores comunitários. No entanto a organização expôs exemplos positivos que representam a resistência perante a segregação, como os casos da cidade Santiago onde 20% moradores recebem subsídios para casa própria, Zurich: 30% da população mora em cooperativas, Londres: 24% recebe aluguel social além da habitação pública (17% p/ Inglaterra) e por último Singapura onde 90% da população mora em habitação pública, todos os casos partiram de iniciativas onde governo e sociedade caminham juntos (COMCAT, 2013).

Na administração de Michael Bloomberg, a Prefeitura de Nova York promoveu um incentivo onde o construtor pode optar por uma alteração no zoneamento, sendo autorizado a construir mais andares, desde que 20% das unidades fossem disponibilizadas para habitação popular. Um exemplo, aconteceu no Brooklin onde 175 unidades de alto luxo destinaram 20% para moradia popular, garantindo dessa forma a inclusão (ADEMI, 2015). Sobre esta contemporânea visão sobre a gentrificação atuando como agente potencializador da comunidade, Loretta Less (2008) no artigo *Gentrification and Social Mixing: Towards an Inclusive Urban Renaissance?*, publicado na *UrbanStudies*, onde afirma que é cada vez mais difundido na Europa e América do Norte, o pressuposto de que a gentrificação vai tornar as comunidades menos segregadas, e que os benefícios das comunidades urbanas socialmente mistas são inquestionáveis nos discursos político e acadêmicos para promoção de “cidades

sustentáveis”. No entanto, a autora afirma que essas novas políticas exigem atenção crítica no que diz respeito à sua capacidade de produzir um renascimento urbano inclusivo. E fala que infelizmente a literatura sobre a mistura social tem se concentrado no Reino Unido, nos EUA e nos Países Baixos, principalmente na Holanda, isto por que tais países aprovaram formas semelhantes de promover a mistura social como parte de suas agendas para o que Loretta Lees (2008) chamou de "renascimento urbano" que incluía políticas voltadas para a resiliência física e social de suas comunidades. Para a autora é possível encontrar aspectos positivos na gentrificação, são eles: "...redução da criminalidade, estabilização de áreas de declínio, aumento de valores de propriedade, aumento de receitas fiscais locais, redução da expansão suburbana, mistura social, redução de guetos, taxas de vacância reduzidos" (LEES, 2008, p.2).

Outro recorrente movimento que envolve a gentrificação é o fomento da economia criativa . Muito estudado por Vivant (2012) que a considera um dos maiores fatores geradores de movimentos sociais, tanto quanto os grandes incorporadores da construção e a famosa especulação imobiliária. Na verdade, segundo a autora, virou uma certa “moda”, comunidades de artistas e ou da economia criativa, se apropriarem de centros urbanos em degradação a fim de redescobri-los e requalifica-los com novos usos e uma nova roupagem. A economia criativa como elemento central, traz uma nova dinâmica de consumo, principalmente pelo alto padrão de remuneração dos que trabalham na atividade. O estudo é uma crítica aos possíveis conflitos de hábitos e estilos de vida perante uma antiga comunidade (VIVANT, 2012).

Diante das várias abordagens dos autores citados, percebe-se nos discursos contrapontos entre prejuízos e benefícios para a vida urbana, quando implantada a gentrificação. No contexto do bairro de Santo Amaro é possível perceber um misto de influências, já que o poder público garante o fomento e a atração do novo perfil criativo para o bairro, e ao mesmo tempo abre caminho para os grandes incorporadores instalarem novos equipamentos na região.

Dessa forma, sem considerar as reais intenções dos gestores, o que se faz necessário é que em paralelo sejam alavancadas um novo tipo de apropriação dos espaços, que permitam a inclusão da comunidade, sem segregação. A mistura social, é portanto, uma maneira de impedir o encastelamento citado por Luiz Amorim (apud BEZERRA, 2013), ajudando a promover novos valores comunitários e culturais. O importante como cita Less (2008), é que

a força da da mistura social impede a formação de guetos, sejam de ricos ou de pobres, e consegue diminuir a violência.

Conclui-se que a gentrificação, encarada como enobrecimento, como citado por Luiz Amorim (apud BEZERRA, s/p 2013), Loretta Lees (2008), Richard Rogers (2013), ou ainda nos direcionamentos da Unepa (2007), encaram a mistura social como agentes promotores de inclusão, e devem vir acompanhadas de políticas voltadas não só para de moradia e trabalho, mas para qualidade de vida e o cotidiano da comunidade, com multiplicidade de atividades e usos.

Acima de tudo colaborativa, a participação da sociedade nesses casos são imprescindíveis para que se obtenha sucesso. Este seria portanto, um bom caminho a ser encontrado para o bairro de Santo Amaro.

1.1.3 Algumas discussões sobre o planejamento urbano brasileiro

O urbanismo brasileiro, ou pelo menos o modelo idealizado seguindo os padrões europeus, ainda não alcançou as expectativas geradas pela Constituição de 1988. Nádia Somekh (2012), afirma que esta é uma visão compartilhada por vários artigos e livros que discutem desde o conceito, até as metodologias hoje utilizadas pela confederação. Muitas visões acreditam na eficiência dos planos urbanísticos europeus, muito referenciados graças ao Plano de Otto Von Bismarck¹⁶ de 1815 na Alemanha, que segundo Quinto (2012), foi um dos primeiros países à elaborar um plano diretor como hoje conhecemos, ou que idealizamos, voltados para as políticas sociais. Este modelo posteriormente, uma referência mundial, vem sendo discutido em congressos sobre as novas formas de organização do espaço urbano. Na época o plano alemão desenvolveu a criação do primeiro Sistema Nacional de Previdência Social e de Políticas Urbanas, que reformulou a formação da cidade, focando principalmente na produção de habitação com interesse social. Construído com políticas e legislações urbanísticas capazes de controlar expansões, zoneamentos, uso do solo urbano, e formulação do banco de terras urbanas para posterior uso em política habitacional, o poder de execução atual da Alemanha é

¹⁶ Otto Von Bismarck, foi pioneiro ao adotar algumas medidas obrigatórias de proteção social (1815-1898) e dentre elas, podem ser citadas: o seguro doença (1883); o seguro acidentes de trabalho (1884); o seguro invalidez e velhice (1889) e o seguro específico de condições de trabalho (1889-91). O modelo do Estado de Bem-estar Social implantado por Bismarck na Alemanha foi sendo gradualmente adotado por outros países industrializados, como a Inglaterra, a Noruega, a Suécia, a Dinamarca, a França e os Estados Unidos, à medida que estes também sofriam a pressão de movimentos reivindicatórios liderados pela classe trabalhadora (ACADÊMICO, 2015)

municipal, mas quem dita a lei é o federal. Porém segundo Quinto (2013) o modelo alemão demorou para chegar ao Brasil, influenciado talvez pela colonização e o modelo de exploração da terra dos portugueses.

...um paralelo entre as experiências européias e as brasileiras: enquanto na Europa a experiência do plano diretor foi um importante instrumento de gestão e de produção da cidade enquanto um mecanismo de regulação social, no Brasil o processo institucional assumiria um caráter descombinado (QUINTO 2013, p. 54).

Este caráter descontrolado de crescimento é reforçado por Alves (2009) quando comparou a dinâmica da evolução urbana entre Brasil e a Alemanha. Em 1900 na Alemanha, 50% da população vivia em área urbana; enquanto que hoje, apesar de passados mais de 115, a sua população urbana não ultrapassou o percentual de 74% (PORTAL, 2010). No quadro 01 é possível verificar tal dinâmica comparada com o crescimento urbano.

QUADRO 01: Comparação de crescimento urbano entre países da Europa e Brasil.

PAÍS	POPULAÇÃO URBANA							
	1800	1850	1870	1900	1940	1970	1991	atual
ALEMANHA			>28%	>50%				74%
BRASIL					>30%	>50%	>75%	>80%

FONTE: Adaptado de Alves 2009, p.21.

Percebe-se no contexto alemão um controle da dinâmica urbana e social, visto que seu crescimento urbano até os dias atuais evoluiu pouco, desde 1900 não cresceu mais de 15%. No Brasil, que só veio a atingir o índice de 50% de população urbana em 1970, nos últimos anos não conseguiu efetuar um controle de tal dinâmica, a urbanização cresceu tão desenfreadamente, que atingiu índices atuais de 84,9%, representando um crescimento de 50% em apenas 45 anos (CENSO, 2010). Por isso a urbanização no Brasil "...foi confusa pois se por um lado demorou a acontecer, quando se instalou foi muito rápida e sem controle. Sendo esta talvez a razão da urbanização brasileira possuir um perfil tão desorganizado"(ALVES, 2009, p. 21).

Dessa maneira é possível começar a conhecer a dinâmica dos problemas e descontrole do crescimento urbano brasileiro. Para Alves (2009) esta desorganização somada a falta de foco na habitação foi piorado no panorama brasileiro pois os planos surgiram para solucionar problemas das cidades portuárias e exportadoras, visando impedir o caos de epidemias que atrapalhavam o fluxo das mercadorias. Ou seja, um planejamento marcado pelo fluxo de mercadorias, onde os objetivos eram exclusivamente garantir uma infra estrutura urbana que facilitasse o fluxo do comércio e o embelezamento das cidades.

Tal situação, também marcou a formação urbana recifense. No livro Valores do Recife, Alves (2009) descreve claramente o processo de gentrificação sofrido pós reforma de Saturnino de Brito no Centro do Recife, onde pobres e excluídos, sofreram o processo de segregação após as demolições.

O desenvolvimento urbano do Recife aconteceu a partir da ocupação dos melhores pontos pela sociedade dominante e a expulsão dos pobres para a periferia. A concentração da infraestrutura nos locais onde os ricos se estabeleceram gerou o encarecimento do solo nesses pontos, que se tornaram alvo da especulação imobiliária. Quanto maior a infraestrutura, maior é o valor do solo (ALVES, 2009 p. 54).

No entanto Quinto (2013), acredita que o problema da gestão urbana brasileira passa pela difícil comunicação que sempre existiu entre o governo federal e o municipal. Desta forma o município não conseguiu formar um banco de terras."... faltava uma legislação urbanística moderna, com instrumentos capazes de construir uma cidade moderna"(QUINTO, 2013, p. 54). Em 1953 o Governo Federal ainda teve a iniciativa de criar um banco de financiamento, no entanto serviu apenas para alguns poucos setores da sociedade elitizados como bancários, comerciários e industriais. Em paralelo o processo migratório campo cidade já havia começado no território brasileiro, potencializado em 1960 com a construção de Brasília. E marcado posteriormente pelo êxodo de trabalhadores do nordeste para São Paulo e Rio de Janeiro, que fugiam das secas e migravam em busca de emprego. E assim permaneceu durante um longo período sobre as rédeas da ditadura.

Também neste mesmo período contrário ao caos, se iniciou movimentos sociais, com pesquisadores, arquitetos, urbanistas, advogados e vários outros elementos da sociedade civil, buscaram um novo modelo de gestão das cidades o que findou numa nova política urbana, retratada na constituição de 1988. Sendo consagrado com os Estatuto das Cidades de 2001, e

os artigos que regulamentam a elaboração dos planos diretores (MARICATO, 2014). Em 1989, em Porto Alegre surgiu o que foi chamado de a redemocratização e a promulgação da Constituição de 1988. Um novo modelo de democracia onde cidadãos poderiam influenciar nas decisões políticas quanto a orçamentos das prefeituras municipais. Seu funcionamento envolve assembleias públicas realizadas em bairros e comunidades das cidades, nestas assembleias também são eleitos delegados, que funcionam como representantes dos cidadãos. Tais delegados são os que negociam com os técnicos da prefeitura e são responsáveis por indicar as prioridades de investimento (SOUZA,2004). Alguns exemplos das cidades que adotaram o modelo são Saint-Denis (França), Rosário (Argentina), Montevideu (Uruguai), Barcelona (Espanha), Toronto (Canadá), Bruxelas (Bélgica), Belém (Pará), Santo André (SP), Aracaju (Sergipe), Blumenau (SC), Recife (PE), Olinda (PE), Belo Horizonte (MG) Atibaia (SP), Guarulhos (SP) e Mundo Novo (MS), dentre tantas outras adaptações.

Porém tais planos diretores já sofrem críticas, por exemplo no artigo de Flávio Villaça (2012) com título “Dilemas do Plano Diretor”, no qual revela uma abordagem que trata o instrumento descrédito, dada a falta de integração nos âmbitos das medidas do que chamou de planejamento físico territorial, um modelo que segundo o autor precisa ser "reinventado e socorrido”. Afirma ainda que os problemas não serão resolvidos apenas com códigos de zoneamento para controle do uso do solo. Pois os planos em sua grande maioria não tem relação alguma com as políticas setoriais como transportes e saneamento, muito menos com a sociedade. Segundo o autor, os planos diretores brasileiros são direcionados aos "meios imobiliários”, pois não se traduzem como lei que contenha dispositivos autoaplicáveis¹⁷, e acabam sucumbindo a simples políticas, objetivos e diretrizes gerais (VILLAÇA, 2012). Para o autor o plano ideal seria:

...um plano que, a partir de um diagnóstico científico da realidade física, social, econômica, política e administrativa da cidade, do município e de sua região, apresentaria um conjunto de propostas para o futuro desenvolvimento socioeconômico e futura organização espacial dos usos do solo urbano, das redes de infra-estrutura e de elementos fundamentais da estrutura urbana, para a cidade e para o município, propostas estas definidas para curto, médio e longo prazos, e aprovadas por lei municipal (VILLAÇA, 2012, p. 186).

No discurso de Villaça (2012), percebe-se uma fragilidade em torno dos técnicos e gestores que formulam os planos diretores.

¹⁷ Muito usado no direito, o termo autoaplicável é utilizado quando se trata de normas, em forma de lei, de aplicabilidade imediata, direta, integral, independente de legislação infraconstitucional para sua inteira operatividade.

O mesmo argumento é visto no texto de Maricato (2014) quando afirma que uma melhor divisão de renda não garante uma qualidade de vida, e na verdade tudo que acontece no contexto urbano depende exclusivamente das políticas públicas urbanas, ou seja a reprodução social com qualidade depende do tipo de estrutura e características de cada local (MARICATO, 2014). O que reforça a discussão sobre qual seria realmente o Plano Diretor ideal?

Ainda sobre o momento pós Constituição de 1988, são fortes as críticas de Souza (2004), quando se refere ao frenesi posterior à sua promulgação. E diz que durante toda a década de 90, técnicos e intelectuais tentavam desesperadamente produzir planos diretores como uma salvação para as cidades, no entanto, dentro do que chamou de euforia descontrolada, pensando só na técnica esqueceram de maneira negligente o grande diferencial que um plano poderia ter já que "...a diferença entre um bom plano esquecido na gaveta e um bom plano posto na prática, entre uma lei que pega e não pega é reflexo da dinâmica da sociedade e dos ativismos"(SOUZA, 2004, p.67).

Os planos na grande maioria não se preocupavam em potencializar a participação popular, e conclui que os grandes obstáculos do planejamento atual são além do lobby das classes dominantes que patrocinam campanhas para influenciar e controlar os políticos, envolvem outros dois aspectos de grande impacto nas cidades, são eles a regulação fundiária e moradia, e a segunda e mais grave é o controle do tráfico de drogas que assolam as cidades brasileiras, e impedem ações radicalmente democráticas. Para o autor a reforma urbana deve representar "uma transformação da sociedade e do espaço, tendo por objetivos melhorar a qualidade de vida da população, elevar o nível de justiça e finalmente democratizar as práticas de gestão e planejamento"(SOUZA, 2004, p. 62).

É clara portanto, uma linha comum à vista das afirmações dos autores Alves (2009), Souza (2004) e Quinto (2013) cujos pensamentos enquadram como elementos geradores dos grandes problemas urbanos não só a falta de trabalho e moradia, como também a falta de renda e boas condições de qualidade de vida.

Para Quinto(2013), os espaços produzidos não evitam a segregação e decisões erradas retratam os gestores como autoritários, graças a uma sociedade que adota uma certa omissão.

Suas críticas tentam esclarecer motivo de porque apesar da nova constituição possuir artigos que pretendiam ampliar o conceito de função social da terra, com destaque para os artigos 182 e 183, e apesar da democrática estrutura da lei, é questionável até os dias atuais o que se produz nas cidades brasileiras, segundo o autor não existem centros de estudos sistemáticos para avaliar sociedade x legislação x espaço urbano (QUINTO, 2013).

Como esperança, Nadia Somekh (2010) exemplifica países que perceberam que o planejamento capitalista não funcionou e por isso estão refazendo e reinventando sua forma de planejar inserindo cada vez mais a população nas suas decisões, e com criatividade integra a sociedade em um objetivo comum de participação na gestão da cidade como em Nova York e Londres (SOMEKH, 2010).

Os assuntos abordados até aqui retratam parte dos problemas sofridos no bairro de Santo Amaro. A comunidade apreensiva não só com as reformas urbanas, como também preocupada com o alto grau de violência e tráfico de drogas, como exposto no diagnóstico Projeto Urbal¹⁸(2012).

Relacionando as teorias expostas ao cenário encontrado no Quadrilátero de Santo Amaro, percebe-se um indicativo de que ultimamente, a comunidade da região se preocupa mais em temer a gentrificação do que reagir, e não utilizam a possibilidade de abordar novas mudanças, enxergando-as como oportunidades.

Ou seja, parecem não acreditar ou conhecer a participação popular nos moldes participativos citados por Alves (2009), Souza (2004), Quinto (2012) e Nadia Somekh (2010).

Portanto, parece necessário a criação de movimentos que retomem uma postura pró ativa, potencializada em prol do coletivo, do bairro, da sociedade e suas necessidades comuns, para que dessa forma encontrem o pleno exercício da cidadania e da vida urbana.

Os ativismos ganham espaço no próximo tópico deste trabalho.

¹⁸ Parceria entre Governo do Estado - PE e União Europeia e Projeto URBAL– Políticas Locais de Prevenção da Violência na Europa e América Latina de 2012. O resultado do projeto foi organizado em um livro por Rosier Custódio, que retrata a qualidade de vida e violência no bairro de Santo Amaro.

1.2 ATIVISMOS SOCIAIS

...é o mais consciente e, no geral, a mais bem-sucedida tentativa do homem de refazer o mundo onde vive de acordo com o desejo de seu coração. Porém, se a cidade é o mundo que o homem criou, então é nesse mundo que de agora em diante ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma idéia clara da natureza de sua tarefa, ao fazer a cidade, o homem refez a si mesmo (ROBERT PARK, 1963, apud HARVEY 2013, p.472).

A citação de Robert Park (apud HARVEY, 2013, p.472) é usada por Harvey (2013) para traduzir o direito a cidade, reforçando sua idéia de que se a cidade não atende a todos os desejos, de todos os que a habitam, então essa precisa ser mudada. Complementa dizendo que mais que um simples direito a cidade, todos precisam ter acesso a vida urbana, e principalmente, todos precisam ter o direito de poder mudar a sua cidade. No entanto é imprescindível que se respeite o coletivo. Para o autor, com a urbanização acelerada, tanto a cidade como os seus habitantes, não percebe nem como ou porque se tornaram assim. Questiona se isso traz felicidade, ou se cria um "...mundo de anomia e alienação, raiva e frustração?"(HARVEY, 2013, s/p).

Uma cidade em algum momento, foi imaginada e moldada, pode conseqüentemente, sofrer o mesmo processo, e ser reproduzida e refeita. Porém deve ser reproduzida com ações coletivas através de comunidades solidárias. Cita por exemplo, desde iniciativas comunitárias e voluntárias que atuam em espaços públicos, até as que mobilizam-se com espaços de troca, ajudando a evitar as grandes redes de comércio. Percebe-se a inquietude de estimular o pensamento dos leitores, afim de que estes entendam suas responsabilidades na construção da cidade. Quando todas as ações que moldam a cidade, são conseqüências das ações que tomamos no dia a dia, seja individual ou coletivamente, o ponto chave é o nível de comprometimento e engajamento político, intelectual e econômico dos que habitam a cidade. O texto ainda questiona a forma como as mobilizações são feitas, seja através de atos que utilizam violência, ou a possibilidade de se criar novas e criativas formas de participação (HARVEY, 2013).

Gilberto Dimenstein na contracapa do livro Reinvente seu Bairro, faz a seguinte citação: "... habitantes mais conscientes, significam comunidades mais organizadas e atentas" (CAMPOS FILHO, 2012, s/p). Essa abordagem pode introduzir a temática que trata dos ativismos sociais, e como os teóricos o enxergam, principalmente no contexto do planejamento urbano.

1.2.1 Expectativas sobre ativismos sociais dentro do planejamento urbano

A mais de um século se discute a importância da participação social no planejamento urbano. Na Europa por exemplo, governos perceberam à décadas como os avanços nesse sentido eram necessários, principalmente pelo grande crescimento de cidades como Londres. Segundo Herzog (2013), em 1915 Patrick Geddes foi o primeiro urbanista à estudar a temática da efetiva participação popular no planejamento urbano. Na época propôs que o planejamento urbano deveria partir de um conhecimento holístico multidisciplinar, "...onde uma visão ampliada deveria explorar tanto a história, como também as alterações causadas pelas interações das atividades humanas e o espaço que habitavam"(GEDDES, 1915, apud HERZOG, 2013, p.49).

Geddes promoveu uma mostra de planejamento urbano em 1911, aberta ao público em geral, como iniciativa de tentar conscientizar e educar a população sobre como acontece, e principalmente o que é o planejamento urbano, e enfatizava a importância contextualizando como seria produtiva a participação de todos (GEDDES, 1915, apud HERZOG, 2013, p.49).

A cidade brasileira e sua formação foram temas debatidos por Ermínia Maricato em artigo no livro Cidades Rebeldes (2014), afirma que a herança pesada da desigualdade social que as cidades brasileiras carregam, são fruto da escravidão existente até pouco mais de um século e a instalação do *modus operandi* do estado patrimonialista, baseado nas políticas dos favores. Como exemplo cita a melhoria dos bairros feita por troca de votos. Já na década de 80, o enorme crescimento urbano proporcionou o que chamou de “tragédia urbana” (MARICATO, 2014, p.3).

O filósofo colombiano Bernardo Toro (2015) atua fortemente nas áreas de educação e mobilização popular, seu trabalho faz fortes críticas ao comportamento das sociedades na região da América Latina, que segundo o autor são encostadas e teimam em apoiar-se no poder do Estado ao invés de organizar-se em busca de algo. Para o autor as melhores manifestações são as silenciosas, que trabalham juntas em prol de um objetivo comum, com metas claras e objetivas.

Segundo o filósofo, a falta de participação interfere principalmente no desenvolvimento das sociedades. Normalmente segundo o autor, quando a sociedade não se organiza, ela é menos

desenvolvida, menos livre e democrática, e acima de tudo é menos inovadora. Normalmente a postura passiva, tira a culpa dos seus ombros, e deixa seu destino na mão da sorte. O que permite governos mais corruptos. E resume que quanto menos participativa for uma sociedade, maior será o seu nível de pobreza (TORO, 2015). Para o autor, as melhores mobilizações são "...constantes no tempo, e não produzem heróis, são fruto de sociedades verdadeiramente organizadas, que se norteiam não por pleito instantâneo, vago, mas por uma idéia maior que domina o imaginário de grupos ou até mesmo de uma população inteira"(TORO, 2015, p.13).

Outro autor que acredita em soluções criativas, baseadas em planejamento alternativo baseado nos ativismos sociais é Souza (2004), é a única solução que poderá trazer benefícios para qualquer comunidade, principalmente como resgate de sua personalidade e história. No entanto, assim como Toro (2015), entende que alguns dos instrumentos e a própria participação da sociedade brasileira, precisam ser reativados e impulsionados. Para Souza (2004) a postura da sociedade civil brasileira ainda está acomodada sob o planejamento conservador, onde toda a responsabilidade é jogada nas mãos das instâncias federais, estaduais e municipais (SOUZA, 2004). Os ativismos sociais agindo na produção do espaço urbano, "...devem e precisam ter muito a dizer sobre soluções e propostas, e não apenas como críticos daquilo que não lhes agrada, mas como autores das estratégias e planejamentos alternativos"(SOUZA, 2004, p.12).

Souza (2004) revela que em suas pesquisas e ainda na prática profissional percebeu que os "...orçamentos participativos são uma possibilidade de abertura à participação popular na gestão dos recursos públicos..., porém para ser realmente autêntica deve ser deliberativa e não apenas consultiva (SOUZA, 2004, p.14). Sobre os questionários comumente utilizados, podem até ser executados, porém raramente são traduzidos em programas e ou propostas compatíveis com as necessidades das comunidades.

Defende a necessidade de um planejamento que atue de forma descentralizada dos técnicos e gestores, onde as soluções devem vir da comunidade, onde o ato de projetar seja baseado na participação popular, pois apenas os usuários podem escolher o destino dos seus espaços pautados em uma democratização do planejamento urbano, onde técnicos servem apenas como consultores, e a população de maneira colaborativa faz as suas escolhas diante das suas vontades (SOUZA 2004).

Tais pensamentos sustentam a iniciativa do presente trabalho, como elemento fomentador desta participação. E para tal é necessário investigar os caminhos possíveis para viabilizá-la.

1.2.2 Possibilidades para os ativismos sociais

A principal possibilidade para alavancar os ativismos sociais no contexto brasileiro, é a Lei Federal Estatuto das Cidades (2001), que atua como mecanismo jurídico que legitima mais detalhadamente, a implantação dos artigos 182 e 183 da Constituição Brasileira de 1988, atuando principalmente sobre a função social da terra. Apesar da constituição brasileira garantir maior autonomia ao município sobre as decisões referentes ao planejamento e uso do solo, é através do Estatuto das Cidades que os instrumentos de controle urbano determinam as ferramentas de medidas tributárias e financeiras como o IPTU progressivo, até aos chamados institutos políticos que tratam por exemplo da desapropriação.

No Art. 40, no item III, encontram-se as diretrizes mais importantes relacionadas aos ativismos sociais, já que nele é previsto que toda construção de um plano diretor deve incluir a inclusão do papel da sociedade, e são descritos instrumentos da gestão orçamentária participativa; dos planos de desenvolvimento econômico e social; e a disciplina do parcelamento, e do uso e ocupação do solo. Os itens citados são responsáveis inclusive por desencadear os processos e controles sociopolíticos; e ainda os mecanismos jurídicos adequados para garantir a transparência com a participação popular seja por audiências públicas ou orçamento participativo. Já o artigo 43, no seu item IV, garante que organizações da sociedade "...através da iniciativa popular, possam elaborar projeto de lei e de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano"(CIDADES, 2001); e o artigo 45 torna "... obrigatório a participação da população e associações representativas, para que possam exercer sua cidadania nas ações de planejamento urbano"(CIDADES,2001).

Para Somekh(2010), desconhecer o Estatuto das Cidades pode tornar as comunidades mais fracas e vulneráveis. E recomenda que não se ignore o fato de que a lei prevê a participação e legitima a possibilidade da população de ser propositiva, podendo também ir além das audiências públicas e ou orçamentos participativos (SOMEKH, 2010).

1.2.3 Ativismos sociais e gestão caminhando juntos

O exemplo mais atual é o Plano Diretor de São Paulo, lançado em 2014, que teve a participação de 25 mil pessoas . O número de participantes pode parecer pequeno diante do tamanho da população paulistana, no entanto, deve-se considerar o quanto é importante o valor de tal iniciativa, e que repercussão o movimento iniciado em 2014 terá no futuro das cidades brasileiras.

FIGURA 02: Uma das audiências públicas de 2014 para o PD de São Paulo.



FONTE: Urbana SP, 2014

O diretor regional do Escritório para América Latina e o Caribe do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos ONU-Habitat, Elkin Velasquez, ONU no Brasil, que elogiou a ousadia do prefeito de São Paulo em dar no projeto no planejamento urbano enfoque em sustentabilidade e urbanismo social. Acredita que será um exemplo a ser seguido pelo mundo e ressalta ainda o PD- SP promove uma cidade compacta, integrada, conectada e inclusiva. O diretor também ofereceu o suporte do ONU-Habitat, e convidou a capital paulista para sistematizar juntos o plano para que ele inspire a nova agenda de desenvolvimento pós-2015, que substituirá os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, assim como as discussões da Habitat III, e a Conferência Global de Assentamentos Humanos em 2016 (ONU, 2014). No evento o prefeito de São Paulo comentou: "Estamos totalmente alinhados com o que há de mais moderno em diretrizes urbanísticas. O plano já vem sendo estudado e discutido em artigos acadêmicos no mundo” (HADDAD, 2014 apud ONU, 2014).

No entanto, várias camadas da sociedade paulistana, desconhecem o mérito de tal plano, falta uma educação cívica para a grande maioria da população. O que comprova as teorias de Somekh (2010), quando afirmou que a população brasileira não está acostumada com a participação.

Ou seja, será culpa exclusiva dos gestores? Terá sido a sociedade deixada em segundo plano ou talvez realmente falte ações de integração dos habitantes urbanos e gestores, trabalhando como comunidades participativas e colaborativas?

O importante é perceber que dentro de todas as abordagens das teorias abordadas até aqui, alguns elementos surgem em todos os discursos, são eles: participação, inclusão, colaboração e principalmente novas formas de planejar. Portanto, o que se busca por parte dos moradores do bairro de Santo Amaro, pode ser resumido na seguinte citação:

... A cidadania manifesta-se em gestos cívicos planejados e em grande escala, mas também em gestos espontâneos e de pequena escala. Juntos eles criam a diversidade da vida urbana. As cidades são centros de comunicação, aprendizado e empreendimentos complexos. Elas concentram grandes concentrações de família e condensam energia física, intelectual e criativa (ROGERS, 2013, p.15).

Bernardo Toro (2015), indica que para funcionar uma mobilização social, deve atrair pessoas com idéias poderosas, com metas e objetivos bem definidos. Porém, não podem ficar apenas no imaginário. Essas metas devem ser palpáveis, pois uma indefinição pode gerar angústia. Da mesma forma que ações isoladas conduzem os participantes a lugar nenhum, sem objetivos claros, são muito desestimulantes.

Ao entender os argumentos de Toro (2015), o presente estudo tentará abordar a resiliência, como uma ferramenta capaz de direcionar os ativismos, da mesma forma que atua em metas das grandes incorporações. Ou seja, tentará ligar o planejamento urbano participativo e os ativismos sociais aos múltiplos significados que a resiliência engloba. Utilizando o próximo tópico se buscou construir o conceito de resiliência como elemento tático, para reinvenções e reestruturações espaciais e sociais, através dos ativismos sociais.

1.3 A RESILIÊNCIA E SUA IMPORTÂNCIA NO CONTEXTO URBANO

Diante do mundo globalizado, da ultra velocidade na trocas de informação, seja nas relações, no trabalho; nas ciências, enfim sobre tudo o que compõe uma cidade, é fundamental que os indivíduos estejam preparados e organizados diante de tal dinâmica. Para tal é necessário que sejam adotadas medidas que os tornem mais flexíveis, qualificados e auto-críticos.

Na atualidade, um ramo que vem buscando entender como fomentar tais posturas na sociedade é a psicologia cognitiva, voltada especificamente para a adaptação humana no contexto da resiliência. Entende-se portanto que "...o estudo da resiliência refere-se a processos que explicam a superação de crise e adversidades em indivíduos, grupos e organizações"(YUNES, 2006 apud BARBOSA, 2014, p.58).

Por este motivo formou-se a Sociedade Brasileira de Resiliência, dirigida por George Barbosa (2014), que vem continuamente analisando os diversos impactos da resiliência sobre as pessoas, nos mais diversos meios como na educação, na psicologia, na administração, em situações de desastres, nos esportes e nas cidades. Barbosa (2014), durante as suas pesquisas criou uma teoria sucinta, que pretende resumir a abordagem resiliente definindo-a como:

...a capacidade de balancear os domínios de crenças na presença de perigos e riscos psicossociais, por meio da gestão do racional e do emocional (somáticos e simbólicos), visando potencializar a identificação e interpretação dos processos intrínsecos nos eventos internos e externos que sucedem ao indivíduo, por meio da visão orientada para aspectos de si e da vida, que resulta na resignificação das situações adversas, culminando em maturidade na expressão do comportamento, que é o estar resiliente (BARBOSA, 2014, p.8).

Como dito anteriormente a resiliência possui múltiplos conceitos, no contexto urbano também marca presença, como exemplos é possível citar os estudos da Fundação *Rockefeller - Arup* (2014), que dissemina a resiliência com olhar voltado para a conjuntura das cidades do século XXI, seus organizadores entendem que a medida que as cidades se desenvolvem, maior é a população atraída por elas, por isso representam um forte problema nos grandes núcleos urbanos. Por este motivo suas ações abordam a resiliência não apenas sob os aspectos das questões climáticas, mas também choques financeiros, futuro econômico duvidoso e a instabilidades sociais.

Arup (2014) vincula a origem do termo resiliência aos anos 70, criado para descrever a capacidade de um sistema de se manter e ou se recuperar para a sua normal funcionalidade em

casos de interrupção ou perturbação. Principalmente quando estes choques possam gerar colapsos físicos e sociais. No entanto, segundo seus estudos, durante o decorrer dos anos o termo foi sendo bastante utilizado para as alterações climáticas, o que acabou descaracterizando a origem do termo.

Também atuando no âmbito do urbanismo, quem discute a vulnerabilidade que a sociedade se encontra diante das variáveis sociais, financeiras e econômicas, é François Archer (2012), quando comenta que o homem sempre acaba criando um certo medo do desconhecido, do novo, e tão grande como o medo, está a crescente vontade (ou reação) de implantar projetos e estratégias de controle do futuro (ARCHER, 2012). Nesse momento, toda a sociedade irá precisar de instrumentos que possam lhe garantir segurança e confiança. Essa segurança viria a funcionar como uma espécie de precaução. Porém como executá-la quando não houver a hipótese, como seria possível construir uma precaução (ARCHER, 2012). A resposta para o questionamento de Archer (2012) pode portanto ser encontrado na resiliência.

Por conta dessa multiplicidade de significados encontrados, a SOBRARE - Sociedade Brasileira de Resiliência, vem nos últimos anos tentando compilar e reestudar a evolução do conceito de resiliência. George Barbosa (2014), diretor científico do órgão, afirma que entender a resiliência como resistência, é um conceito ultrapassado, datado na década de 60 e 70. Segundo o pesquisador, não se pode acreditar que enfrentar de peito aberto todas as adversidades é a solução, pelo contrário, um enfrentamento desmedido, só torna o indivíduo mais vulnerável. Segundo a pesquisa da SOBRARE, a resiliência perdeu muitas características importantes, pois muitos autores ainda se baseiam no que foi pesquisado antes dos anos 2000, gerando divergências de visões perpetuadas por diversos autores. As discordâncias estão presentes por que muitos não consideram que a resiliência é diferente de resistência; o bom humor não significa resiliência, na verdade otimismo gera resiliência; outro conflito é a tenacidade entendida como resiliente, na verdade ela impede a existência de flexibilidade; e utilizando uma metáfora comum, principalmente no âmbito brasileiro um último conceito é fortemente criticado, que é quando entendem a resiliência como um Bambu, que enverga-se até o máximo e depois volta a sua condição original, segundo a pesquisa quando o exemplo é levado para o âmbito do ser humano, quando esse vai ao seu limite máximo de envergadura (no caso de comunidades seria mais submissão), ao voltar a sua

condição inicial trazem uma série de outros malefícios, principalmente os relacionados a saúde, pós stress, ou seja a metáfora que compara a resiliência humana à um bambu não é a condição adequada, e o autor diz que se for para utilizar uma metáfora o ideal é que se plante árvores frutíferas e bem enraizadas (BARBOSA, 2014).

Ou seja, no âmbito social é ideal que se crie comunidades sólidas , com autoconfiança e principalmente sociedades instruídas. A SOBRARE, entende que é possível, e necessário a capacitação da resiliência dentro das sociedades, e que quanto maior a capacitação, maiores são os resultados como tenacidade face ao stress, onde os fatores principais passam pelo estímulo da autoconfiança e da transparência.

As abordagens da Sobrare e da Arup, indicam a necessidade de que todos os atores adotem uma postura coletiva e que juntos promovam um entendimento comum sobre o que constitui uma cidade resiliente e como alcança-la e precisam assegurar que suas estratégias de desenvolvimento possam garantir a sua resiliência.

1.3.1 Evolução dos conceitos sobre resiliência

Segundo Barbosa (2014), em 1966, Frederich Flach desenvolvia os primeiros estudos focados na resiliência, onde os eixos mais destacados eram a importância da flexibilidade e da adaptação. Segundo o autor, o significado da resiliência partia "...em face da desintegração, onde uma pessoa descobria novas formas de lidar com a vida e dessa experiência se organizar de maneira eficaz" (FLACH, 1966 apud BARBOSA, 2014 p. 27).

Em vários dicionários brasileiros, o termo resiliência aparece de duas formas, uma ligada a física significando flexibilidade, habilidade de uma substância retornar à sua forma original, elasticidade de materiais, trabalho necessário para deformar um corpo até seu limite elástico, já a outra abordagem é mais próxima a psicologia quando relata a capacidade de se recobrar facilmente ou se adaptar à adversidades, traumas e ou às mudanças. A origem do termo resiliência vem do latim *resilire*, que significa saltar para trás, voltar, ser impelido, recuar, encolher-se, romper (MICHAELLIS, 2015).

Segundo Celiane Secunho (2012), a resiliência no âmbito acadêmico brasileiro data de 1997, na Europa as pesquisas começaram na teoria psicanalítica, no contexto norte americano o enfoque era pragmático e centrado no indivíduo, já na América do Sul focava mais na

perspectiva comunitária e social. Especificamente nas ciências sociais o termo é característico de pessoas que vivenciaram adversidades e conseguiram se reinventar, fortemente adaptáveis socialmente, gastam sua energia na busca de melhores condições de vida com ações positivas e sadias. Para a autora, pensar em um “...enfoque de resiliência é desenvolver recursos humanitários e sociais, buscando uma vida com mais qualidade e flexibilidade (SECUNHO, 2012, p.18).

Para Herzog por exemplo, a resiliência pode ser entendida com a capacidade de absorver impactos e manter suas funções ou propósitos, isto é, sobreviver ou persistir em um ambiente com variações, incertezas "... é necessário que se tenha diversas alternativas ou redundâncias... ..que possam sofrer uma grande perturbação e tenha como restaurar suas funções ou propósitos iniciais"(HERZOG, 2013, p.79).

Atuando nas cidades a Fundação Rockefeller Arup (2014), opera com suas iniciativas para criar um índice de avaliação , que busca retomar o conceito original do termo.

Este índice, cujo título é *The Cit Resilience Framework*, é uma ferramenta que pretende ajudar a criar o entendimento e a aceitação das inúmeras possibilidades de choques que uma cidade e sua comunidade possam vir a sofrer, sejam eles de qualquer natureza, visto que que na maioria das vezes não são previsíveis. Por isso trata a resiliência como o elemento que melhora o desempenho de um sistema em face de múltiplos riscos.

O quadro de ferramentas e o índice, destinam-se a facilitar um processo de engajamento comunitário, gerando diálogo e compreensão. Envolvendo novos atores da sociedade civil, do governo e dos negócios sobre o que faz uma cidade resiliente. Isso se dá por que o *Framework*¹⁹ tem a sua articulação baseada em evidências, que por sua vez, têm ajudado e vão continuar a ajudar a moldar o quadro de ferramentas, como uma retroalimentação na elaboração dos indicadores e variáveis que os compõem. A caixa de ferramentas²⁰ do Instituto Rockefeller Arup (2014) foi formulada com a intenção de:

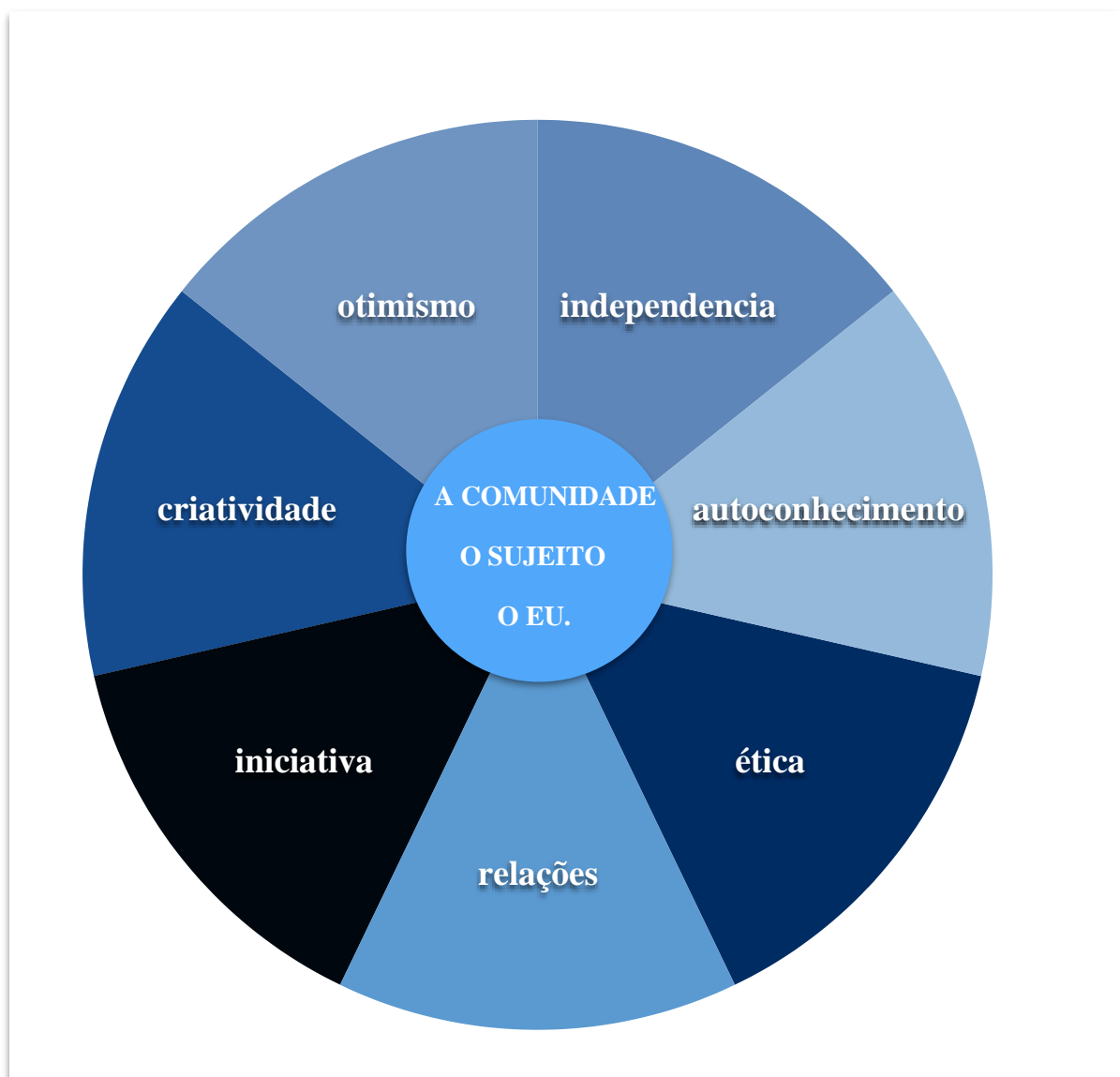
¹⁹ framework = arcabouço, que define uma estrutura; um esqueleto a ser utilizado como base, podendo ser adaptado para um fim específico (CAMPOS, 2014, p.157)

²⁰ A caixa de ferramentas, são instrumentos de análise sobre as cidades, onde as cidades envolvidas no projeto, trocam informações em um processo de ajuda mutua (ARUP, 2014)

...articular uma mensurável resiliência urbana, baseada em evidências e que de forma acessível possa informar ao planejamento urbano, práticas e padrões de investimento que melhor permitam que as comunidades urbanas (por exemplo, pobres e vulneráveis, empresas, litoral) possam sobreviver e prosperar à vários choques e tensões” (declaração em oficina, Nova York, em 2013, apud. ARUP, 2014 p.3)

No âmbito da administração foi muito divulgado os princípios encontrados na figura 3. Em quase todas as publicações são recorrentes tais características. O que torna um bom caminho para se entender a resiliência para líderes, e podemos incluir também os líderes comunitários.

FIGURA 03: Adaptação das características fundamentais da resiliência.



FONTE: WOLLIN,1993 apud DOBBS, 2007 p.38

A figura 03 foi adaptada de um conceito criado por Syvil Wollin (1993, apud DOBBS, 2007, p.37), nele o autor tentou resumir os aspectos da resiliência onde o centro é o indivíduo o

“eu”. Para o presente estudo, o centro foi igualado com o lugar do indivíduo com o da comunidade, percebe-se que o indivíduo é uma extensão da comunidade, pois os conceitos casam perfeitamente para os dois sujeitos.

Como resumo complementar as diversas atribuições e conceitos referidos a resiliência, segue uma tabela elaborada por Vitor Alves (2014), onde compilou vários conceitos e aplicações da resiliência.

QUADRO 02: Conceitos que envolvem a resiliência.

Autores	Definição
Cadell, Karabanow, and Sanchez (2001)	
Ganor and Ben-Lavy (2003)	provoca lacunas entre os estímulos ambientais e seu comportamento de restabelecimento funcional. "
Doron (2005)	criação e fortalecimento de sistemas pessoais, familiares, sociais, organizacionais e económicos para resistir e lidar de forma eficaz em momentos de perturbação,
Frankenberger et al. (2007)	nder às adversidades, mudar e manter as suas funções. A comunidade resiliente pode responder à crise de forma a reforçar laços de comunidade, recursos e capacidade da comunidade para se restabelecer
Cutter et al. (2008)	"A capacidade de um sistema social para dar resposta e recuperar-se de desastres; inclui as condições inerentes que permitem que o sistema absorva os impactos provocados por um acontecimento, assim como depois do acontecimento, inclui processos adaptativos que facilitam a capacidade do sistema social para se reorganizar, mudar, e aprender em resposta a uma ameaça."
Norris et al. (2008)	"Um processo de vinculação de um conjunto de capacidades de adaptação a uma trajetória positiva do funcionamento e adaptação após uma perturbação."
Walker et al. (2010)	"...a capacidade geral de uma comunidade de absorver a mudança, aproveitar a oportunidade para melhorar os níveis de vida e transformar sistemas de subsistência enquanto sustentação dos recursos naturais. É determinada pela capacidade da comunidade para a ação coletiva, assim como a sua capacidade para a resolução de problemas e construção de consenso para negociar uma resposta
Pasteur (2011)	e recuperar-se dos efeitos dos
DFID (2011)	níveis de vida face a prazo."
Arbon, Gebbie, Cusack, Perera, and Verdonk (2012)	"...quando os membros da população estão conectados uns aos outros e funcionam em conjunto, de modo a que sejam capazes de funcionar e manter os sistemas críticos, mesmo sob tensão; adaptar-se às mudanças...; ser autossuficientes...; e aprender com a experiência para melhorar-se a si mesmo ao longo do tempo. "
Béné, Wood, Newsham, and Davies (2012)	"...a capacidade de resistir, recuperar ou adaptar aos efeitos de uma perturbação ou mudança."
USAID (2012)	-se e recuperar-se de perturbações e distúrbios de uma forma que reduz a vulnerabilidade crónica e facilita o crescimento inclusivo".
UNDP Drylands Development Centre (2013)	prevenir, recuperar, adaptar e/ou transformar a partir de perturbações, distúrbios e mudanças."

FONTE: Alves, 2014, p.24.

1.3.2 A resiliência no aspecto social e comunitário e o seu fomento

Diante dos conceitos estudados nos tópicos anteriores, visto que a resiliência é algo a ser fomentada dentro das comunidades, o presente estudo entendeu as informações adequadas a pesquisa em andamento, e pretendeu incluir, com o uso do aplicativo aqui proposto, aspectos de fomento da resiliência comunitária, e para tal este tópico, pretende esclarecer a resiliência nos aspectos comunitários. A citação a seguir, é um exemplo do que se busca:

A capacidade geral de uma comunidade para absorver a mudança, aproveitar as oportunidades para melhorar a qualidade de vida dos seus membros e transformar os seus sistemas de subsistência. Ela é determinada pela capacidade da comunidade para a ação coletiva, bem como pela sua capacidade para a resolução de problemas e construção de consenso para negociar uma resposta coordenada (WALKER et al. 2010, apud ALVES, 2014, p.25).

Ou seja, trazer a discussão da resiliência para o contexto da participação é de total interesse para se enfrentar as adversidades em busca de novas soluções.

Para George Barbosa (2014) é indiscutível o fato de que o ciclo de mudanças nunca vai acabar, sempre iremos evoluir, teremos novas exigências, pressões e adversidades irão surgir. No entanto a diferença estará basicamente entre os que não conseguem se moldar, se adaptar, resistir e superar as adversidades. Tudo irá depender exclusivamente da capacidade de transcender e renascer, dependerá do aprendizado obtido nas experiências e de que maneira irá utilizá-las como algo positivo. O autor acredita que é possível fomentar comportamentos resilientes, desde que se desenvolva os seguintes comportamentos: administração das emoções, controle dos impulsos, empatia, otimismo, análise casual, autoeficácia, e alcance de muitas pessoas (BARBOSA, 2014).

No processo de resiliência, após a situação de risco, o sujeito busca na família ou na comunidade uma pessoa significativa, que possa oferecer um olhar diferente, um cuidado, um suporte, procurando também relações de apoio, empatia, confrontação, ajuda, estimulação e gratificação efetiva, visando se fortalecer, pois toda pessoa tem consigo um potencial latente capaz de enfrentar e evoluir em situações de adversidade, necessitando apenas de apoio do meio para que possa vir a aflorar (SECUNHO, 2012, p.24).

...pensar num enfoque de resiliência, é desenvolver recursos humanitários e sociais e buscar uma vida com mais qualidade e flexibilidade (SECUNHO, 2012).

O fortalecimento citado por George Barbosa(2014) e Cecilia Secunho (2012), são posturas pertinentes e possíveis de serem adotadas por qualquer comunidade que sofre algum tipo de ameaça.

Sendo assim, surgiram questionamentos: como justificar a resiliência no âmbito comunitário?
Como fomentar tais comportamentos?

O significado da palavra comunidade, no dicionário Michaelis (2015) significa:

co.mu.ni.da.de

sf (lat communitate) 1 Qualidade daquilo que é comum; comunhão. 2 Participação em comum; sociedade. 3 *Sociol* Agremiação de indivíduos que vivem em comum ou têm os mesmos interesses e ideais políticos, religiosos etc. 4 Lugar onde residem esses indivíduos (MICHAELLIS, 201, s/p).

Utilizando este entendimento, as comunidades podem ser donas do papel mais significativo e mais forte dentro das cidades já que a partir delas estes interesses e união irão construir uma sociedade forte ou fraca. A coesão e o respeito aos interesses comuns são os pontos mais relevantes, nestes casos.

Para atingir os objetivos de fomentos de posturas de comunidades resilientes, torna-se pertinente o discurso de Koen de Wandeler (2014), no qual sugere que para reinventar uma cidade é necessário envolvê-la em um nível de "resiliência social", para só assim enfrentar os desafios apresentados pelo desenvolvimento urbano, sejam eles de crescimento ou de adversidade. E apresenta o que considera como os 3 eixos interdependentes, ao mesmo tempo imprescindíveis, para que a resiliência social seja instalada:

I) resiliência econômica: que reflete a força financeira e estabilidade do sistema econômico;

II) resiliência ambiental: que reflete a eficiência em termos de utilização de recursos, instituir redução de impactos ambientais e gerir os seus resíduos;

III) resiliência social: que reflete o "capital humano" do sistema, incluindo trabalho em equipe, lealdade de seus membros, a força de seus relacionamentos e alianças e a coesão. É amplamente determinada por características da comunidade e a estrutura e os processos em que interagem, onde as narrativas culturais que fundamentam estas interações. Portanto o ambiente construído constitui um dos principais meios de comunicação de forma a expressar e (re) produzir estruturas e processos sociais.

Para Stumpp (2015) o termo resiliência quando é apresentado como "resiliência social" é, na verdade, uma maneira de se distinguir dos outros aspectos que o conceito pode abranger, como por exemplo o da sustentabilidade que trata do consumo a longo prazo e continuidade

do desempenho dos recursos, quadro em que a vulnerabilidade lida com o desconhecido através do planejamento de futuros possíveis. Já a resiliência social, surge agora com idéias de redes, de auto-renovação e de sobrevivência, se refere à perturbações violentas, lida com o impossível de imaginar. A resiliência social como conceito é mais dinâmica, pois abraça a incerteza (STUMPP, 2015).

Ao abordar a resiliência comunitária, a principal característica é a capacidade coletiva de se sobrepor a qualquer problema. Quando em situações de adversidade se transformam em desafios, podem sim, ajudar na mobilização da comunidade em busca de um propósito, de novas realidades, gerando um universo em que o otimismo promove a inclusão social. Para Secunho (2012), os pilares da resiliência comunitária são: a solidariedade, a honestidade, a identidade cultural, o humor social e a autoestima coletiva. Afirma que a resiliência fortalece a cidadania, ao promover iniciativas grupais, com benefícios comuns que possam ser usufruídos por todos. E atitudes resilientes só podem acontecer se houver melhora na comunicação, estímulo de vínculos sociais e solidários, diálogo, respeito a opinião de todos. E deve, acima de tudo, basear-se em atitudes positivas e de confiança, é necessário encarar qualquer problema com respeito, tolerância e solidariedade. Os fatores principais geradores de resiliência comunitária são: “1) capacidade de gerar liderança comunitária autêntica e participativa, 2) exercício da democracia eficaz nas tomadas de decisões diárias, 3) inclusão baseada na falta de discriminação”(SECUNHO, 2012, p. 128).

Para Secunho (2012), o despertar da resiliência no desenvolvimento humano e comunitário nasce de maneira inconsciente. No entanto, atualmente, já é possível criar programas e ações simples que possam fomentá-la, e segundo a autora, desde a década de 90 a ênfase está na promoção da resiliência como processo, e concepção comunitária, na busca da cidadania, da maior igualdade social, como também o foco voltado para o trabalho multidisciplinar e coletivo.

A autora, também dedicou um capítulo à uma revisão bibliográfica sobre as diversas abordagens do tema e ao final destacou alguns fatores de indivíduos ou comunidades que venceram adversidades, e considerados resilientes, foram divididos da seguinte forma: a) atributos do próprio indivíduo, b) fortes laços familiares e a sistemas de estrutura externa, como por exemplo escolas, igrejas etc. E também cita as 12 características da resiliência:

...um processo, faz referencia à interação entre fatores; pode ser promovida ao longo da vida; não se trata de um atributo estritamente pessoal; está vinculada ao desenvolvimento humano; não é um estado definitivo; nunca é absoluta;, nem total; tem a ver com os processos de reconstrução; tem como básico a dimensão comunitária; considera a pessoa como única (SECUNHO, 2012, p.26).

Outros teóricos acreditam no fomento da resiliência nas organizações, Campos (2014) por exemplo, cita que para lidar com os ambientes dinâmicos é necessário que todos aprendam a lidar com o hoje e o agora, experimentando novas práticas, e com flexibilidade criar novas abordagens para cada acontecimento. É fundamental a presença de pessoas motiva “as, comprometidas e competentes, capazes de ter empatia em todas as situações. Cita ainda que “...aprender com o meio é a chave para adaptar-se, para progredir "(CAMPOS, 2014 p. 156). Aborda que a resiliência é vista mais como uma competência, por isso pode ser desenvolvida com consciência e prática disciplinada. No âmbito corporativo, similar ao comunitário, dois eixos são primordiais para o desenvolvimento da resiliência, são eles a auto-organização e a agilidade, elementos estes que definem como se reage em frente aos problemas e acima de tudo como os resolve, ou seja são os elementos ideais para se lidar com a citada complexidade dos dias atuais (CAMPOS, 2014). No artigo também foi exposto o *Framework C nefin*²¹ de Dave Snowden em 1999 desenvolvido para ajudar as organizações a entenderem o grau de complexidade em que estavam inseridas (CAMPOS, 2014). Outro fator importante citado, é que nenhuma linha de ação deve ser imposta, pelo contrário ela deve seguir os acontecimentos se adaptando aos mesmos, as linhas de ação devem ser desenvolvidas com colaboração e participação (CAMPOS,2014).

O discursos de Koen (2014), Eva Stumpp (2012), George Barbosa (2014), Secunho (2012) , Campos (2014), e Dobbs (2007), corroboram para o que o presente estudo propõe, uma postura que não se entrega as vulnerabilidades, e através de iniciativas organizadas e colaborativas se fortalecem para vencer, e principalmente, incentivar uma postura em que adversidades são transformadas em oportunidades.

A resiliência é um novo paradigma de saúde, e pode estar presente em todas as áreas de interesse das ciências, especialmente as sociais e humanitárias. Na busca de qualidade de vida, tem foco voltado para o trabalho coletivo, multidisciplinar de estudos da família, da comunidade e das instituições, favorecendo a busca da cidadania, de maior igualdade social, como elementos de integração e adaptação (OJEDA, 2006 apud SECUNHO, 2012 p. 21)

²¹ este framework foi adaptado neste estudo para entender o contexto da comunidade de santo amaro, sua tabela está inserida no capítulo de estudo da área

1.3.3 Tendências da resiliência no planejamento urbano.

Vivemos hoje em um ambiente de grandes incertezas, onde planejamentos a longo prazo, não apenas são difíceis de serem feitos, como pouco prováveis de serem mantidos, sem sofrerem mudanças ao longo do tempo. É difícil prever além. O dinamismo das relações entre os indivíduos e seus efeitos, as constantes mudanças e a imprevisibilidade entre causa e efeito dos acontecimentos, revelam a complexidade do que vivemos hoje (CAMPOS, 2014 p. 155).

Traduzir a resiliência no planejamento urbano, é passar à encará-la como processo de concepção comunitária. Principalmente se relacionar a este conceito o discurso de Secunho (2012) quando argumenta que após traumas e adversidades novos vínculos afetivos são recriados, tanto com a comunidade, como com o lugar encontrando novas relações, novos sentidos de vida, ou seja, um resgate resiliente. Dessa maneira um bairro ou comunidade para se reinventar, precisa ter seus aspectos de coesão resgatados, e nada melhor do que fomentar a resiliência dentro do planejamento urbano, para que se alcance este objetivo.

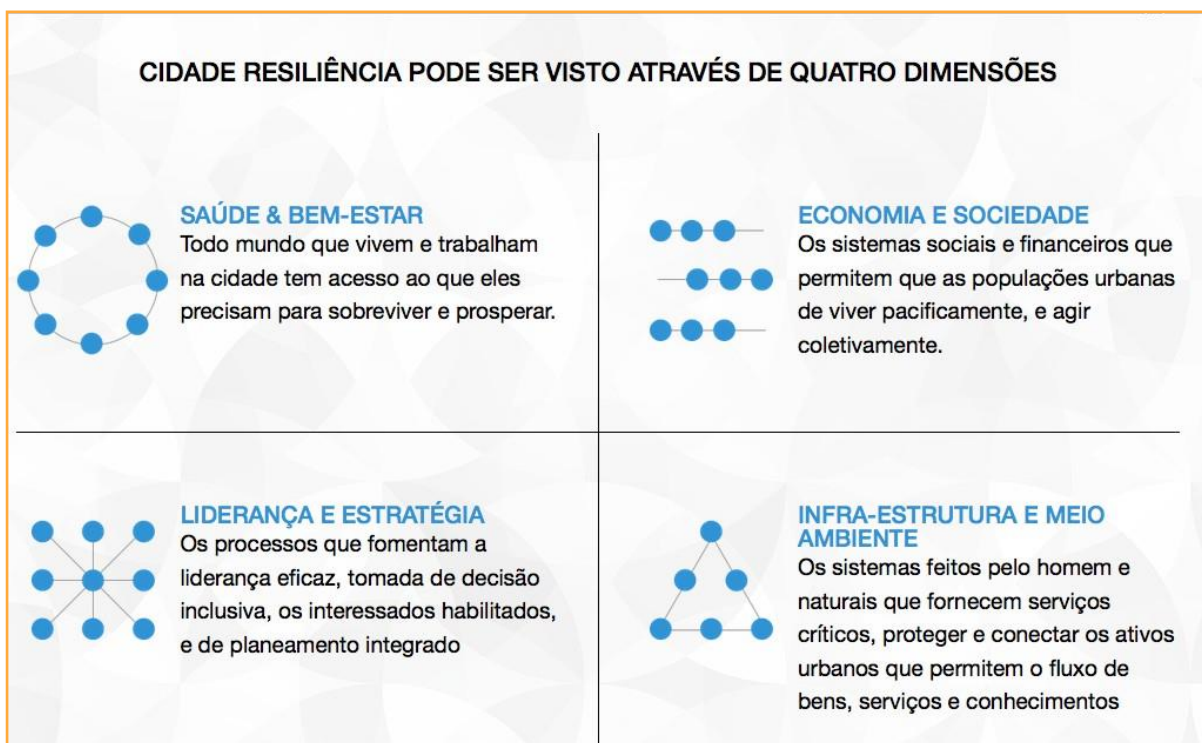
Apesar de novo, já marca presença, a utilização do termo resiliência nos meios acadêmicos ligados ao planejamento urbano, é o que afirma Eva Stumpp (2015), quando cita que a resiliência vem continuamente refazendo o seu caminho enquanto conceito, principalmente para a política do ordenamento do território urbano europeu, onde desde o ano de 2001 são crescentes os debates nos congressos anuais da Associação de Escolas Europeias de Planejamento - AESOP. Como comparativo cita que em 2009, apenas duas das mais de 400 apresentações utilizavam o termo resiliência nas palestras, em 2010 subiu para 15, e em 2012 havia mais de 30 apresentações, até que em 2013 foi o tema principal do evento intitulado Planejamento das Cidades Resilientes e Regiões, como exemplo a autora ainda cita outro eventos em 2012: *Real Corp 2012 Re-mixing the Cit Towards Sustainabilit and Resilience* em Viena, *USAR 1st International Conference on Urban Sustainabilit and resilience* em Londres. Mostrando assim uma forte tendência para os eventos de planejamento urbano ligados a Resiliência (STUMPP, 2015).

Em 17 junho de 2015, na cidade de Londres, o encontro *Designing Cit Resilience* abordou temas que tratavam dos eixos que deveriam ser utilizados no planejamento das cidades, são eles: compartilhar, navegar, colaborar e participar. O programa pretende criar uma plataforma independente para dar forma à agenda da resistência e do diálogo e buscam a mobilização de recursos a fim de criar cidades resilientes. Em 2016, pretendem lançar um programa de eventos para dar continuidade ao trabalho, explorando os temas-chave que contribuem para a

resiliência de uma cidade. Como exemplo a abordagem de como as cidades podem criar melhores ações para promover a coesão social. Em 2016 os principais temas incluirão; tecnologia, finanças e investimento, a prática de promoção da resiliência, desigualdade, resiliência e *big* dados (RESILIENCE, 2015).

Outro projeto de destaque, é o desenvolvido pela Fundação Rockefeller Arup - Cem Cidades Resilientes (100RC), que se dedica a ajudar as cidades ao redor do mundo a tornarem-se mais resilientes aos desafios físicos, sociais e econômicos. E divulga que a visão da resiliência, inclui não apenas os choques como terremotos, incêndios, inundações, mas também se preocupa com as tensões que enfraquecem o tecido de uma cidade em seu dia a dia, exemplos destas tensões incluem elevada taxa de desemprego; um sistema de transporte público sobrecarregado ou ineficiente; violência; escassez crônica de alimentos e de água. Ao se deparar tanto com os choques a cidade se torna mais capaz de responder aos eventos adversos, e mais capazes de oferecer funções básicas em bons e maus momentos, para toda as e qualquer população (ARUP, 2014).

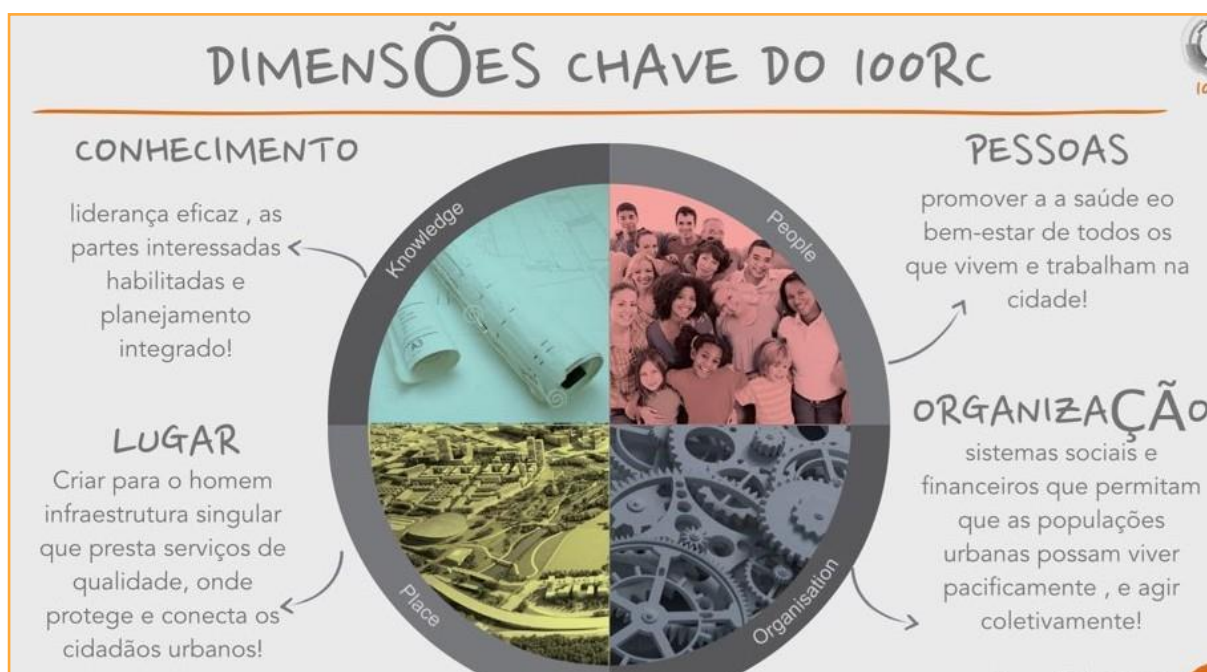
QUADRO 03: As 4 dimensões do 100RC.



FONTE: Arup, 2014

A fundação não trabalha com instituições governamentais, ela fomenta apenas as comunidades a serem auto-suficientes. As cidades que participam do 100RC recebem recursos necessários para desenvolver a resiliência ao longo de quatro vias principais: 1) orientação financeira e logística para o estabelecimento de uma nova posição inovadora na administração da cidade, um Chefe Resiliência oficial , que vai liderar os esforços de resiliência da cidade; 2) apoio especializado para o desenvolvimento de uma estratégia de resiliência robusta; 3) acesso a soluções, prestadores de serviços e parceiros dos setores público e, ONGs privadas que podem ajudá-los a desenvolver e implementar suas estratégias de resiliência; 4) pertença a uma rede global de cidades membros que podem aprender e ajudar uns aos outros. Através destas acções, 100RC visa não só para ajudar as cidades individuais se tornam mais resistentes, mas facilitará a construção de uma prática global de resiliência entre os governos, ONGs, o setor privado e cidadãos individuais.

FIGURA 04: Outras dimensões do 100RC.

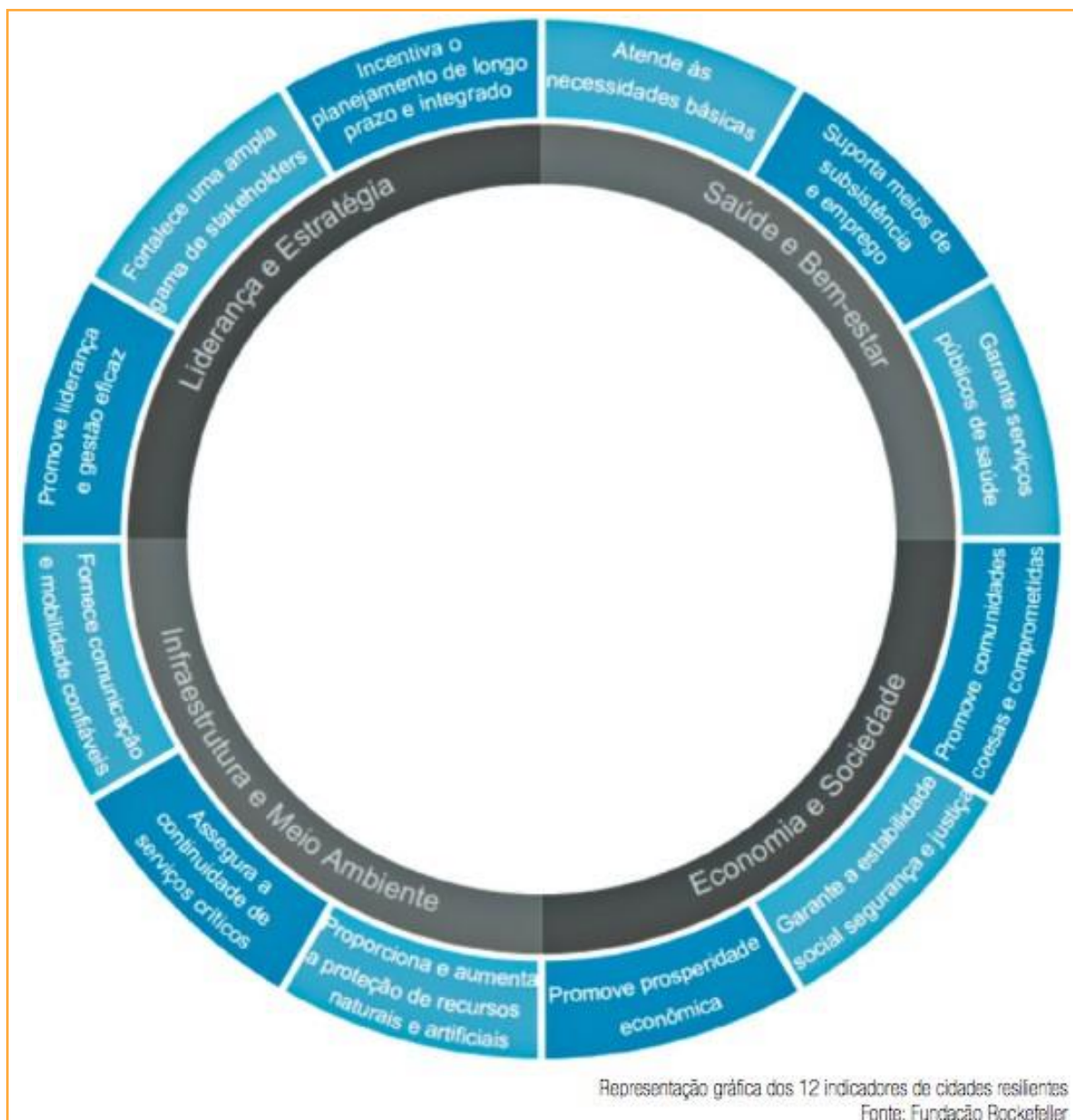


FONTE: Produzido pela autora, a partir de Arup, 2014.

O índice *Cit Resiliente Framework* trabalha a troca de informações, funcionando como uma consolidação de dados de várias cidades para ajudar outras cidades a avaliarem a extensão da sua capacidade de resistência , ajudando a identificar pontos críticos de fraqueza, e identificar ações e programas para melhorar a sua resiliência. Acreditam que cada cidade é única, e entender a forma como a resiliência se manifesta de diferentes formas nos mais diversos

lugares conseguiu gerar 12 indicadores-chave que descrevem os atributos fundamentais de uma cidade resiliente (ARUP, 2014).

FIGURA 05: O Framework da Arup (2014) com qualidades da resiliência nas cidades.



FONTE: ARUP, 2014.

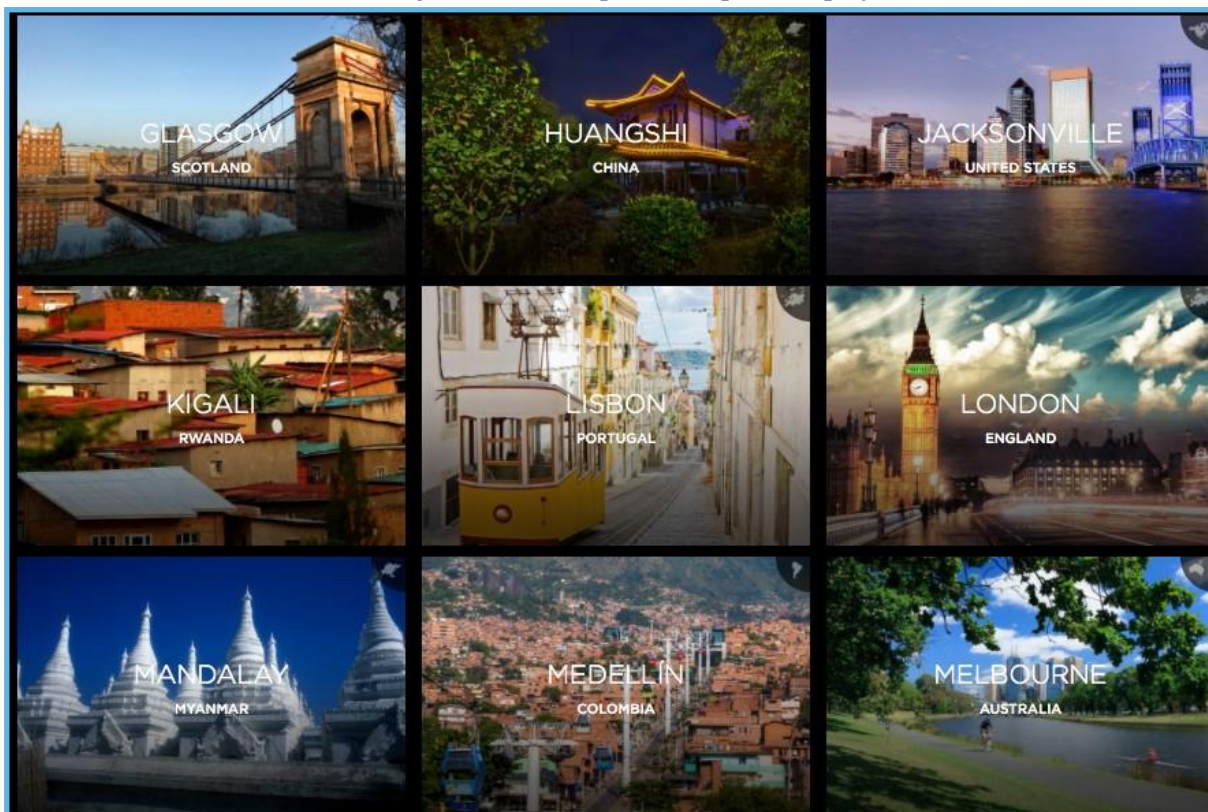
Nós definimos resiliência como a capacidade de indivíduos, comunidades e sistemas para sobreviver, adaptar e crescer em face de stress e choques crônicos, e até mesmo transformar-se quando as condições exigirem. Construir a resiliência é sobre como fazer as pessoas, comunidades e sistemas mais bem preparados para resistir a eventos catastróficos - tanto naturais como provocadas pelo homem - e ser capaz de se recuperar mais rapidamente e emergir mais forte a partir desses choques e tensões. A resiliência de uma cidade depende de seus ativos físicos, bem como as suas políticas de capital e instituições sociais (ARUP, 2014, p.5).

FIGURA 06: Funcionamento do Framework Resiliência da Arup 100RC.



FONTE: Produzido pela autora, a partir de Arup, 2014.

FIGURA 07: Algumas cidades que fazem parte do projeto 100RC.



FONTE: ARUP, 2014.

Outro grupo que trabalha no mesmo tema é coordenado pela University College Dublin (UCD), na Irlanda. Intitulado como Projeto TURAS, foi idealizado para unir comunidades urbanas e empresas, em conjunto com as autoridades locais e pesquisadores para colaborar no

desenvolvimento de novas soluções, com práticas para as cidades europeias mais sustentáveis e resilientes. Suas pesquisas envolvem nove instituições acadêmicas, de diversos países e pretendem fomentar a demonstração e disseminação de cenários que permitam cidades europeias à construir resiliência. Suas metas passam por garantir uma governança adaptativa, com processo decisório colaborativo e mudança de comportamento, a fim de facilitar as autoridades e as comunidades locais no processo de transição. São financiados pelo Sétimo Programa da União Europeia para a investigação, desenvolvimento tecnológico (TURAS, 2015).

Como resultado das pesquisas lançaram um artigo intitulado Transição Para Resiliência Urbana Sustentável (COLLIER et al, 2013). Nele são consolidados problemáticas e potencialidades do contexto da resiliência dentro do contexto urbano e asseguram que as comunidades devem estar no centro do processo, para que se atinja a resiliência das cidades.

Por isso pretenderam oferecer instruções no sentido de operacionalizar como as cidades podem fazer a transição para um futuro resiliente. Cita que algumas das barreiras subjacentes ao planejamento urbano resiliente está relacionado, e envolvem desenvolvimento histórico e de infraestrutura, nos quais:

...algumas das barreiras sociais incluem a capacidade de uma comunidade para se adaptar e de influenciar processos adaptativos, o grau de capital de comunidade e o tamanho relativo de uma área dentro da entidade maior. Finalmente, há estressores descendentes significativos, tais como assimetrias de poder, uma economia globalizada e as alterações demográficas (COLLIER et al, 2013, p.1)

Na pesquisa de Collier (2013), foram estipulados os principais processos para se atingir uma cidade ou comunidade resiliente: 1) stakeholders²²; 2) trabalho multidisciplinar; 3) precisam se auto-organizar em pontos críticos de estabilidade e não pode ser visualizado usando o pensamento linear, nem totalmente ou adequadamente planejado para uso de uma abordagem reducionista, como o zoneamento ou regulamento; 4) a resiliência social deve espelhar a resiliência ecológica e pode ser fundamental para alcançar o desenvolvimento sustentável programas; 5) uso do não especialista e do planejamento colaborativo.

²² O termo *stakeholder* foi criado por um filósofo chamado Robert Edward Freeman. Significa a parte interessada ou interveniente. É uma palavra em inglês muito utilizada nas áreas de comunicação, administração e tecnologia da informação cujo objetivo é designar as pessoas e grupos mais importantes para um planejamento estratégico ou plano de negócios, ou seja, as partes interessadas. No caso das comunidades são os líderes.

Dessa forma, para conduzir uma sociedade urbana resiliente se baseia na iniciativa de planejadores de conduzirem o processo usando ferramentas colaborativas e holísticas modernas.

Para tal, devem utilizar tecnologias de informação e comunicação (TIC) e provisão de infraestruturas de dados espaciais (IDS); devem fomentar a política de espaço verde urbano como uma ferramenta para melhorar resiliência urbana e sustentabilidade; devem facilitar o desenho urbano criativo e colaborativo, quando comunidades urbanas devem ser vistas como as principais interessadas. Como resultado afirma que construindo as cidades resilientes, é possível também estimular o capital social nas comunidades urbanas (COLLIER et. all, 2013).

Ainda sobre a construção da resiliência nas comunidades, o artigo "Narrar Resiliência: Transformando Sistemas Urbanos Através *Collaborative Storytelling*" de Goldstein (2013) a resiliência é descrita como uma narrativa a ser criada nos novos modelos de planejamento urbano. Para o autor, pode servir como uma estrutura conceitual para explorar novas possibilidades urbanas, ultrapassando as metas de recuperação ou persistência que caracterizam grande parte do pensamento da sustentabilidade. Pensar a resiliência destaca a futilidade de previsões baseadas em suposições de ordem e segurança profundamente enraizados no método e prática de planejamento convencional. Para o autor um campo transdisciplinar, o pensamento resiliente oferece uma alternativa ao modernismo cartesiano, mostrando que não podemos funcionar como um mecanismo que pode ser encomendado, previsto e controlado. A criatividade inserida na resiliência social dentro do planejamento trás em sua essência lógicas descontínuas, imprevisíveis, integrando fenômenos naturais e humanos em várias escalas espaciais e de tempo.

Assim como Collier (2013), Goldstein (2013) acredita no poder do não especialista atuando no planejamento urbano. Permitindo que as diferenças de perspectiva, enredo e ponto focal e de diferentes setores da comunidade possam, com sua própria voz, dizer como eles pertencem à cidade. Quando o planejamento envolve alternativas resilientes experimentam cidades que constroem suas próprias histórias. Nestes casos o planejamento é então menos sobre orientação autoritária e mais de um meio para que as comunidades se revezem criação de sua cidade. Para Goldstein (2013), a resiliência oferece aos planejadores urbanos uma nova

linguagem, idéias e métodos que contradizem a linearidade. É portanto, uma necessidade de envolver múltiplas vozes com auto-organização de processos para se alcançar resiliência.

...as comunidades podem se envolver em construção colaborativa de narrativas compartilhadas que preenchem diferentes formas de saber e unem as pessoas dentro de um entendimento compartilhado de seu mundo social e natural (GOLDSTEIN, 2013, p.4 - Traduzido pela autora).

Para Goldstein (2013), a busca da resiliência, dentro do planejamento, não é simplesmente a capacidade de mudança, mas a capacidade de adaptar-se sem perder os laços comunitários, culturas e tradições locais que tornam um lugar uma casa. É um tipo de mudança que as comunidades reconstróem seus futuros. Planejamento com resiliência passa por envolver alternativas, quando a comunidade pode construir suas próprias histórias, dessa forma planejamento é então menos sobre orientação autoritária e mais de um meio para que a sociedade se revezam na recriação dos seus espaços. sendo assim as narrativas da resiliência no planejamento urbano, são uma maneira de expressar o significado subjetivo e simbólico de resistência, aumentando a nossa capacidade de envolver múltiplas vozes para decidir o que deve ser feito e em benefício de quem deverá ser feito. No entanto, chama a atenção para o fato de que existe uma tensão não resolvida entre a resiliência como uma expressão científica e a necessidade de envolver múltiplas vozes capaz de permitir auto-organização de processos para alcançar resiliência.

Para Alves (2014), a resiliência comunitária tem que envolver os seguintes aspectos: 1) desempenho e a diversidade dos recursos, ou seja que recursos a comunidade dispõe para ser resiliente, seja físicos, naturais, ou até mesmo de conhecimento para uso dos recursos; 2) a redundância de recursos, que pode garantir funções e novas opções; 3) a capacidade de adaptação e memória institucional, seja armazenando experiência, usando inteligência coletiva, se reorganizar, conectar-se com outros lugares, ou obter recursos externos; 4) aprendizagem inovadora ou grau de conectividade, que permeiam criações inovadoras, antecipar-se à oportunidades e perigos, ações coletivas e uso da sustentabilidade. E acima de tudo, o capital social e coletivo.

Como percebido até aqui o planejamento urbano resiliente consistem no envolvimento da sociedade nas tomadas de decisão, como também na singularidade envolvida de cada lugar.

1.3.4 As táticas e estratégias de Michel Certeau como elemento de resiliência

Na discussão sobre a resiliência e seus múltiplos fatores ligados principalmente as iniciativas e a capacidade de se reinventar, foi possível enxergar o planejamento das cidades incluindo táticas comunitárias. Sendo assim, uma melhor investigação sobre as táticas citadas na introdução do presente trabalho serão melhor expressadas neste tópico.

Em seu livro “A Invenção do Cotidiano”, Michel de Certeau (2014) aborda a produção do consumo e de vários temas relacionados à produção cultural. Em sua abordagem trata a capacidade da sociedade, do homem anônimo, das multidões, de confrontar o que lhe é imposto. Com fortes críticas ao uso da razão e da técnica, o autor se impõe a tais regras, criticando o uso dessas dinâmicas e encara os técnicos como pretensos organizadores de pessoas e ou coisas a serem consumidas. Certeau (2014) prega que o homem ordinário, simples e comum, em seu cotidiano, pode através das “Artes de Fazer”, alterar o que lhe é imposto, construindo táticas de resistência, pelas quais o sujeito pode se reapropriar do espaço e alterar a forma como o utiliza. A visão de Certeau (2014) pode, portanto, ser encarada como uma postura resiliente, que reage e encara as adversidades. Dessa forma, é pertinente citar a diferença que o autor considera entre táticas e estratégias.

Estratégias, são estipuladas por técnicos ou elementos que representam poder. A partir dos que detém tal poder, as ordens são delimitadas, tanto podem ser ações, ou limites de áreas. As estratégias também se escondem sobre instituições, para atingir os objetivos pretendidos. Segundo o autor, a nacionalidade política, econômica e científica foram construídas sobre esse modelo estratégico (CERTEAU, 2014). Já as táticas, são o oposto, para Certeau (2014), a tática acontece quando o fraco tira partido do que lhe é imposto. Depende do tempo e do desenrolar dos acontecimentos, para que possa criar possibilidades de ganho. Para que se faça uso das táticas, o sujeito precisa lidar constantemente com os acontecimentos, numa espécie de jogo, para transformar as ocasiões, mesmo que adversas, em oportunidades. As táticas não obedecem a lei do lugar, ela na verdade às utiliza a fim de manipular e altera-la.

Entende-se portanto, no presente trabalho, as táticas como um elemento primordial na construção da resiliência dentro das comunidades. E principalmente como ferramenta necessária para enfrentar as adversidades impostas pelos gestores da cidade.

1.4 O NOVO URBANISMO

Ao citar o *New Urbanism* da década de 80, é necessário entender que o movimento foi na verdade influenciado por Jane Jacobs (2011), cujo discurso alertava sobre o perigo do crescimento desenfreado das cidades, e criticava o planejamento separatista modernista que produzia ruas esvaziadas de pessoas e de vida, provocando assim a morte das cidades. Como tentativa de resgate, disseminou o pensamento de que o DNA de uma cidade estaria na relação entre o espaço físico e a malha social. Afirmava ainda, que a produção de espaços fisicamente limpos e ordenados eram sinônimo de morte social e espiritual; e que para alguns modernistas a rua funcionava só como uma “fábrica de tráfego”, resultando na demolição de diversos bairros para a abertura de vias expressas, como também para implantação de projetos de renovação urbana e outras obras públicas (JACOBS, 2011). Neste contexto pós moderno, era intrínseca e clara a necessidade de que fossem criadas novas formas para a produção das cidades. Seu discurso gerou polêmicas, mas ainda assim ganhou o mundo, sendo debatido e também incorporado em vários meios acadêmicos, um deles é o Novo Urbanismo.

Um parceiro de protesto, que sofreu influência direta do discurso de Jane Jacobs, foi William H. Whyte - autor de *"The Social Life os Small Urban Spaces (A Vida Social de Pequenos Espaços Urbanos)* que desde os anos 70, até os dias atuais molda pequenos espaços em muitas cidades pelo mundo. Através da *PPS -Project for the Public Spaces*, uma Organização não Governamental-ONG criada por Whyte para propagar o ideal de que o ato de projetar consiste em olhar, ouvir e fazer perguntas para as pessoas que vivem, trabalham e frequentam um espaço, pois somente elas conhecem suas necessidades e aspirações. Ou seja, Whyte tinha criado portanto uma nova linha de abordagem sobre o "vivenciar", que na verdade nada mais é do que envolver os diversos atores da cidade analisando como os mesmos se relacionavam nos espaços. Ainda na década de 70 lançou um documentário para reforçar suas premissas, o *The Social Life of Small Urban Spaces*, no qual utiliza um método através da observação cuja intenção era demonstrar sua teoria de que é possível fazer uma relação entre uso e estímulo do comportamento dentro de um espaço. No documentário a observação foi feita em parques, praças e diversas áreas de lazer informais de Nova York. A tentativa era descobrir por que alguns espaços das cidades funcionam para as determinadas pessoas, enquanto que para outras não. O método previa fazer uma relação entre uso, clima, horário e função versus os

A tabela demonstra os principais problemas da cidade e do bairro, mais na terceira linha apresenta o índice, segundo as lideranças comunitárias no bairro, dos seus principais problemas.

FIGURA 60: Tabela com os 3 principais são saúde, desemprego, drogas / tráfico.

Tabela 6. Principais problemas da cidade, do bairro e da comunidade – lideranças comunitárias

Os três principais problemas	Recife	Santo Amaro	Comunidade
Creches	...	1	...
Desemprego	5	2	5
Drogas/tráfico	3	6	4
Educação	7	2	2
Educação ambiental/meio ambiente	1	1	1
Exploração sexual	1	1	1
Habitação	...	2	...
Lazer/espços públicos	...	1	...
Participação popular	...	1	2
Qualidade de vida	2
Qualificação profissional	1
Saneamento	2	1	2
Saúde	4	3	3
Segurança/policiamento	3	2	2
Violência	1	3	2
Total	29	26	25

Fonte: entrevistas realizadas com as lideranças comunitárias.

FONTE: CUSTÓDIO, 2012, p. 51.

O diagnóstico apresentado é de extrema importância para trazer a comunidade a participar do desenvolvimento de um projeto que possa auxiliar o poder público a ser mais assertivo e menos excludente nas escolhas para a área. Como são muitas associações, que ao que tudo indica não se dialogam, parecem ser desarticuladas, o que pode torná-las mais fracas. Diante desse futuro imprevisível uma das opções para a comunidade é criar competências comunitárias capazes de gerar um planejamento resiliente.

3.1.4 Análise de Resiliência em Santo Amaro

A noção de resiliência urbana é um conceito relativamente novo e ainda muito debatido, principalmente quando o assunto é avaliar o seu impacto, ou medir o grau de uma comunidade.

Alberti, o definiu como "o grau em que as cidades são capazes de tolerar e se reorganizar diante de alterações em torno de um novo conjunto de estruturas e processos"(Alberti et al., 2003, p. 1170).

Sendo assim, surge a dúvida: como medir a resiliência da comunidade de um bairro?

Como resposta o presente estudo elaborou um quadro de análise, que pretendeu analisar o grau de resiliência encontrado no quadrilátero de Santo Amaro. Para tal criou uma tabela apresentada em 3 divisões, a primeira elenca todas as características de resiliência citadas por todos os teóricos aqui estudados, na segunda busca compará-los aos conceitos do novo urbanismo, na terceira etapa, na última coluna, foi feito um comparativo utilizando as características do bairro de Santo Amaro versus características de resiliência a fim de medir a sua resiliência.

Outro modelo utilizado como ferramenta de diagnóstico, o *Framework Cinefin* (SNOWEN, 1999 apud CAMPOS, 2014 p.157), desenvolvido para o que o autor chama de dispositivos de autoconhecimento para ajudar as organizações à tomarem decisões, ajudando a fazê-las entender em qual contexto estão inseridas. Nesse estudo o framework foi adaptado considerando o comportamento da comunidade de Santo Amaro como sendo as organizações, a ótica foi baseada em seus protestos e manifestações.

As duas análises foram de fundamental importância, pois cancelaram a pertinência de considerar táticas de resiliência como um contexto a ser inserido no planejamento urbano, e mais ainda no de inseri-lo na utilização do crowdsourcing.

Os dois quadros, 12 e 13, referem-se ao diagnóstico e o comparativo citados.

QUADRO 12: Análise do contexto da comunidade de Santo Amaro.

FRAMEWORK CYNEFIN (SNOWEN, 1999 APUD CAMPOS, 2014 P. 157), ADAPTADO PARA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA COMUNIDADE DO BAIRRO DE SANTO AMARO							
PRODUZIDO PARA AJUDAR AS ORGANIZAÇÕES À TOMAREM DECISÕES, AJUDANDO A FAZÊ-LAS ENTENDER EM QUAL CONTEXTO ESTÃO INSERIDAS. NESSE ESTUDO FOI ADAPTADO A COMUNIDADE DE SANTO AMARO							
CONTEXTOS	ASSOCIAÇÕES RECLAMAM, DE VÁRIAS AÇÕES DA PCR	COESÃO COMUNITÁRIA	AÇÕES PRÓATIVAS	LÍDERES E AÇÕES QUE REPRESENTEM O TODO	EXPANSÃO URBANA DA ÁREA DE SANTO AMARO	FOMENTO DA ECONOMIA CRIATIVA	ÁREA NAVAL COMUNIDADES DO ENTORNO
SIMPLES							
COMPLICADO					FALTA A COMUNIDADE ENTENDER E APRENDER A PLEITEAR AÇÕES QUE CORRESPONDAM AS SUAS NECESSIDADES		
COMPLEXO							
CAÓTICO		NÃO É VISÍVEL, APARENTEMENTE AS ASSOCIAÇÕES AGEM ISOLADAMENTE	SÓ RECLAMAM NÃO SÃO PRÓATIVOS			POUCO CLARA AS AÇÕES PREVISTAS, NÃO SE PERCEBE SE ALIADO À ESTAS MEDIDAS SEJAM PREVISTOS DIRECIONAMENTOS QUE POSSAM	UM PROCESSO QUE VEM SE ARRASTANDO, NO QUAL GESTORES PÚBLICOS E ASSOCIAÇÕES NÃO SE ENTENDEM
DESORDENADO	COMO SÃO MUITAS ASSOCIAÇÕES, COM POUCO DIÁLOGO E DESARTICULADAS UMAS COM AS OUTRAS, TORNA IMPREVISÍVEL O FUTURO			NÃO EXISTE			

SIMPLES E COMPLICADO FAZEM PARTE DO CONTEXTO ONDE É POSSÍVEL PREVER O RESULTADOS DAS AÇÕES ENVOLVIDAS. COMPLEXO E CAÓTICO FAZEM PARTE DO CONTEXTO ONDE CAUSA E EFEITO JÁ NÃO SÃO PREVISÍVEIS. O DESORDENADO POR SI SÓ JÁ É REVELADOR

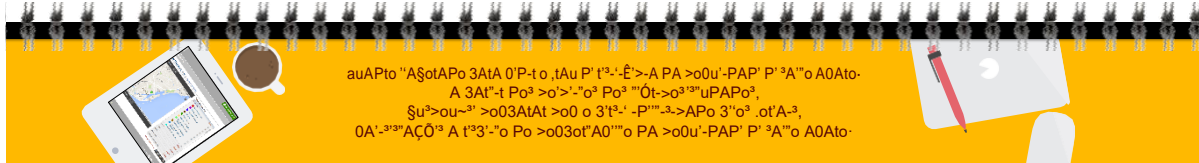
CONCLUSÃO DA AUTORA:

ANALISANDO A TABELA ACIMA E COMPARANDO-A COM OS PRECEITOS DEFENDIDOS PELOS TEÓRICOS ESTUDADOS NESTE TRABALHO, PODE-SE CONSIDERAR QUE A COMUNIDADE DO BAIRRO DE SANTO AMARO SE ENCONTRA EM UM CONTEXTO CAÓTICO, DESORDENADO, DIANTE DAS COMPLEXIDADES E ADVERSIDADES DE SEUS PROBLEMAS, ALÉM DE POSSUIR POUCAS INICIATIVAS QUE AVANCEM SOBRE SUAS DIFICULDADES. DESSA FORMA, PERCEBE-SE A NECESSIDADE DE SE PROMOVER A RESILIÊNCIA.

FONTE: Produzido pela autora, a partir de SNOWEN, 1999 apud CAMPOS, 2014 p.157.

QUADRO 13: Análise do perfil de resiliência da comunidade de Santo Amaro.

'3"uPo³ P' t³-'-Ê'>-A



	-P'''-3->A'Po A t³-'-Ê'>-A ~ A 3At'''t P' >o'>'-'o³ Po³'''Ôt->o³ au' P-³>u'''O A t³-'-Ê'>-A ' ³uA³>ATA>'''t³'''->A³								>AtA>'''t³'''->A³ PA 33³-'o'º u'(\$A'-300 '³A'''o A0Ato>o03AtAPo³A0³>o'>'-'o³ P t³-'-Ê'>-A		
CARACTERÍSTICAS DE RESILIÊNCIA	DOBBS (2007)	CELLIANE FERREIRA SECUNHO (2012, P. 126-129; 152; 165; 163)	PAULO YAZGI SABBAG (2012, P. 26, 27, 32, 33, 30, 69, 205, 206)	GOLDSTEIN (2013)	GEORGE BARBOSA (2014, P. 59-62;)	ARIP (2014)	LUCIANA CAMPOS (2014, P. 155-149)	PPS - PLACEMAKING	NOVO URBANISMO	CARACTERÍSTICAS OBSERVADAS NA COMUNIDADE DE SANTO AMARO (VISO DA AUTORA)	
PERSISTIR DIANTE DAS ADVERSIDADES = PERSISTÊNCIA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	NÃO	
COMUNICAÇÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO / CONFUSA	
TRABALHO MULTIDISCIPLINAR	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	NÃO	
TRANSFORMAR ADVERSIDADE EM OPORTUNIDADE = ADAPTAÇÃO = MALEÁVEL	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	NÃO	
IDENTIDADE CULTURAL	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	INDEFINIDO	
FORTE CONEXÃO COM O LUGAR E SUA HISTÓRIA	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
TENACIDADE	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	NÃO	
FLEXIBILIDADE	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
DEMOCRACIA NA TOMADA DE DECISÕES	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS/ STAKEHOLDERS	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO / CONFUSA	
MELHORAR A VIVÊNCIA (EM AMBIENTES E OU COMUNIDADES)= AREGATE DE VIZINHANÇA= COESÃO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
MELHORAR O AMBIENTE COM AS PRÓPRIAS MÃOS	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	NÃO	
ARTICULAR APOIOS = PROCURAR PATROCINADORES = PROCURAR INCENTIVADORES	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
INCLUSÃO BASEADA NA FALTA DE DISCRIMINAÇÃO	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
AUTOESTIMA COLETIVA	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
TEMPERANÇA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
INDEPENDÊNCIA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
CRIATIVIDADE	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
TER EMPATIA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
RESOLVER PROBLEMAS E TER FIRMEZA NA TOMADA DE DECISÕES	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
SABER ESTABELEÇER METAS E EXPECTATIVAS REALISTAS	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
SER CAPAZ DE APRENDER COM ACERTOS E ERROS	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
SER COLABORATIVO E PARTICIPATIVO COM A SOCIEDADE E OU COMUNIDADE = COMPETECIA SOCIAL	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
ÉTICA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
PROATIVIDADE	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
TER OTIMISMO = OTIMISMO / APRENDIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
DESENVOLVER AUTO DISCIPLINA E AUTOCONTROLE	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	
AUTOCONHECIMENTO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	
SABER LIDAR COM ADVERSIDADES / ADAPTAÇÃO / REINVENTAR	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
PLANEJAR O FUTURO E OS OBJETIVOS	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	NÃO	
A t-³u"o³ ">o'''tAPo³ P'''to Po³ 'o >o'>'-'o³ 'tA-³ '>o'''tAPo³ 'o³'''Ôt->o³	23	29	26	29	23	30	28	29	20	0	

>o'>'u³Ao PA Au'otA 3to>utA'Po >AtA>'''t³'''->A³ P' t³-'-Ê'>-A 'A >o0u'-PAP' P' ³A'''o A0Ato

AO ESTUDAR OS CONCEITOS ACIMA, PERCEBE-SE QUE BEM DIFERENTE DOS CONCEITOS INICIAS DA FÍSICA PARA RESILIÊNCIA, OS AUTORES DA ATUALIDADE ESTÃO MAIS VOLTADOS PARA COMPORTAMENTO E COMUNIDADE. DESSA FORMA FOI POSSÍVEL CRIAR UM PARALELO COM AS IMPRESSÕES CONSTRUÍDAS ATRAVÉS DO ESTUDO DA REGIÃO, E DOS MANIFESTOS DE SEUS MORADORES. NAS ÚLTIMAS COLUNAS FOI PERCEBIDO COMO É PERTINENTE O USO DO NOVO URBANISMO E DOS CONCEITOS DA PPS, VISTO QUE SUAS DIRETRIZES PERMEIAM QUASE A TOTALIDADE DAS 30 CARACTERÍSTICAS DA RESILIÊNCIA, À VISTA DOS TEÓRICOS. SANTO AMARO NÃO APRESENTA NENHUMA CARACTERÍSTICA DE RESILIÊNCIA. A ÚNICA RELACIONADA A LÍDERES COMUNITÁRIOS É CONFUSA, VISTO QUE SÃO MUITAS NO BAIRO QUE NAO SE DIALOGAM.

3.2 ANÁLISE URBANÍSTICA DO QUADRILÁTERO DE SANTO AMARO

Os próximos tópicos tentam elucidar a origem do traçado e o seu impacto em relação aos usos e tipologias encontradas no quadrilátero. E sua influência no desenvolvimento da área.

3.2.1 Leis e zoneamento dos usos do solo

Localizado na Região Político Administrativa 1-RPA1, juntamente com mais 11 bairros, Santo Amaro é o maior dos bairros da RPA, inserido na Zona de Ambiente Construído I (ZAC I), pretende reurbanizar e dinamizar as áreas ociosas, promover inclusão socioespacial, dinamizar as atividades de turismo, cultura, lazer, comércio, serviços e negócios.

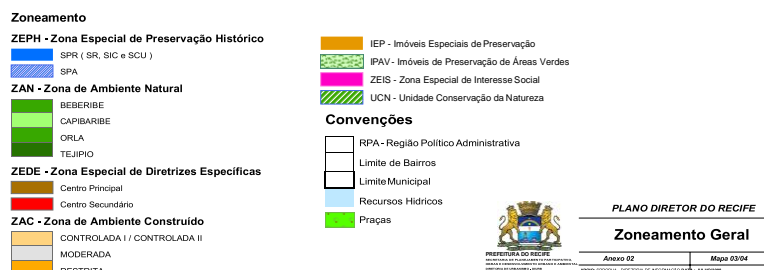
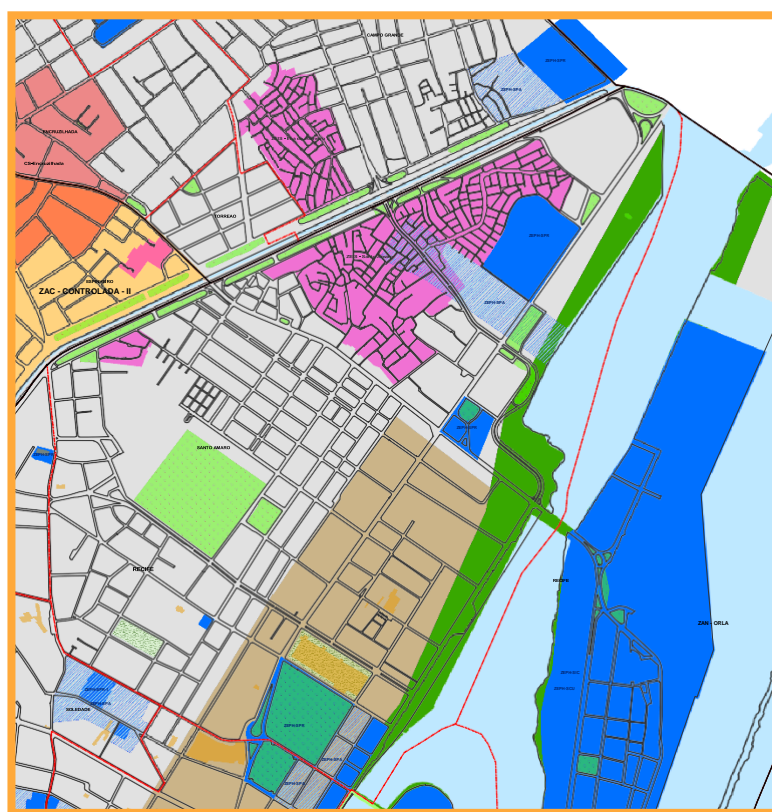
FIGURA 61: O bairro dentro da demarcação da RPA1.



FONTE: RECIFE, 2015.

Dentro desta mesma área (ZAC I) existem desmembramentos, é o caso ZECP - Zona Especial de Centro Principal pela Lei 17.489/2008, que modifica a Lei de Uso e Ocupação do Solo (16.176/96). Onde mais uma vez é fracionada em outras 3 subdivisões mais específicas como, SRC1 e SCR2 – Setor de Requalificação de Centro 1, e o SPM – Setor de Preservação Morfológica e também ocorrem alguns Imóveis Especiais de Preservação ditos IEP. E ainda a ZEIS- Zona Especial de Interesse Social: Santo Amaro, João de Barros (Zeis Santo Amaro) com um total de 15.642 habitantes e 12.834 aglomerados subnormais.

FIGURA 62: Mapa do Zoneamento

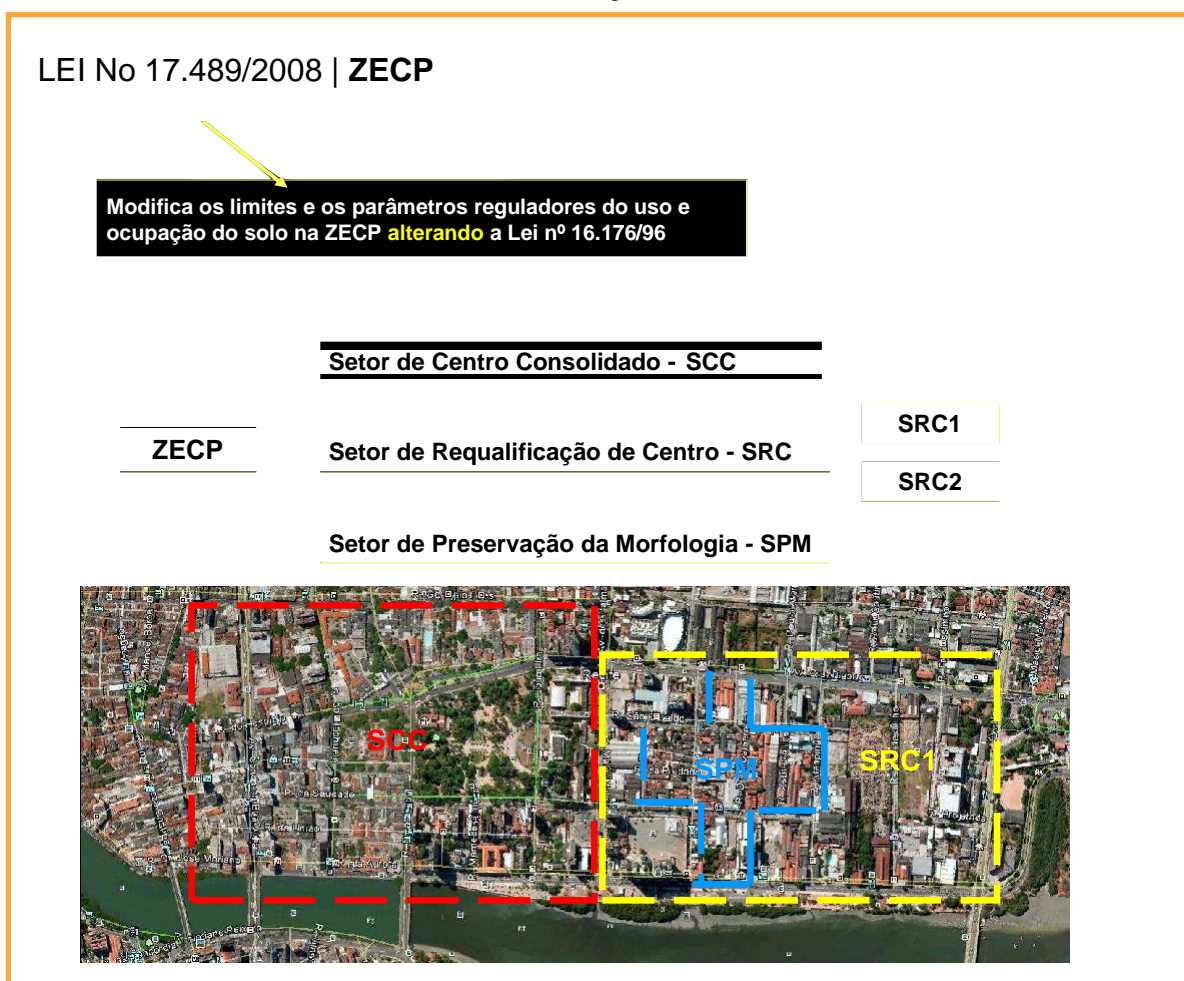


FONTE: RECIFE, 2015.

A SCR1 constitui-se uma área de grande potencial construtivo, fato esse percebido pelo seu alto coeficiente de utilização (5,5) além de 25% de taxa de solo natural, é percebido uma intenção de promover a requalificação da região através de novos usos e iniciativas, cabe salientar a grande possibilidade de adensamento que esses coeficientes possibilitam.

O segundo: SPM - Setor de Preservação Morfológica tem coeficiente de utilização de 4, e 20% de solo natural exigido, sendo vedados remembramento e desmembramento dos lotes. Estão sujeitos a análise especial todos os novos projetos para a região sejam arquitetônicos ou urbanísticos e todas as mudanças na estrutura de lotes na área. Ainda em uma pequena área dentro do quadrilátero tem-se ainda classificados como Imóveis Especiais de Preservação - IEP que são Sistema Jornal do Comércio de Comunicação, e duas residências, a de nº 280 e a 307, na Rua Capitão Lima, preservadas devido a relevante valor para o patrimônio histórico.

FIGURA 63: Características da área segundo o Plano Diretor do Recife - 2008



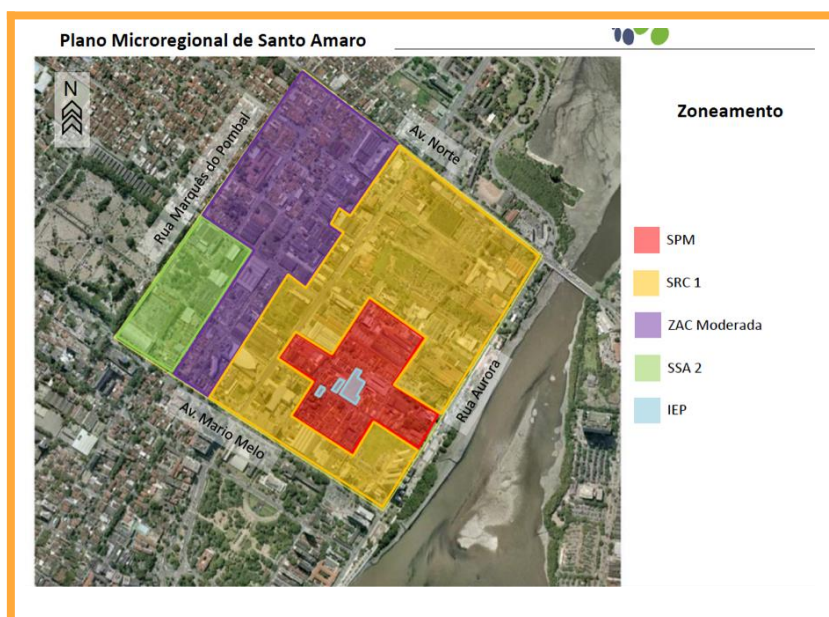
FONTE: RECIFE, 2015.

O estudo elaborado pelo Instituto Pelópidas da Silveira para o plano diretor de Recife, estabelece um alto coeficiente de construção para o Quadrilátero de Santo Amaro pois a medida visa criar um novo conceito de bairro, visando um desenvolvimento tecnológico para a área. Também prevê proteger um pequeno trecho de preservação histórica, já que ali se encontra um ícone da história da arquitetura no Recife que é o prédio do Jornal do Comércio (RECIFE, 2015). O estudo elaborado pelo Instituto, pensou em várias medidas que poderiam diminuir os impactos dos novos empreendimentos, porém até hoje não se percebe tais diretrizes na prática. O Ensaio Urbanístico agrega para esse fragmento um elevado padrão de urbanidade baseado, principalmente:

- No uso misto;
- No transporte público de passageiro e nas melhores condições para os deslocamentos não motorizados (a pé e de bicicletas);
- Em alternativas tipológicas destinadas a reduzir as ilhas de calor geradas pela o adensamento construtivo, através da:
- Ampliação: áreas públicas arborizadas, resultantes da transferência para o domínio público da taxa de solo natural dos imóveis (25% do lote);
- Da introdução de pavimentos vazados nas edificações para a implantação de áreas verdes verticais destinadas a absorver a radiação solar e permitir a ventilação urbana (RECIFE, 2015)

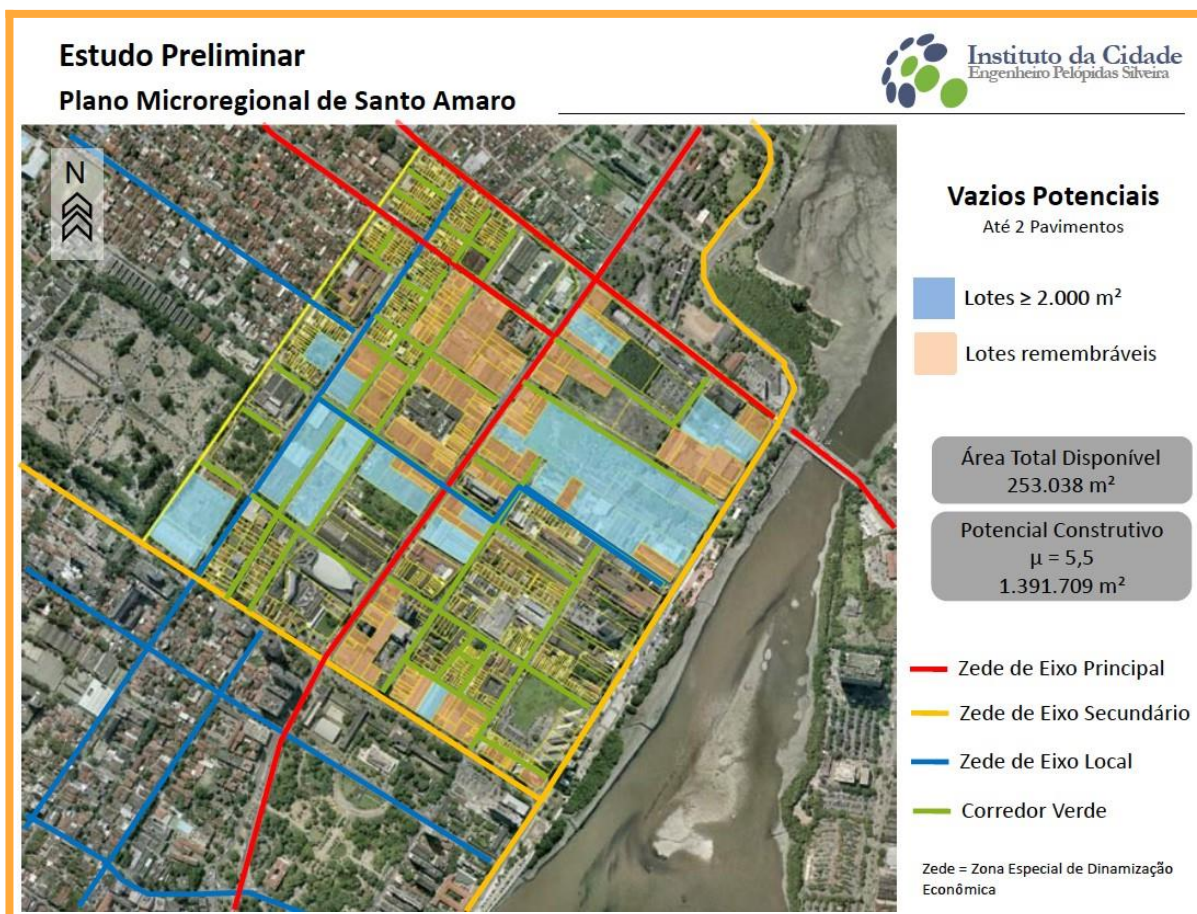
A figura 64 demonstra a demarcação do quadrilátero, área demarcada de amarelo coeficiente 5,5, em verde coeficiente 2, em roxo coeficiente 3, e em vermelho coeficiente 4.

FIGURA 64: Coeficientes de utilização no quadrilátero.



FONTE: RECIFE, 2015.

FIGURA 65: Demarcação das vias do quadrilátero e vazios remembráveis.



FONTE: RECIFE, 2015.

Fora o zoneamento implantado, a Prefeitura do Recife vem dispendo de outros incentivos que pretendem estimular uma requalificação e um novo conceito de bairro, visando desenvolvimento tecnológico e *economia criativa*, como é o caso da lei de incentivo fiscal para o Porto Digital - Lei nº 17.762/2011(RECIFE, 2015).

É preciso destacar ainda, que outras áreas dentro do mesmo bairro, também sofreram alterações em seus coeficientes.

Atualmente a prefeitura vem promovendo audiências públicas, para discutir sobre um novo plano em andamento para a área naval e hospital de Santo Amaro. Em alguns pontos o novo projeto pode permitir prédios de 25 a 30 andares na ZEPH 19.

3.2.2 Sistema viário, tipologias, quadras e traçado

O Quadrilátero de Santo Amaro é formado atualmente por 18 quadras, é delimitado por quatro vias de articulação sendo elas a Rua da Aurora, Rua Mario Melo, Avenida Norte e Avenida Cruz Cabugá, uma das mais estratégicas vias para a mobilidade da cidade, pois faz a ligação do centro com a Zona Norte, e do centro com o município de Olinda.

FIGURA 66: Traçado do quadrilátero de Santo Amaro.

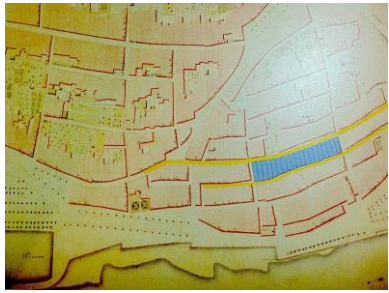
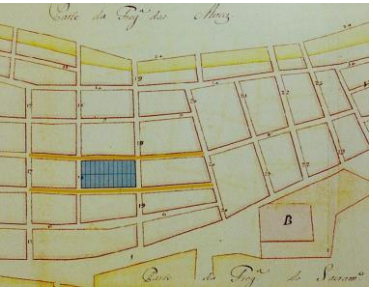
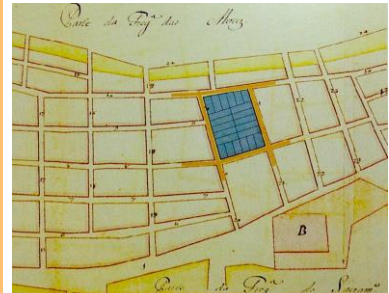


FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

Como percebido na figura 63, o modelo das quadras e quarteirões é fechado, sem interação com a rua, com lotes que não são permeáveis. As quadras também não seguem padrão xadrex, percebe-se um formato descontrolado, que vai dos terrenos estreitos e compridos presentes nos quarteirões 5, 6 e 10, ou a lotes grandes, que vão de um lado a outro do quarteirão, na maioria retangulares que antes eram ocupados por indústrias nos quarteirões 1, 2, 3 e 13. Os maiores lotes estão situados na Rua Araripina e na Rua Dois de julho.

Manuel Teixeira, em seu livro *A Forma da Cidade de Origem Portuguesa* (2011), afirma que existem 3 tipos de quadras no traçado português, são eles:

QUADRO 14: Características do traçado de quadras portuguesas.

		
<p>1) O primeiro lembra a estrutura do quarteirão medieval. Lotes de lado a lado do quarteirão. Lembrando que a quadra medieval, tinha uma via larga na frente do lote, e ao fundo uma via de serviços.</p>	<p>2) O segundo, a estrutura de quarteirão com duas frentes . Lotes costas com costas. Muito usado para definir hierarquias urbanas.</p>	<p>3) O terceiro já parece com a estrutura moderna, com lotes virados para as quatro ruas</p>
<p>FONTE: Teixeira, 2011, p.88</p>	<p>FONTE: Teixeira, 2011, p.89</p>	<p>FONTE: Teixeira, 2011, p.89</p>

Ao analisar as quadras da figura 63 ao das quadras portuguesas no quadro 13, é possível identificar dois tipos de traçado em Santo Amaro, tipos 1 e 2. Percebe-se também uma ocupação com lotes finos e compridos, casas geminadas, com largura de 6 a 7 metros de frente, presentes na quadra 6 e 10 da figura 63. Segundo Teixeira (2011), esse tamanho de lote se dava por conta de uma normatização de construção portuguesa. E explica:

Na carta Régia de 1498, ... estavam contidos um conjunto de normas urbanísticas e construtivas e um conjunto de métricas sobre as frentes das construções, a seu alinhamento e as medidas dos vãos. Em 1499, no Regimento dos Carpinteiros, eram indicadas as medidas padronizadas de diversas peças de madeira para a construção. As vigas maiores de 24 palmos (aproximadamente 5,3 metros) e de 30 palmos (6,6 metros) o que correspondia a frente dos lotes urbanos das cidades portuguesas (TEIXEIRA, 2011, p. 90)

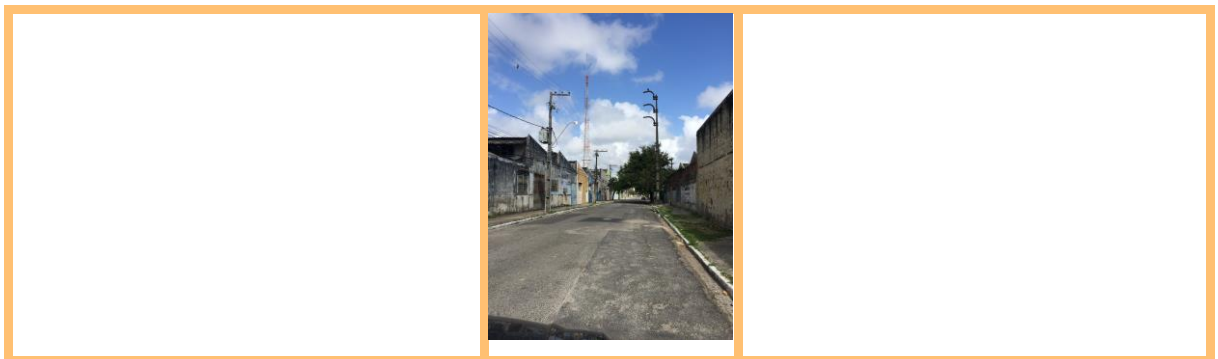
A gleba dos portugueses, e particularmente as tipologias construtivas, possuía na grande maioria lotes estreitos, compostos de 3 fiadas, com portas nos primeiros pisos e janelas nos seguintes, com maioria das fachadas lindeiras aos lotes. Geralmente as proporções das aberturas eram idênticas nessa tipologia, o que gerou uma uniformidade presente em diversas cidades portuguesas, encontradas também em algumas edificações no bairro de Santo Amaro. No quadro 14 é possível fazer tal análise comparando as edificações antigas na Rua da Aurora na altura da quadra 6, a alguns casarões na cidade de Porto, em Portugal.

QUADRO 15: A influência das tipologias portuguesas .



OS Imóveis Especiais de Preservação - IEP, localizado na Rua do Lima com os números 280 e 307, e também o conjunto do Jornal do Comércio. Nessa área, novas construções devem passar por análise especial da prefeitura. A influencia da época Industrial, também marcou algumas quadras, principalmente as 1, 2 e 3. com lotes que chegam até à 5000m². Localizados na Zona de Requalificação do Centro 1 (SRC1), galpões ainda presentes na Rua Araripina e na rua Dois de Julho. Alguns desses lotes é o que vem sendo utilizados pelos incorporadores para instalar os novos habitacionais, baseados no coeficiente de utilização de Cu 5,5.

QUADRO 16: Galpões industriais fotos 1e 2 rua Araripina e foto 3 vazio na Mário Melo.



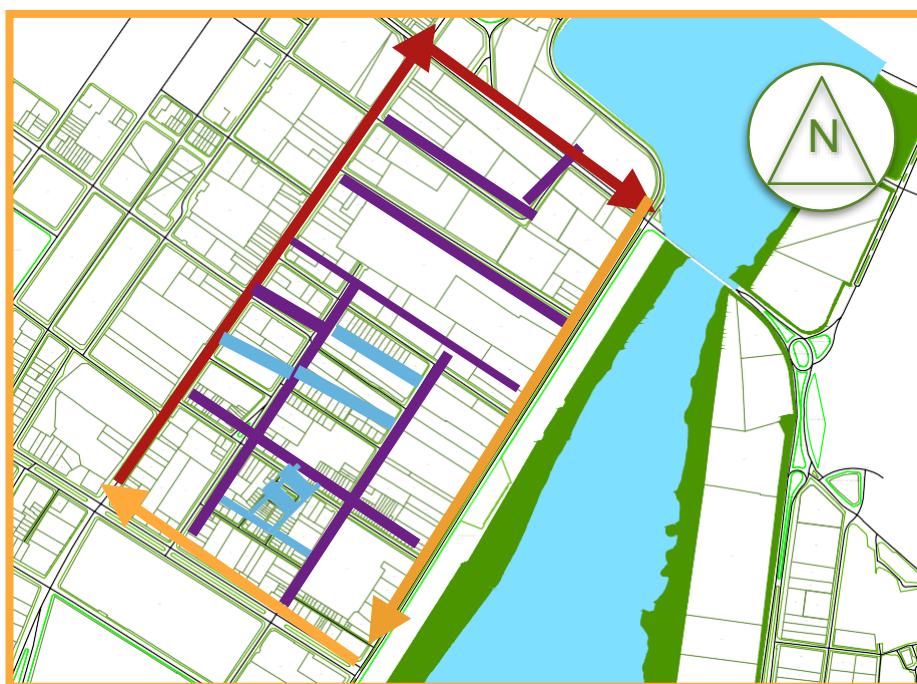
FONTE: Acervo pessoal da autora, 2015.

Outro problema identificado no diagnóstico, foi a inexistência de um padrão de tamanho para as calçadas do quadrilátero, a seguir quadro com dois exemplos que ilustram bem a situação. Na avenida Mario Melo, no quadro 16 a foto 2 revela uma boa largura de rua 12 metros e calçada de 5 metros. Já a rua do Lima, apresenta uma rua estreita de 7 metros, com calçadas sem nenhum padrão, na foto 1 ao lado esquerdo da rua a calçada mede 3m e no outro 1m.

QUADRO 17: Comparativo de larguras de calçadas na Rua do Lima e na Rua Araripina.



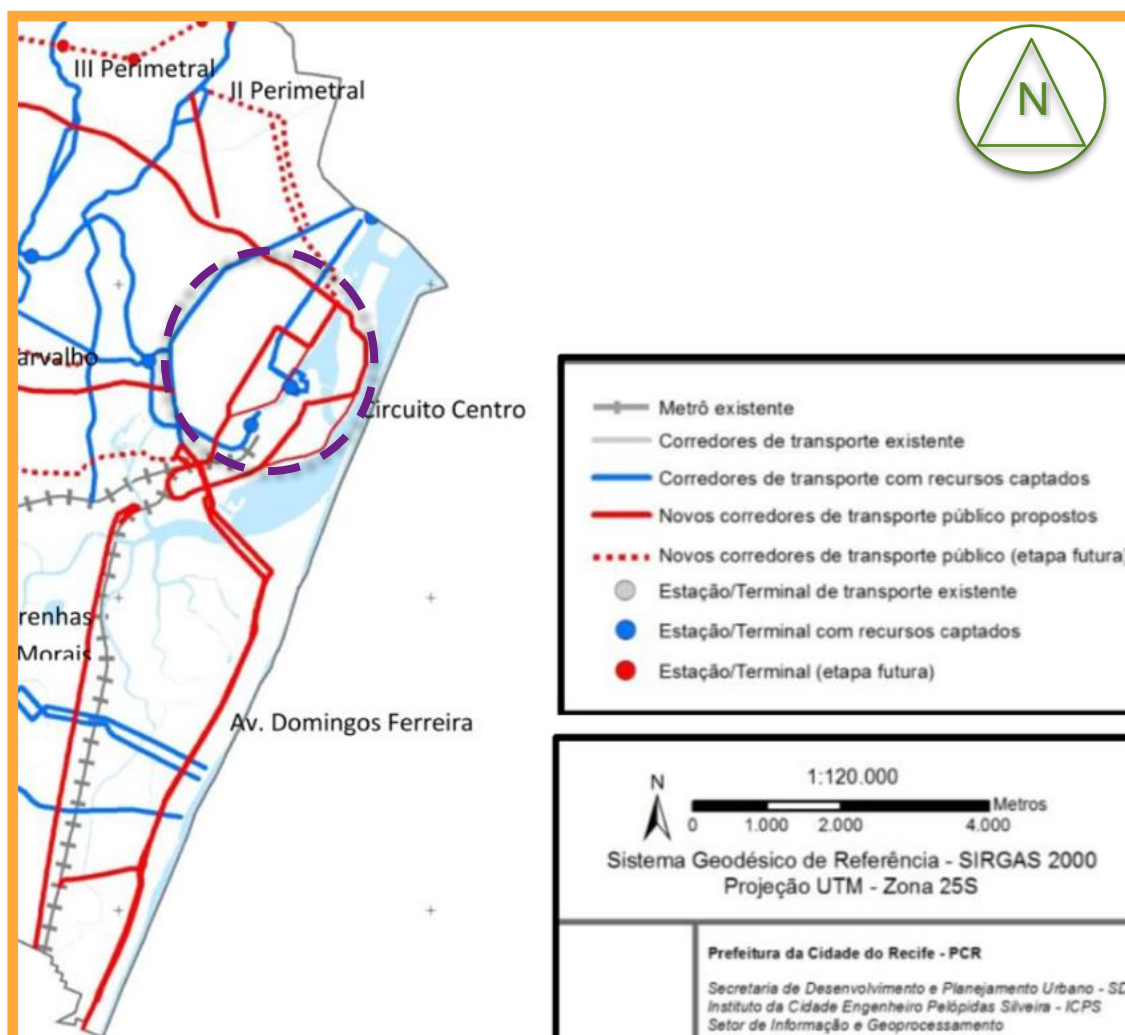
FIGURA 67: Tipo de vias do quadrilátero.



Pela Lei de uso do Solo do Recife, no sistema viário do Quadrilátero de Santo Amaro, são encontrados os seguintes tipos de vias: Corredores de Transporte Urbano Principal, que conecta a área a diversos bairros, representado em vermelho na figura 64 sendo elas a Av. Cruz Cabugá e a Av. Norte; os Corredores de Transporte Urbano Secundário, representados em laranja estão a Rua Mario Melo e Rua da Aurora; já as vias coletoras que tem a função de direcionar o fluxo para as vias arteriais, aparecem em roxo e por fim as vias locais representadas em azul claro.

Como verificado na figura 65, o sistema de transporte publico é eficiente, dada a sua localização privilegiada e permite fácil acesso a várias opções de modais.

FIGURA 68: Mapa do sistema viário do quadrilátero.



FONTE: CYSNEIROS, 2015.

3.2.3 Mapa de usos sob o olhar do Novo Urbanismo

No presente estudo as ações propostas partem da utilização dos conceitos do Novo urbanismo, por este motivo os diagnósticos aqui desenvolvidos tentaram analisar a situação atual do bairro sob a ótica das diretrizes da CNU, principalmente no entendimento de que o desenho das ruas e dos edifícios são ferramentas capazes de reforçar a segurança dos lugares.

Sob esse ponto de vista como está o quadrilátero de Santo Amaro?

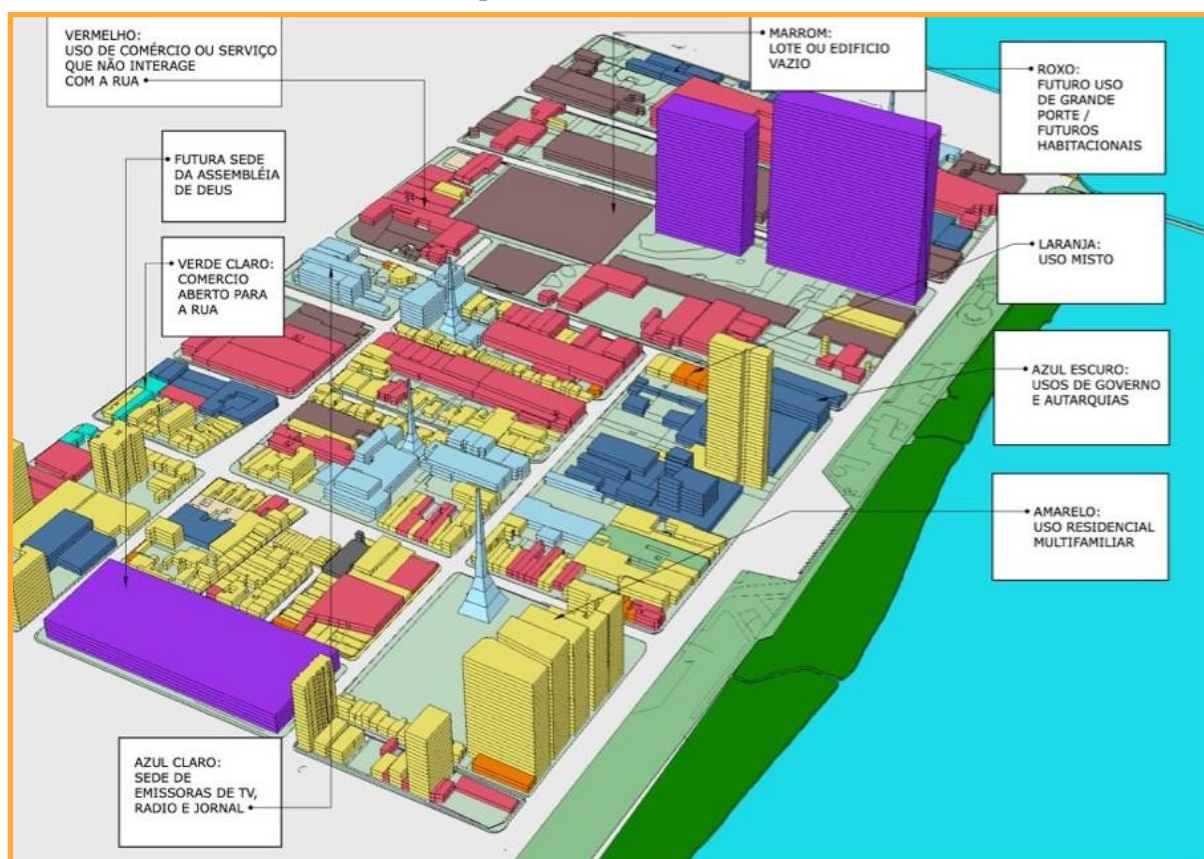
Em matéria jornalística do Jornal do Comércio, no dia 12/10/2014, a arquiteta Evelyne Labanca, Ex-Presidente do Instituto Pelópidas da Silveira, parece entender a importância de tais usos quando se refere aos novos empreendimentos e expansão para a área, afirmou que: "...Como os lotes são muito grandes, vai faltar espaço para os pequenos comércios e serviços. Você não vai ter nada no nível da rua. Nenhum comércio, padaria, farmácia, nada. Isso é muito ruim para a relação do bairro com seus moradores"(LABANCA, Evelyne apud JCONLINE, 2014 s/p). Na mesma matéria, o Secretário de Desenvolvimento Urbano do Recife, Antônio Alexandre, afirmou se referindo aos coeficientes:

Foi uma medida que teve uma lógica interessante, mas que não conseguiu ser bem sucedida por uma razão muito simples: o Porto Digital não teve nem como chegar, porque o tamanho dos lotes inviabilizava a ocupação. Deu-se incentivo fiscal, mas não se mudou a regra urbanística para adequar o uso dos terrenos ao perfil das empresas. O mercado imobiliário chegou antes e saiu comprando tudo (JCONLINE, 2014 s/p).

As afirmações vistas nesta entrevista, reafirmam a importância de elaborar um diagnóstico sobre o estado atual do quadrilátero. Este tópico tentará analisar os usos atuais, e a relação dos equipamentos instalados a serviço da comunidade. Foi elaborado utilizando 10 parâmetros baseados na CNU: 1) estabelecimentos comerciais ou de serviços que não se relacionam com a rua; 2) usos habitacionais (obs: não foi levado em conta gabarito); 3) uso misto (habitação e comercio); 4) sem uso (galpões, ruínas e terrenos abandonados ou sem usos); 5) estabelecimentos comerciais e ou serviços que se relacionam com a rua ; 6) Jornalismo e Tv (a área tem forte presença deste tipo de uso); 7) gastronomia (uso formal ou informal para restaurantes e lanchonetes); 8) lazer público (espaços ou edificações utilizadas para lazer); 9) lazer privado (boates e bares); 10) governo (edificações com usos relacionados ao governo, seja municipal, estadual, federal, marinha e ou autarquias).

Em visitas ao Quadrilátero de Santo Amaro, foi possível perceber que tanto no seu entorno, como no próprio quadrilátero áreas residenciais se misturam a antigos galpões industriais, alguns até sem uso. Uma enorme quantidade de prédios públicos como a secretaria de segurança e a área militar. Várias igrejas de diferentes crenças, misturadas a vários prédios importantes para a cidade como o Jornal do Comércio, muitos sindicatos e escolas públicas. Empresas de grande porte como o Grupo Paquetá - Esposende, ou ainda algumas pequenas fábricas. No entanto, pouquíssimos são os equipamentos que criam uma interação com a rua. Pelo contrário, a grande maioria tem suas portas ou muros completamente fechados para as ruas.

FIGURA 69: Mapa de usos baseado no Novo Urbanismo.



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

Na figura 66 é possível perceber 4 usos que marcam maior presença no bairro: em primeiro lugar aparece o uso habitacional em amarelo, seguido pelo uso vermelho, que trata de serviços e ou comércio fechados para a rua, que só promovem ruas abandonadas. Em terceiro, representados em azul claro aparecem os edifícios ocupados por veículos de comunicação

como tv, jornais e rádios. Já em quarto lugar, aparecendo em azul escuro, os prédios de uso do governo, como o Banco Central, a Secretaria de Segurança, Correios entre outros.

Em destaque em roxo estão os locais previstos dos habitacionais de grande porte que estão sendo instalados na região. Nas fotos do quadro 16, revelam as ruas com muros altos, calçadas estreitas e empresas fechadas, e ilustram o estado das ruas em novembro de 2015.

Dessa forma é possível sugerir que as ações públicas para a área, não foram capazes de garantir uma diversidade produtiva e inclusiva para a população, no quadro 17 é possível visualizar o estado de algumas ruas da área estudada.

QUADRO 18: Ruas do quadrilátero em novembro de 2015.



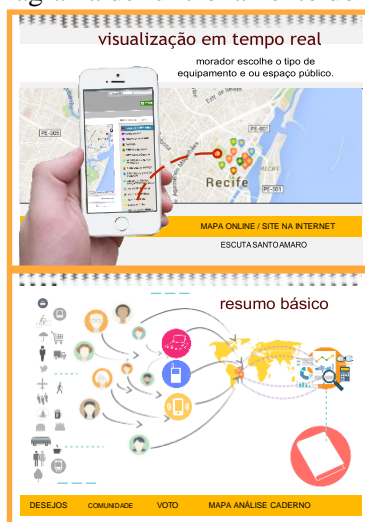
FONTE: Acervo da autora, 2015.

4. METODOLOGIA

O presente trabalho teve o objetivo específico de construir um aplicativo para testar junto a comunidade residente no Quadrilátero de Santo Amaro um novo modelo de escuta popular. Pretendeu-se com isso produzir táticas de resiliência aliadas aos princípios do Novo Urbanismo, e como resultado fomentar a colaboração da sociedade.

Parametrizado para utilizar os princípios do Novo Urbanismo, o aplicativo trouxe sugestões de novos usos que pudessem incentivar a diversidade nos usos dos espaços públicos e privados como fomentadores de segurança e renda. Ao final do processo, os dados foram analisados e consolidados em um caderno de diretrizes.

FIGURA 70: Diagrama de funcionamento do uso dos votos no site.



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

Como em todo processo de proposta no contexto urbano, um diagnóstico da área foi elaborado, e foi possível perceber que o Quadrilátero de Santo Amaro tem quatro usos dominantes, grandes galpões abandonados, empresas ligadas a comunicação e jornalismo, prédios governamentais e por último o uso residencial, subdividido em casas e habitacionais. No entanto, percebeu-se a falta de usos básicos como farmácias e padarias. Como percebido no quadro 19, foram analisados os usos sugeridos no Novo Urbanismo, analisando os que faltavam na área, estes por sua vez apareceram como opções a serem escolhidas.

Sendo assim devido a pouca variedade de equipamentos instalados, considerou-se a clara necessidade de promover a multiplicidade de usos, para atingir uma maior interação entre os moradores e as ruas da vizinhança.

QUADRO 19: Comparativo dos usos propostos no novo urbanismo encontrados no quadrilátero.

<p>6uAPt4 "A\$4tAP4 5AtA" >4" tAtA "3P" AP' u343A 3t" TM "3" tPA3 4A5">A" 46u3" tA" 3P AP4 'A>4" TM u" PAP' P' 3A" 4A" TM At4- 43 "Ot">43 u" >AP43 "3" 4A A" AP43 >4 TM 4 '4A4 ut\$A" 13 TM 4, >4 TM 4 ut\$A" 13 TM 4 3u3" 13 TM 4, ' >4 TM A t' 3" 13 TM 4 >A</p>									
USOS	JANE JACOBS	PP. PLACEMA KING	NOVO URBANISMO	DOUGLAS FARR URBANISMO SUSTENTAVEL, P.126	CIDADE PARA PESSOAS JAN GEL	ARUP	PD SÃO PAULO	TOTAL DE APARIÇÕES	'35AÇ43 '333" 13 TM 4 '4 6uAPt4 "A" 13 TM 4 P' 3A" 4A" TM At4
>t">3	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	5	NÃO
laO MaOa FALPLP	INDEFINIDO	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	3	
ILGa AB >L>SB>F>Fa	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	
MaAOfa	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
CaOU>Fa	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
ba>aAB GLO>al	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
>aCé	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
>L>PRIQÓFLP	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	3	SIM
MLPQLP MLUF>FaP B AB JL>FQLOaJ>QL	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
>l>F>aP	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	3	NÃO
TM" TM">AP43	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
TFCF 5Ú\$>4	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
RPL OB>OBaQFSL TM TM At"> >4 TM Á-uA	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
A" AP" 13 TM 4	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
'4A3 P' t4u5A3	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	5	NÃO
tP" P' -tA' P' 3A" 4A" TM At4	NÃO	NÃO	NÃO	NÃO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	0	NÃO
'A' A4 P' \$">A	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	5	NÃO
>EaCaOFU	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	4	NÃO
>b>QOL DaPQOL>JF>L	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
OBPOaROa>OBP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
CILOF>RIQROa	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	6	NÃO
la>>EBP QaMFALP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
PaO3	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
B>LiaP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
'43A3 AB >alçaAa abBOQaP MaOa a ORa	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
a>aABJFa AB BPLMOOBP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
BPOa>FLaJ>QLP MÚPIF>LP	NÃO	NÃO	SIM	SIM	NÃO	NÃO	NÃO	2	
a>aABJFa AB Aa>a	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
ILQeOF>a	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
>LOOBFLP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
IF>Suur>P	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
IF>f>BÚÁOFLP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
laSa>ABOFaP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
>LIÉDFLP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
R>FSBOPFaABP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
'3>4'A Qe>>F>a ' >" t4 P' 3A" 4A" TM At4 P' 4\$A '4>A'	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	INDEFINIDO	5	NÃO
BPMaçLP MÚPIF>LP a PBOBJ aLOaLP ' TM "P4" Mba MLMIaçãL	INDEFINIDO	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	2	NÃO
ORaP PÓ MaOa MBAPQOBP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	5	NÃO
>alçaAaP laODaP 4 à " JBQOLP									
>F>LSFaP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
SB>Aa AB JRAaP MaOa JLQaALOAB LRQOLP baFOOLP	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	INDEFINIDO	4	NÃO
MaONRB PHaQB	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	SIM
NRaAOa CROBPLI	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
NRaAOa Qe>FP	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
NRaAOa baPNRBQB	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	SIM
MaONRB MaOa bFHB	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	SIM
MFPQa AB >LLMBO	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
CBFOa LODa>F>L3	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
NRFLPNRBP	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
BPMaçL MaOa QOL>aP B PaUaO	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
ãOBaP MaOa OB>OBaçãL B >L>QBMLaçãL >L>BQOaP MOLQBDFaP AB PLI	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	NÃO
ELOQa MÚPIF>a	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	NÃO
aPPL>FaçãL AB JLQaALOAB	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
QOR>H CLLA	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	SIM	5	NÃO
>B>QOLP >LJR>FQãOFLP AB QOaPaEL SLIR>QãOFL	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	6	SIM
MLPQL AB PaUaB MÚPIF>a	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
BP>Lia aJFbQaI	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	4	SIM
5At6u' >A" 4	INDEFINIDO	SIM	SIM	SIM	SIM	INDEFINIDO	INDEFINIDO	4	NÃO
5At6u' " , A" 13 TM 4	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
MDeaFLP >LJBO>FaP JRIQFRPL	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	
Ea>FQaçOBP RPL JFPQL	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	SIM	7	SIM
'u" t4P " >4" tAP43 >4 TM 5AtAP4 A IFPQa AB "	39	62	63	62	58	54	52		

FONTE: Acervo da autora, 2015.

Lançado utilizando as redes sociais, o aplicativo ficou no ar durante 13 dias, buscou obter de forma colaborativa e voluntária sugestões e necessidades da comunidade, que poderiam ser expostas em um mapa georeferenciado. Produzindo assim um diagnóstico.

A metodologia obedeceu as seguintes etapas:

1) Pesquisa Bibliográfica / Fundamentação Teórica: A definição do referencial teórico envolveu os assuntos como gentrificação, ativismos sociais, novas tecnologias e resiliência urbana. Buscou-se teorias que atuassem na transformação de bairros e comunidades resilientes. Desde os direcionamentos de Jane Jacobs, David Harvey até os conceitos das chamadas Cidades Criativas, e o Framework de resiliência do Instituto Rockefeller - Arup, 2014, o foco foi dado a estudos que pudessem servir de suporte e ou sugestões à serem inseridas na parametrização do aplicativo. Estudou-se possibilidades através do Novo Urbanismo, e também as novas tecnologias, a exemplo, o *Massachusetts Technolog Institute*

– MIT que desenvolve pesquisas utilizando dados levantados dos mais diversos tipos de dispositivos eletrônicos a fim de criar novas soluções para as cidades (MIT, 2015), como também a Universidade do Minho em Braga - Portugal (ALVES, 2014). Durante os estudos percebeu-se que o tema resiliência tem múltiplos aspectos, sendo assim foi elaborada uma tabela comparativa entre teóricos que tratam sobre resiliência, principalmente os que tratam sobre resiliência social, ligando ao comportamento da comunidade do bairro de Santo Amaro, essa tabela ajudou a medir o nível de resiliência do bairro. Como resultado provou-se a pertinência de misturar os conceitos de resiliência e novo urbanismo como ferramentas de fomento de engajamento da comunidade da área estudada.

2) Estudos de caso: a escolha baseou-se em como cada um poderia contribuir para a parametrização do aplicativo. Bem como para possíveis direcionamentos. Adotou-se o critério de apresentar os resultados através em três categorias; a primeira tratou dos modelos de gestão pública; a segunda tratou sobre a participação popular e ativismos sociais, a terceira e última abordagem trouxe estudos que adotaram medidas colaborativas e ou o uso do *Crowdmap*.

3) Para avaliar os aspectos qualitativos, foi executada a caracterização da área com uma breve análise morfológica de quadras e traçado, usos e espaços vazios, como também a análise de

resiliência e espaços públicos. O que permitiu criar um olhar sobre o bairro, avaliando o contexto urbano.

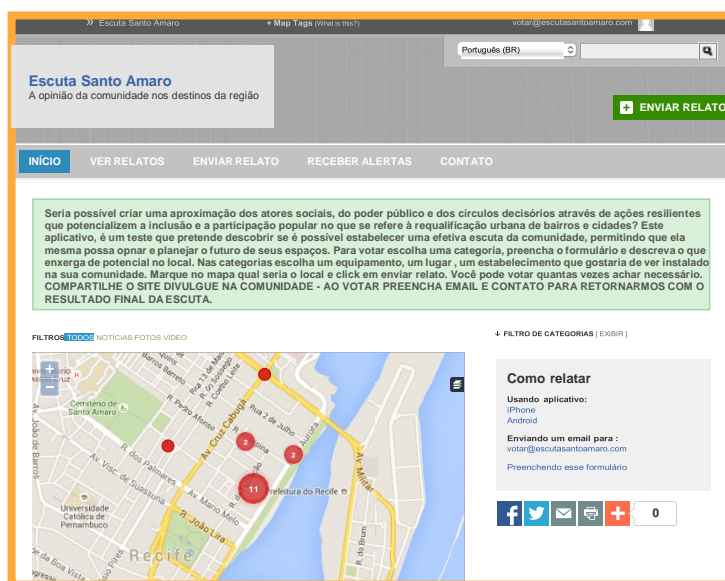
4) Definição e parametrização da ferramenta foi feita a partir do olhar do Novo Urbanismo, oferecendo opções de espaços públicos, serviços, tipos de ruas, lazer, atividades efêmeras, para que no site os moradores pudessem fazer as escolhas que achassem mais conveniente. Como ajuda o site dedicou uma página com exemplos desses espaços, funcionando como a ferramenta *Preferências Através das Imagens - IPS* (FARR, 2013). Ou seja, cada morador ou usuário conseguiu visualizar através de fotos as sugestões de espaços, estilos de rua, comércio, serviços entre outros, para que depois possa votar no que desejava para cada local.

5) Análise quantitativa: com o lançamento do aplicativo na comunidade, durante 12 dias as sugestões votadas foram coletadas, em tempo real. Devido os seus resultados instantâneos, o aplicativo gerou os dados estatísticos que permitiram uma rápida elaboração do caderno de diretrizes táticas da comunidade.

O site de votação ficou disponível em: <https://escutasantoamaro.com>. Lançado de 1 a 16 de novembro, e a consolidação feita entre 17 e 19 de novembro. Nele foram disponibilizadas 44 categorias com opções de usos a serem escolhidos pela comunidade.

O formulário também abriu-se espaço para novas sugestões, envio de fotos e vídeo.

FIGURA 71: Página do crowdmap parametrizado para a escuta.



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

Na primeira página do site, figura 69, um vídeo dava um resumo das informações de todo o projeto, e mais 4 outras páginas disponibilizadas buscavam tornar mais didático o uso do crowdmap. A primeira explicava como e por que o projeto foi concebido, a segunda relata o diagnóstico do bairro atualmente, o terceiro funcionou como um passo a passo de como relatar, e o quarto era dedicado a ilustrar novas opções de usos como exemplos a serem escolhidas. As figuras 71 e 72 das páginas 156 e 157 representam as opções e as categorias disponíveis no crowdmap.

FIGURA 72: Primeira página do site Escuta Santo Amaro.



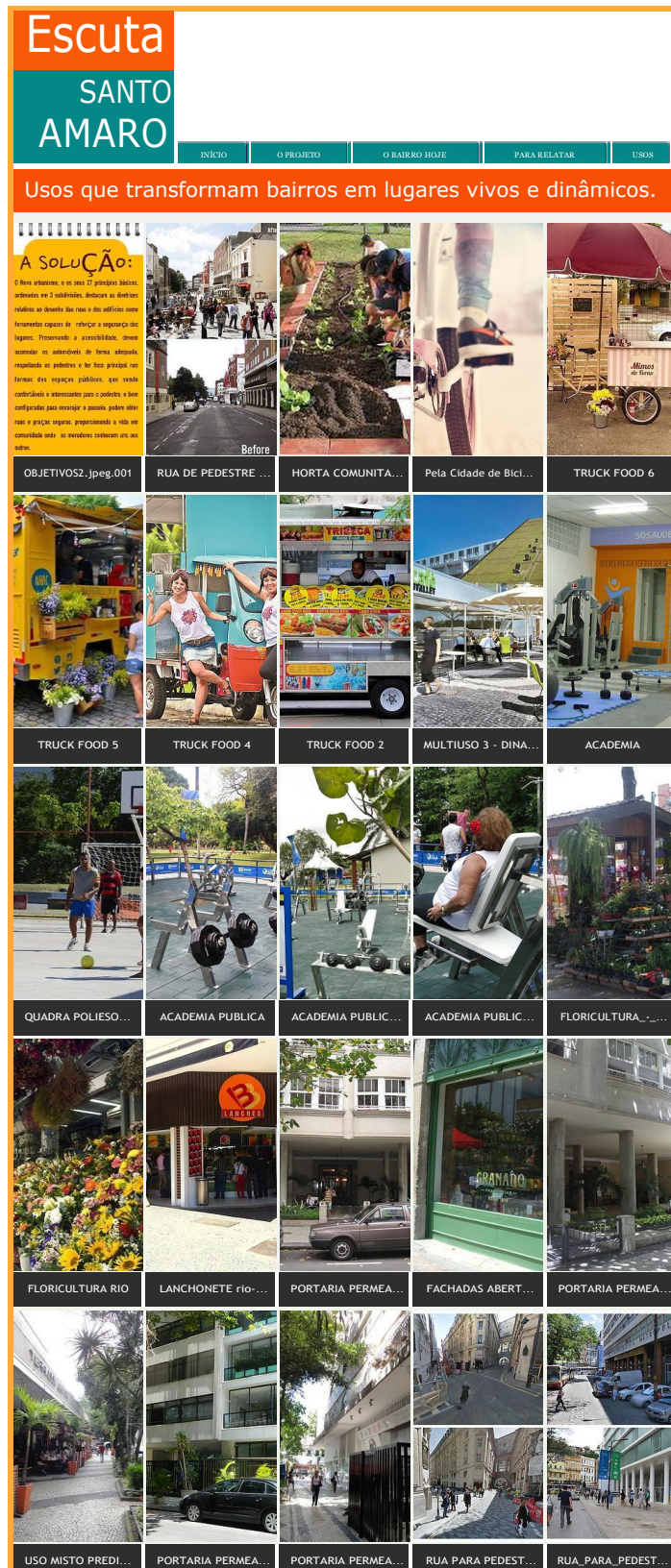
FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

FIGURA 73: Navegação do do passo a passo para relatar.



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.














FIGURA 74: Exemplos de usos disponibilizados para relato no site



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

As opções de voto representadas nas fotos eram acompanhadas de uma breve explicação de como o seu uso poderia ser transformador. Essa mesma explicação era repetida no aplicativo como categorias a serem votadas no crowdmap. E apareciam disponibilizadas como na representação da figura 75.

FIGURA 75: Parte da lista das categorias.

Categoria	Cor
CENTRO COMUNITÁRIO UM CENTRO COMUNITÁRIO PARA ATENDER TODO O BAIRRO	
CAMPO DE FUTEBOL LAZER E ESPAÇO PÚBLICO - AUMENTO DE OFERTA PARA ATENDER MORADORES - VALORIZA ESF PÚBLICOS	
CASA LOTÉRICA / BANCO SERVIÇOS DO COTIDIANO QUE PROMOVE SITUAÇÕES PARA MORADORES ANDAREM A PÉ	
Trusted Reports Reports from trusted reporters	
ALUGUEL DE BICICLETAS LAZER - MELHOR PARA A SAÚDE, CUSTOS E MOBILIDADE DOS MORADORES	
ATIVIDADES LÚDICAS LAZER - (teatro de rua, espetáculos, etc)	
BANCA DE JORNAL COMÉRCIO DE RUA - PROMOVE EMPREGO E RUAS SEGURAS COM MAIS PEDESTRES	
BAR ABERTO PARA RUA COMÉRCIO DE RUA - PROMOVE EMPREGO E RUAS SEGURAS COM MAIS PEDESTRES	
BAZAR E ESPAÇO DE TROCA LAZER - PROMOVE SEGURANÇA RUA COM MAIS PESSOAS	
BIBICLETÁRIO MOBILIDADE - PROMOVE MAIOR INTERAÇÃO COM O BAIRRO	
CAFÉ COMÉRCIO DE RUA - PROMOVE EMPREGO E RUAS SEGURAS COM MAIS PEDESTRES - EVITA RUA DESERTAS	
CALÇADAS LARGAS MOBILIDADE - PROMOVE MAIOR SEGURANÇA E INTERAÇÃO COM O BAIRRO	
CICLOVIA MOBILIDADE - PROMOVE MAIOR INTERAÇÃO COM O BAIRRO	

FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015

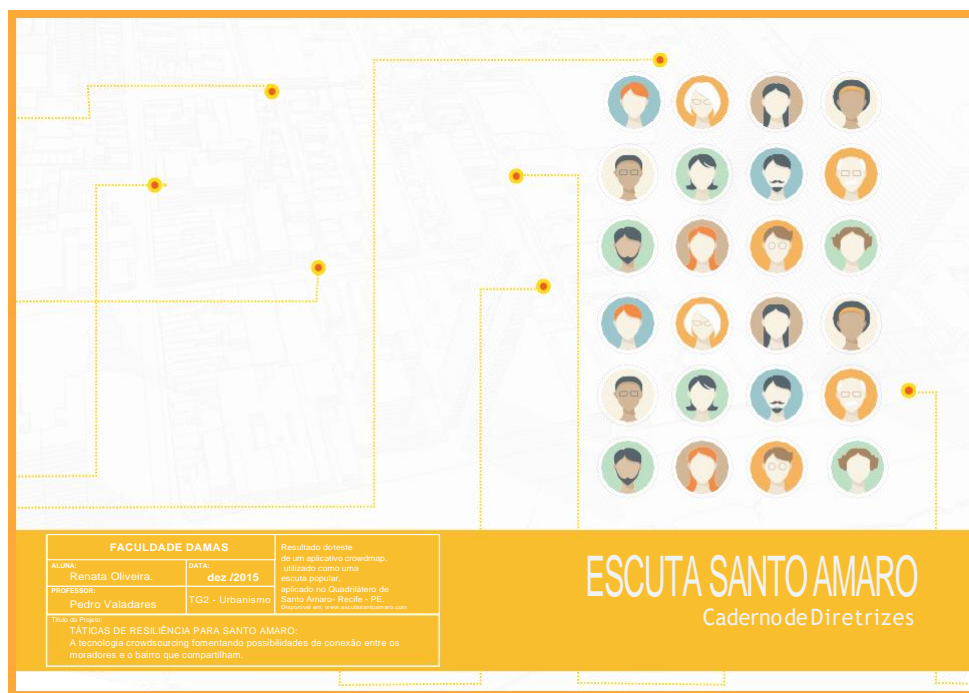
5. RESULTADOS

Como exposto na metodologia, utilizou-se o aplicativo para que novos usos, baseados no Novo Urbanismo, fossem escolhidos pela comunidade. Como resultado foram obtidos dados tanto sobre o desejo dos participantes, como também outros, a exemplo é possível citar os dados demográficos, horários e comportamento dos usuários.

seguir serão expostos os resultados em dois momentos, o primeiro trará um comparativo de resultados sobre o nível de engajamento do aplicativo comparado aos dados levantados nas cidades de Nova York e São Paulo, analisadas a partir dos estudos de caso. Como também uma análise das fraquezas e das potencialidades encontradas no teste. O segundo, no caderno de diretrizes serão apresentadas análises e relatórios do *Google Analytics*, que acrescentam o comportamento dos usuários durante o período que o site esteve no ar. Dados, que futuramente podem ser utilizados para melhorar a formatação de novas escutas, mais direcionadas ao perfil dos participantes. Ferramenta que demonstra a importância do uso de tecnologia na obtenção de dados para o planejamento das cidades.

Nos caderno serão apresentados resultados dos votos, com uma pequena sugestão de quão simples pode ser uma proposta a partir do mapa de desejos comunitários.

FIGURA 76: Capa do caderno de diretrizes.

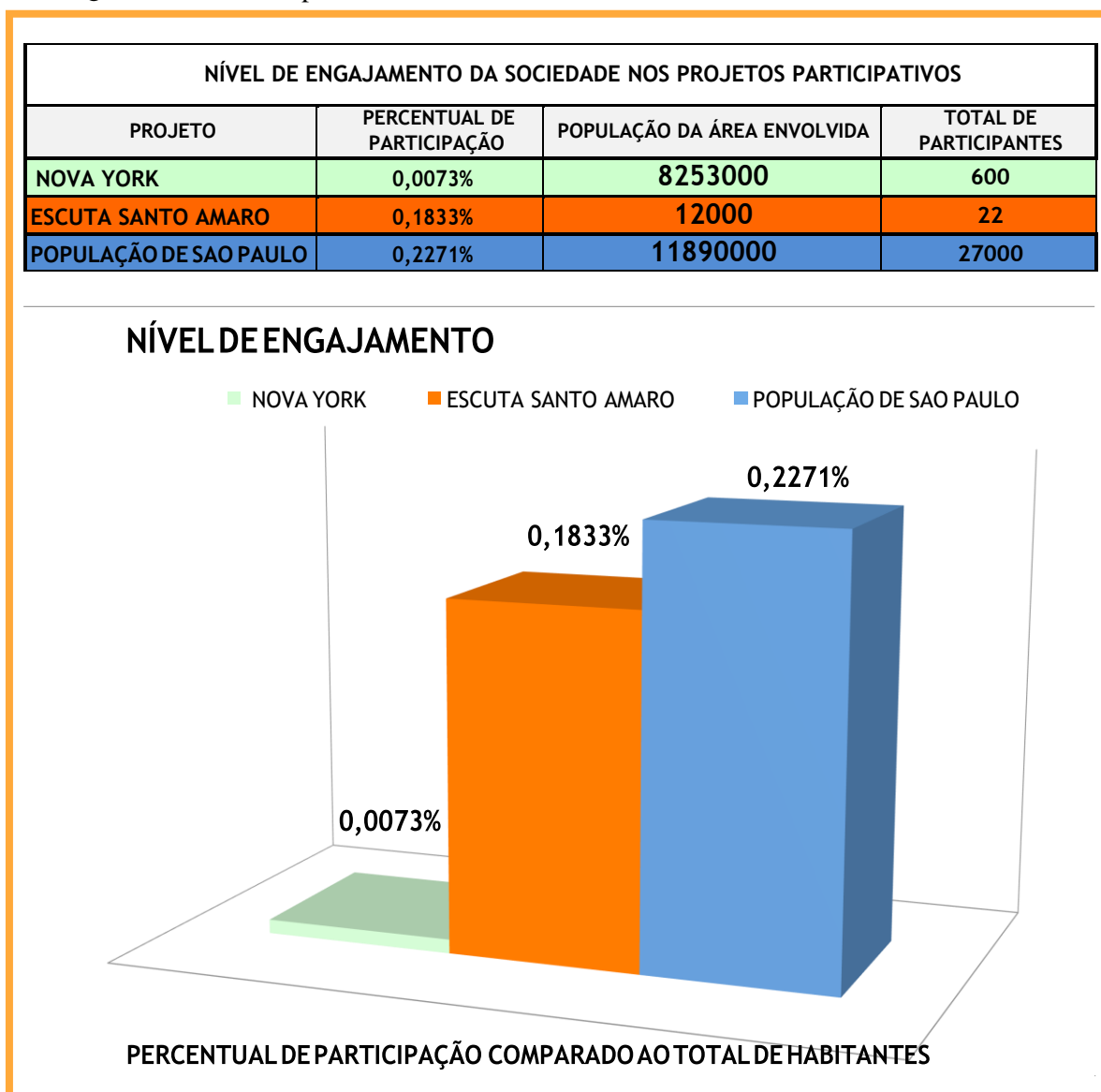


FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

O quadro 18 é uma representação do comparativo elaborado a fim de verificar o nível de engajamento da comunidade em relação ao aplicativo testado em Santo Amaro.

Utilizando os dados levantados nos projetos de Nova York (CITY, 2015) e de São Paulo (URBANA, 2015), o resultado da análise, tornou possível afirmar que houve uma boa colaboração. O teste portanto obteve sucesso já que, em números percentuais, obteve um resultado mais expressivo que os de Nova York (CITY, 2015).

QUADRO 20: Comparativo de resultados entre estudos de caso e a Escuta Santo Amaro.



FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015.

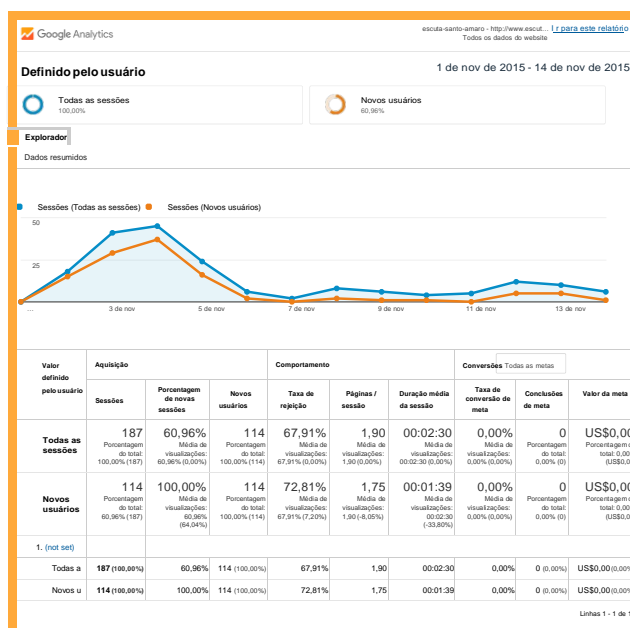
Os valores apresentados no quadro 18 revelam como bem sucedido foi o teste enquanto ferramenta, o que colabora para que a pesquisa continue a fim de explorar melhor outros aspectos que possam interferir em resultados futuros.

Para concluir a análise dos resultados obtidos, foram elencados os aspectos fortes, que representam grande potencial ao modelo, como também foram encontrados algumas fraquezas, estas mais voltadas ao lançamento e forma de divulgação, e que em momento algum podem invalidar o teste da escuta enquanto ferramenta.

FRAQUEZAS: Como o lançamento do site e do aplicativo, foram feitos apenas pelas mídias sociais, foi percebido um movimento contínuo nos acessos, no entanto no dia em que a Rádio CBN divulgou uma entrevista do jornalista Mario Neto, com a autora do projeto, onde discutiu e elogiou a iniciativa, foi percebido um pico nos acessos ao site, entretre 4 e 5 de novembro, o que mostra o poder da mídia para divulgação, caso iniciativas como esta fossem adotadas por gestores a abrangência seria muito maior devido ao seu alcance na mídia.

uma das fraqueza apresentadas é que o site foi muito acessado, chegando a quase 400 usuários. No entanto poucos efetivamente votaram. Este dado gera a dúvida de que se pelo fato de não ter sido executado comunidade, o engajamento pode ter sido menor. Sendo assim reforça que nesses casos, as iniciativas organizadas pela própria comunidade, com afinidades e objetivos comuns, como discutido no referencial teórico tanto nas iniciativas da *PPS- Project for the Public Spaces*, como nos teóricos que trataram dos mecanismos do *Crowdsourcing*, a exemplo Howe (2009). Na figura 77, é possível perceber o pico de acessos entre o dia 3 e 4 de novembro, data da entrevista na rádio CBN.

FIGURA 77: Acompanhamento da evolução dos acessos ao site.



FONTE: Google Analytics, 2015.

FIGURA 78: Reunião na Associação de Moradores Resiste Santo Amaro.



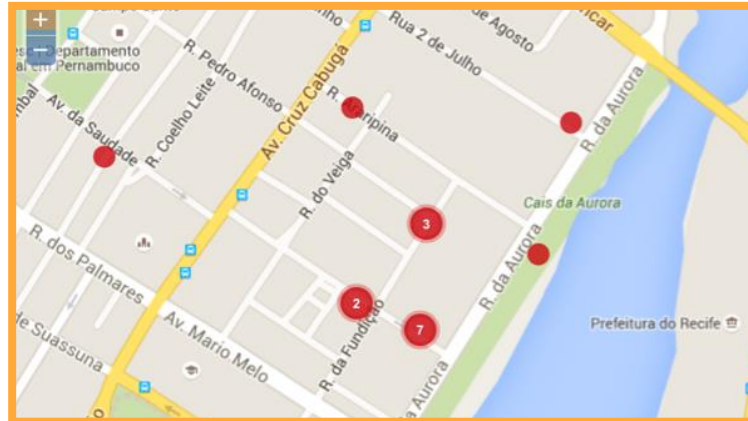
FONTE: Acervo da autora, 2015.

A figura 78 documentou a reunião elaborada na Associação do Resiste Santo Amaro, quando os organizadores da Associação convidaram a autora do presente trabalho para em uma reunião, onde todos munidos de seus smartphones queriam conhecer o aplicativo para que pudessem participar.

Infelizmente ao expor as opções de voto definidas durante a pesquisa, percebeu-se que as sugestões não condiziam com as necessidades dos moradores que faziam parte da Associação Resiste Santo Amaro. Isto por que a grande maioria reside em uma área externa ao quadrilátero, com realidades de poder aquisitivo bem inferiores, o que acarreta a necessidade de se criar uma outra escuta, mais condizente as suas necessidades.

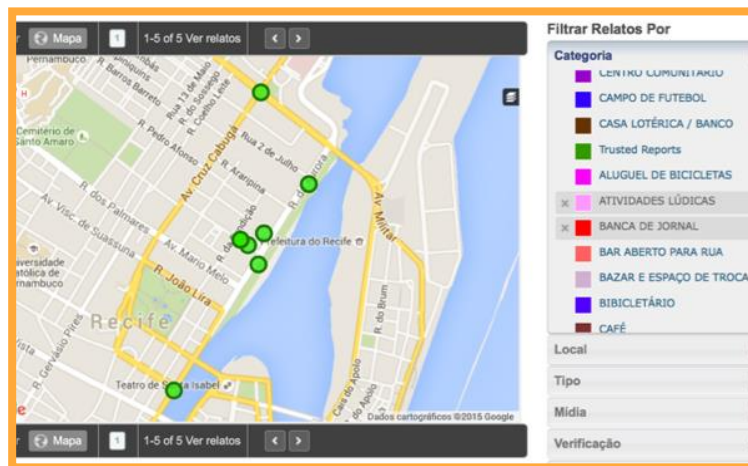
Provou-se novamente que quando Howe (2009) cita que para obter sucesso no engajamento a no uso do crowdsourcing, é extremamente necessário que se tenha interesses e objetivos comuns. Ficou nesse caso a promessa de parametrizar uma nova escuta, condizente as reais necessidades dos moradores pertencentes a Associação do Resiste Santo Amaro. Uma outra fraqueza encontrada, foi que o crowdmap permite que o usuário ao fazer seu relato possa em um mesmo relato efetuar várias escolhas, e nem por isso precisa marcar no mapa todas as sugestões. Essa brecha acabou tornando o mapa georeferenciado pouco objetivo, como também enfraqueceu alguns relatórios da análise estatística, que consideram só o número de relatos, não de sugestões. O que também dificulta o filtro por cor, como pode ser verificado na figura 79, nesses casos é necessário olhar voto por voto, para um entendimento correto.

FIGURA 79: Resultado de votos no mapa georeferenciado.



FONTE: STOAMARO, 2015.

FIGURA 80: Filtro não demonstra a diferenciação do voto.



FONTE: STOAMARO, 2015

FIGURA 81: Exemplo do relato com muitos votos.



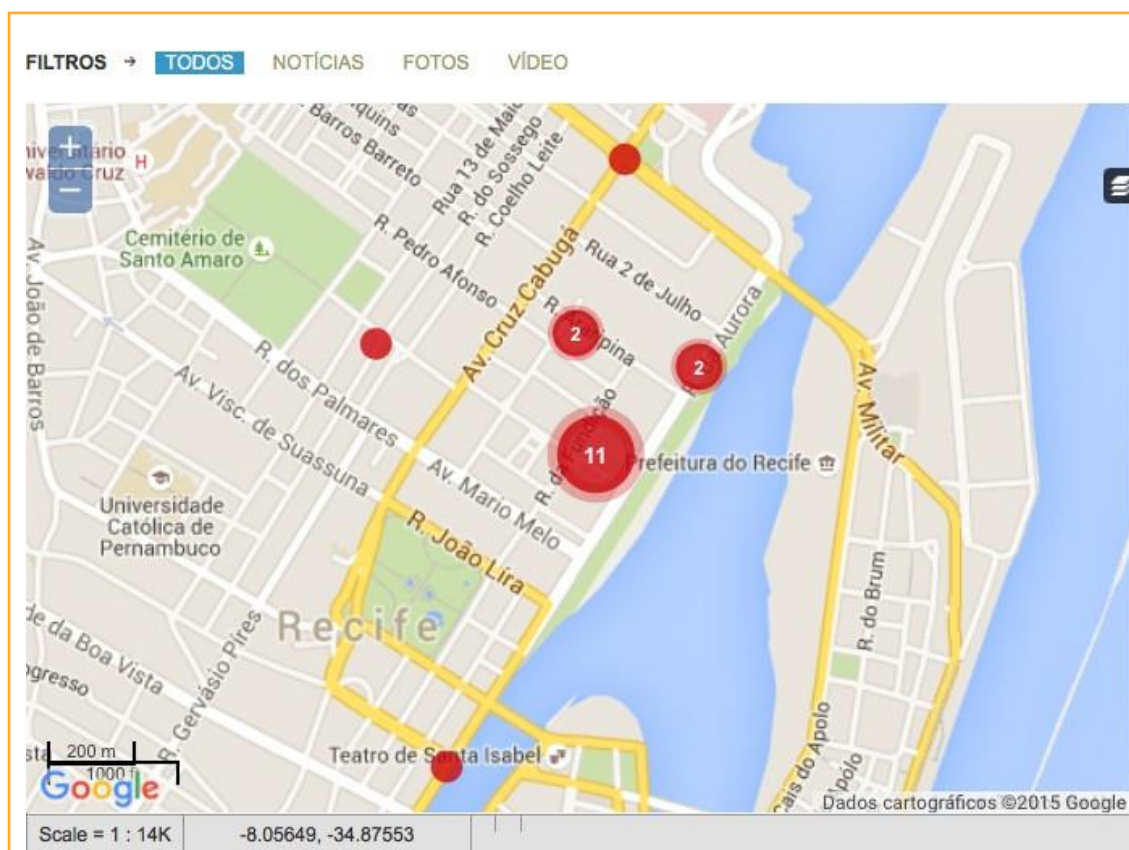
FONTE: STOAMARO, 2015

POTENCIALIDADES: como planejado a ferramenta envolveu poucos recursos, garantiu agilidade e transparência ao processo, e como presenciado na reunião da Associação do Moradores - Resiste Santo Amaro, é considerável o número de moradores portadores de smartphones e celulares conectados a internet, o que torna possível o investimento em iniciativas que possam explorar tais tecnologias. Também foi percebido que o uso do método IPS através das mídias digitais pode ter grande êxito para fomentar a conscientização da população.

Como grandes diferenciais ainda não explorados no crowdmap, estão: 1) os formulários que permitem que outros usuários possam interagir com votos de outros usuários. Funcionando em rede, com um espaço dedicado a troca de mensagens, o que acaba gerando a possibilidade de diálogos entre os participantes. A figura 82 ilustra o espaço para compartilhamento de ideias e interação, que acabam criando novos laços sociais.

RESULTADOS CONSOLIDADOS:

FIGURA 82: O mapa georeferenciado com votos.



FONTE: STOAMARO, 2015

FIGURA 83: Resultado dos votos.

RESULTADOS

De 44 categorias, 41 receberam votos, dentre elas a sugestão mais votada foi aluguel de bicicletas, em seguida no ranking, ocupando o segundo lugar com o mesmo número de votos entraram a criação de sobras nas ruas, calçadas largas, café e bar aberto para a rua. Em terceiro, lugar as sugestões de Wi-Fi público, espaços para passeios com cães, rua para pedestre, padaria, bicicletário, horta comunitária e posto policial. Em quarto entraram outros serviços como polo gastronômico, banca de jornal, pequenos mercados e lojas de conveniência, feira de orgânicos, restaurantes, academia. Foi possível perceber que a teoria de Jan Gehl, quanto a disponibilização de serviços básicos, com interação com a rua, poderiam proporcionar uma maior interação e conexão entre moradores e o bairro que compartilham. Os restantes dos votos foram mais espaçados.



representação de um dos votos

FIGURA 84: Os usuários.

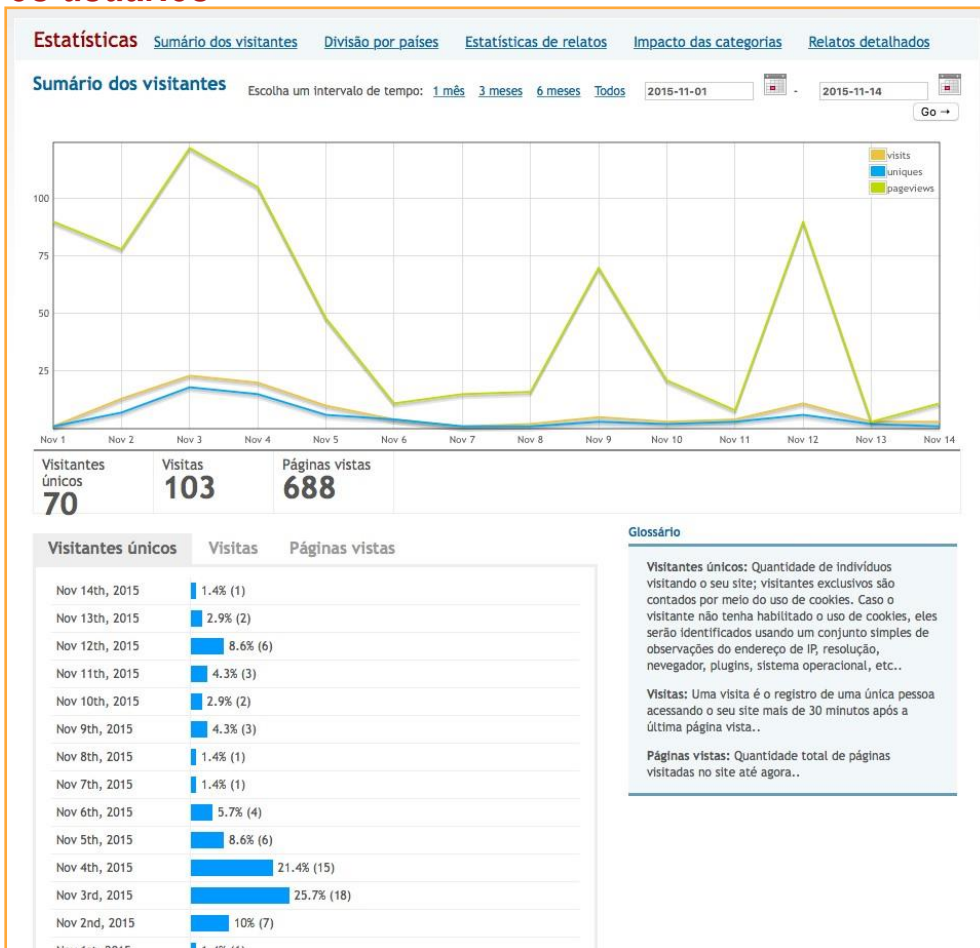


conclusão

Comprovou-se com o teste do aplicativo a importância do uso de dados no planejamento urbano, nas conclusões obtidas tanto das informações recolhidas na revisão bibliográfica, como na consolidação dos dados gerados pela interação com o site, permitiram executar um rápido diagnóstico para construção de lugares possíveis à vista da comunidade. Provou-se que as tecnologias são úteis, inclusivas, multifuncionais e que possibilitem o encontro e os contatos sociais, melhorando assim a qualidade de vida dos moradores.

Fica a sugestão de que a academia deve continuar a desenvolver pesquisas e ações no sentido de viabilizar novos testes para que as tecnologias colaborativas no contexto urbano sejam incorporadas como novos métodos para o processo projetual, já que através dos dados levantados, podem apresentar um diagnóstico coeso, rápido, barato e transparente das necessidades da comunidade.

os usuários

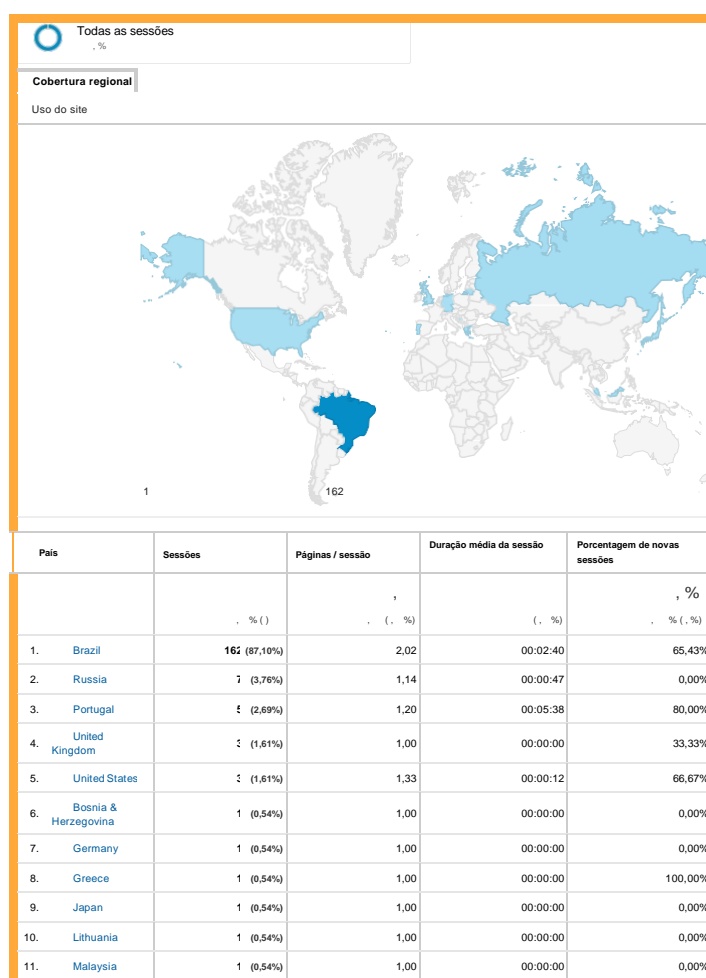


FONTE: PRODUZIDO PELA AUTORA, 2015

Ao finalizar o site, não foi possível incorporar o *Google Analytics*, no *crowdmap*, apenas no site de divulgação. Como o Google Analytics, trabalha normalmente para encontrar perfil de compras e utilização, para a presente pesquisa, ele foi utilizado para acompanhar o comportamento dos usuários, caso qualquer problema surgisse. Para grande surpresa os relatórios do Google Analytics, fornecem dados como de perfil de consumo e comportamento no site., provendo dessa forma informações que garantem melhor assertividade em testes futuros. Em um desses relatórios mostrou o surpreendente alcance das mídias sociais, quando utiliza o *crowdsourcing*. A figura 83 revela os vários países que o site foi acessado, em apenas 12 dias.

Provou-se a possibilidade de atingir grandes áreas, superando barreiras não só de tempo, como também territoriais, isso porque o aplicativo foi acessado em vários países fora do Brasil, como por exemplo a Rússia, Japão, Grécia, EUA, Portugal, Alemanha, Inglaterra.

FIGURA 85: Relatório de países visitantes no site escuta santo amaro.



FONTE: Google Analytics, 2015

Outras funções são disponibilizadas na plataforma crowdmap, com funcionalidades que fazem com que os aplicativos criados a partir do crowdmap tenham maior efetividade. Porém devido a natureza deste trabalho, decidiu-se deixá-las de fora. As principais são:

1) a plataforma que permite uma ligação direta com o facebook onde de dentro do mesmo pode-se acessar e fazer relatos. Uma característica como essa permite um engajamento muito maior pois não seria necessário desviar os usuários para passar no site e de lá para ao crowdmap. É um processo de fácil implementação, mas necessitaria de técnicos para sua implantação.

FIGURA 86:Interface com link direto pelo Facebook.



FONTE: USHAHIDI, 2015.

2) No Twitter o *Crowdmap* permite interface direta e operação a partir de tweets gerados por usuários. Nesse cenário ao mesmo tempo em que faz um post no microblog, o usuário gera um relato automaticamente no crowdmap. Não foi possível implantar esse característica por limitações já citadas, mas demonstra a versatilidade da plataforma. Importante citar que com mesmas características aparecem os emails e sms, o que garante acesso, mesmo onde a conectividade é baixa.

FIGURA 87:Interface Twitter.

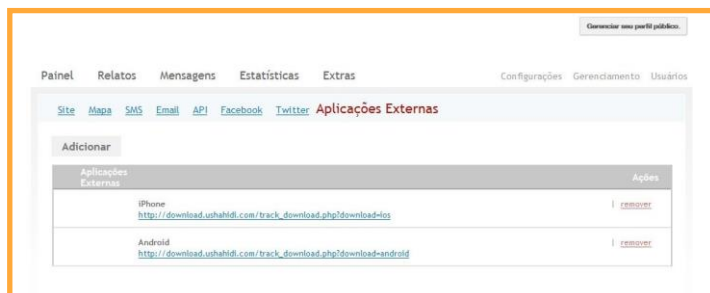


FONTE: USHAHIDI, 2015.

3) É possível instalar aplicativos com acesso direto ao crowdmap para as plataformas android e IOS. Testou-se esse ponto de contato que se mostrou bastante válido, porém poderia demandar um esforço extra, e usuários teriam que se convencer a instalar e configurar uma

APP. Tarefa que apesar de ser fácil, precisa de uma certa mobilização, cenário que seria diferente se o aplicativo fosse iniciativa da comunidade.

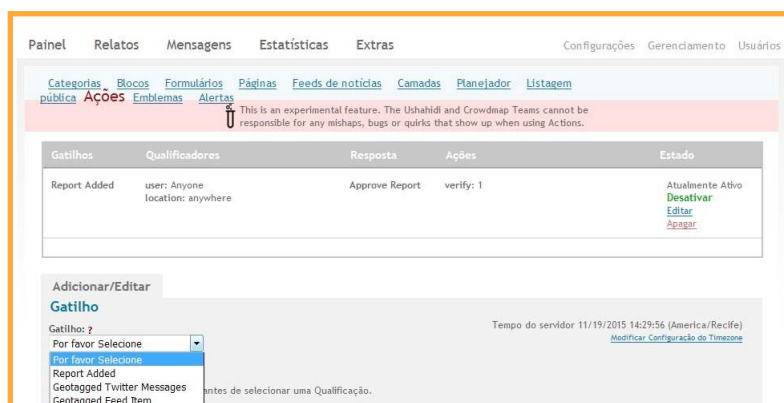
FIGURA 88:Link no site Crowdmap, onde plugins extras são disponibilizados.



FONTE: USHAHIDI, 2015.

4) A plataforma permite receber feeds de notícias junto com os relatos de forma a verificar sua autenticidade, e pode também ficar monitorando notícias relativas aos eventos estudados. Essa característica não foi utilizada mas pode ser de grande utilidade para verificar a repercussão de um trabalho executado, e eventos estudados nas mídias. Todos os relatos podem também conter fotos, vídeo e links que o usuário achar pertinente. Tudo isso pode então ser monitorado dentro da própria plataforma.

FIGURA 89:Scripts Avancados disponibilizados.



FONTE: USHAHIDI, 2015.

O Crowdmap também permite fazer uma triagem inicial nos relatos submetidos separando, descartando ou contabilizando de forma diferenciada os que atenderem determinados critérios. Esses critérios vão desde a busca por termos (palavras) no relato até a localização geográfica do mesmo ou seu ponto de contato utilizado.

Além de todas essas características “semi-prontas” o ushahidi disponibiliza o código fonte (*deployment*) para ser baixado e instalado em um servidor próprio, possibilitando infinitas utilizações desde que respeitadas todas as exigências para utilização de software *open-source*.

ANEXOS CADERNO DE DIRETRIZES E PRANCHAS

CONSIDERAÇÕES

Através do referencial teórico foi possível confirmar a importância da resiliência, dos ativismos participativos e colaborativos, e do uso das tecnologias, mas especificamente o *crowdsourcing*, como uma nova possibilidade para o planejamento das cidades e para os ativismos sociais. No entanto o maior desafio foi criar um cenário em que todos estes conceitos pudessem dialogar entre si. A solução foi encontrada quando ao parametrizar o aplicativo criou-se uma tabela comparativa, com a qual foi possível gerar uma série de usos capazes de ajudar a elencar novos usos que pudessem potencializar as teorias apresentadas, dessa forma surgiram as opções sugeridas para interação e escolha no aplicativo.

A fundamentação teórica foi de fundamental importância pois permitiu utilizar métodos como o IPS -Pesquisa de Preferência de Imagens para expor de forma democrática o que estava sendo proposto. Já a resiliência foi inserida subliminarmente quando no site um diagnóstico sobre a área estudada foi exposto, fazendo com que todos os usuários voltassem o seu olhar para os problemas encontrados, e ainda ao sugerir um novo olhar para os espaços, motivou-se o otimismo (característica resiliente) visando a oportunidade de criar um futuro melhor. A ideia de colaborar e participar com o local, trouxeram a tona os conceitos disseminados na resiliência comunitária.

Quanto ao objetivo principal, os resultados obtidos foram bastante positivos e conseguiram atender ao que foi proposto. Foi possível parametrizar e testar uma nova ferramenta de escuta popular. Como planejado, em apenas 15 dias foi possível lançar um aplicativo e consolidar os dados alimentados pela escuta. E mesmo que a primeira vista o nível de engajamento possa parecer baixo, os poucos votos permitiram testar a ferramenta a fim de encontrar uma rápida organização de necessidades para elaboração de documentos, que retratem diretrizes alinhadas aos desejos comunitários. Durante a parametrização do aplicativo até o seu lançamento no site, não houveram problemas para a execução. O processo também mostrou que o uso de tecnologias *open source* permitem fácil utilização, mesmo por quem não domina TI - Tecnologia da Informação. Com acesso bastante intuitivo, o uso da plataforma do *crowdmap* acabou comprovando que qualquer comunidade poderia utilizar a mesma ideia para organizar suas metas e objetivos.

A importância do uso de dados no planejamento urbano, foram comprovadas nas conclusões obtidas tanto das informações recolhidas na revisão bibliográfica, como na consolidação dos dados gerados pela interação com o site, que permitiram executar um rápido diagnóstico para construção de lugares possíveis à vista da comunidade.

Com o aplicativo, provou-se que as tecnologias são úteis, inclusivas, multifuncionais e que possibilitem o encontro e os contatos sociais, melhorando assim a qualidade de vida dos moradores.

O sucesso de iniciativas como a testada no presente trabalho, apresentando resultados dessa ordem comprovam a viabilidade e os bons prognósticos para a exploração de tais tecnologias. E sugere que a academia deve continuar a desenvolver pesquisas e ações no sentido de viabilizar novos testes para que as tecnologias colaborativas no contexto urbano sejam incorporadas como novos métodos para o processo projetual, já que através dos dados levantados, podem apresentar um diagnóstico coeso, rápido, barato e transparente. Ao invés de um estoque de informações desconectadas, difusas e sobretudo manipuladas, normalmente obtidas nos convencionais questionários e reuniões de audiências públicas.

REFERÊNCIAS

ACADÊMICO, Espaço. **Site espaço acadêmico**. Publicado em 2007. Acessado em: http://www.espacoacademico.com.br/070/70casadei_gois.htm Visualizado em agosto de 2015.

ADEMI. **Site da Associação dos dirigentes de empresas do mercado imobiliário**.

Publicado em out/2014. acessado em 15 de março de 2015.

ALVES, Paulo Reynaldo Maya. **Valores do Recife – Valor do Solo na evolução da cidade**.

Recife: Lucy Artes gráficas, 2009.

ALVES, Vitor. **O papel do Crowdsourcing na resiliência das comunidades**. *The role of Crowdsourcing in the resilience of communities*. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/35241>. Publicado em outubro de 2014. Acessado em agosto de 2015.

ALEGRE, Porto. **O site colaborativo do Portoalegre-CC**. Disponível em: <http://www.portoalegre.cc/>. Acessado em agosto de 2015.

ALVES, Francisco Arlindo. **Web colaborativa 2.0**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/arlifrancis/web-colaborativa-parte-1>. Acessado em 29 de março de 2015.

AMARO, Santo. **Blog do Bairro**. Disponível em: <http://santoamarorecife.blogspot.com.br/p/historia.html>. Acessado em 20 de março de 2015.

ARAÚJO, Heliana Comin Vargas e Cristina Pereira de. **Arquitetura e Mercado imobiliário**. São Paulo: Editora Manole, 2014

ARCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010.

ARQ, Futuro. **Depoimentos dos Palestrantes**. Livro organizado pelo evento arq futuro de 2012. São Paulo: Bei Editora, 2012.

AURORA, Amigos. **Página da comunidade Amigos da Aurora** no facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/amigosdaaurora/photos_stream. Acessado em 15 de janeiro de 2015.

BARBOSA, George. **Resiliência - Desenvolvendo e ampliando o tema no Brasil**. São Paulo: Editora Sobrare, 2014.

BARBOSA, George. **Roteiro dos índices de Resiliência**. São Paulo: Editora Sobrare, 2014.

BEZERRA, Eutalita. **Desenvolvimento pra quem?** Entrevista com Luiz Amorim para a Folha de Pernambuco em 2013. Site UFPE. Disponível em: https://www.ufpe.br/agencia/clipping/index.php?option=com_content&view=article&id=10322:o-enobrecimento-do-centro-do-recife-&catid=319&Itemid=237. Caderno imóveis. Acessado em 05 de março de 2015. Publicado em 2013.

BRABHAM, Daren. *Moving the Crowd At Threadless. Information, Communication & Society*. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13691181003624090> Acessado em maio de 2015.

CARVALHO, Maurício Rocha de. **Um Recife Saturnino: Arquitetura, Urbanismo e Saneamento**. Recife: On Demand, 2010.

CAMARA, Municipal. **Portal da Camara Municipal do Recife**. Disponível em: <http://www.recife.pe.leg.br/noticias/luiz-eustaquio-debate-plano-de-preservacao-da-vila-naval>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015. 2014

CAMPOS, Ester Lima de. Artigo “Agilidade e auto organização: pensando a resiliência no ambiente corporativo”. In: CAMPOS, Luciana, (org). **Resiliência & Habilidades Sociais - Reflexões acerca de suas articulações e seus desdobramentos na escola e na vida**. Curitiba : Editora Appris (2014, p.155).

CENSO, 2010. **Características da população Brasileira**. IBGE Disponível em <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>. Acessado em 11 de março de 2015. IBGE, 2010.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano - Artes de fazer**. Publicado em 1974. Petrópolis, Rio de Janeiro : Editora Vozes, 2014.

CHANGE, By Us. **Projeto de escuta de idéias para Nova York**. Disponível em: <http://nyc.changeby.us/#start>. Acessado em: 10 abril de 2015.

CIDADÃ, 2015. **Aplicativo Ouvidoria Cidadã**. Site da Camara Municipal de Vitória de Santo Antão. Disponível em: <http://camaradavitoria.pe.gov.br/app/>. Acessado em: 15 de maio de 2015.

CIDADES, 2011. **Estatuto das Cidades**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/LEIS_2001/L10257.htm. Publicada em: 15 de maio de 2015.

CITY, *B the Cit , For The*. **Projeto de escuta em Nova York**. Disponível em: <http://www.spontaneousinterventions.org/project/by-the-cityfor-the-city>. Acessado em: 10 abril de 2015.

COLAB, Pe. **Aplicativo Colaborativo desenvolvido pelo porto digital**. Recife - PE. Disponível em: <http://www.colab.re/home> Acessado em: 20 de maio de 2015.

COMCAT. **Apresentação do evento ComCat – Organização não Governamental Comunidades Catalisadoras**, organizado em dezembro de 2013. Acessado em 07 de março de 2015.

CNU. **Carta do Novo Urbanismo**. Site do Conselho do Novo Urbanismo. Disponível em: <http://www.cnu.org/node/6556>. Acessado em: março 2015.

COSME, Jorge. **Moradores denunciam descaso na Rua da Aurora**. Site do LeiaJá. Disponível em: <http://www.leiaja.com/noticias/2015/01/15/moradores-denunciam-descaso-na-rua-da-aurora/>. Acessado 20 de janeiro de 2015.

COLLIER, Marcus J., Zorica Nedovic-Budic , Jeroen Aerts, Stuart Connop, Dermot Foley, Karen Foley, Darryl Newport, Siobhán McQuaid, Aleksander Slaev, Peter Verburg. **Transitioning to resilience and sustainability in urban communities**. Publicado 2013. Disponível em: [http://www.academia.edu/8327291 /Transitioning to resilience and sustainability in urban communities](http://www.academia.edu/8327291/Transitioning_to_resilience_and_sustainability_in_urban_communities).

COLIN, Silvio. **O Novo Urbanismo**. Artigo traduzido no blog Acessado em: <https://coisasdaarquitectura.wordpress.com/2010/07/18/novourbanismo>. Acessado em: março de 2015.

CYSNEIROS, Leonardo. **Projeto Recife 500 anos**. Disponível em: acessível em: <http://>

pt.slideshare.net/leocisneiros/500-anos-sedpu-final. Acessado em 10 novembro de 2015

CUSTÓDIO, Rosier B. **Qualidade de vida e violência no Bairro de Santo Amaro**. Recife Editora Provisual, 2012.

DEL RIO, Vicente. **Desenho Urbano Contemporâneo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 2013.

DIGITAL, Porto: **Cartilha do porto digital, aspectos da lei nº 17.762/ 2011**. Disponível em: http://www2.portodigital.org/portodigital/ARQUIVOS_ANEXO_Cartilha_Desembarque_pdf. Acessado em 8 de fevereiro de 2015.

DOBBS, Barbara e POLETTI, Rossette. **A Resiliência - A arte de dar a volta por cima**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2007.

DUBEUX, Moura. **Tabela de preço do empreendimento Aurora Trend**. Disponível em: : <http://www1.mouradubeux.com.br/md/tabela/pe/pe-recife-residencial-aurora-torrea-marco15.pdf>. Acessado em 13 de março de 2015

FARR, Douglas. **Urbanismo Sustentável , desenho urbano com a natureza**. São Paulo: Editora Bookman ,2013

FUNDARPE. **Território Santo Amaro. Patrimônios e Potencialidades**. Recife: Editora Fundarpe , 2010.

FUN, Myfuncity. **Site aplicativo Myfuncity**. Disponível em: FUN, <http://myfuncity.org> Acessado em janeiro 2015.

G1. **Portal da Globo G1** disponível:<http://g1.globo.com/pernambuco/noticia/2014/12/moradores-de-santo-amaro-pedem-nova-audiencia-sobre-vila-naval.html>. Acessado em 05 de fevereiro de 2015. Publicado 2014.

GEHL, Jan. **New Road Brighton-UK**. Estudo de caso site Gehl Architects. Disponível em: <http://gehlarchitects.com/cases/new-road-brighton-uk/>. Acessado em: 20 maio de 2015.

GEHL, Jan .**Cidade para pessoas**. Tradução Anita Di Marco. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013.

GOETHE, Paulo. **Foto antiga do Bairro de Santo Amaro**. Acessado em: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/diretodaredacao/2014/09/29/foto-do-dia-santo-amaro-do-varal-a-nuvem/>. Acessado em 15 de março de 2015.

GOLDSTEIN, Evan Bruce, Anne Taufen Wessells, Raul Lejano e William Butler. ***Narrating Resilience: Transforming Urban System Through Collaborative Storytelling***. Disponível em: <http://usj.sagepub.com/content/early/2013/10/08/0042098013505653.abstract>. *Urban Stud Journal - Glasgow, UK*. Acessado em: 20 abril de 2015. Publicado em outubro de 2013.

HARVEY, David. **Condição pós moderna**. São Paulo: Editora Loyola, 2014.

HARVEY, David. Artigo: A liberdade da Cidade. . In: MARICATO (org) **Cidades Rebeldes. Passe Livre E As Manifestações que Tomaram Conta das Ruas do Brasil**. São Paulo: Editora Boitempo 2013.

HERZOG, Cecília Polacow. **Cidade para todos (re)aprendendo a conviver com a natureza**. Rio de Janeiro: Editora Mauad, 2013

HOLANDA, Frederico de. **O Espaço de Exceção**. Coleção arquitetura e Urbanismo. Brasília: Editora UNB 2002.

HOWE, Jeff. **O poder das multidões**. Rio de Janeiro: Editora Elsevier, 2009.

IG, Site notícias online. **Premiação do Colab- Pe**. Disponível em: <http://pernambuco.ig.com.br/tecnologia/2015/aplicativos-de-pernambuco-sao-premiados-pela-onu>. Acessado em 19 de maio de 2015

IPEA. **Dados demográficos**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/>. Acessado em jan 2015.

JACOBS, Jane. **Morte e vida das grandes cidades**. 3a ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, EDIÇÃO 2011.

JC, Online. **Santo Amaro vai ganhar espigões**. Matéria sobre espigões. JCOonline, Caderno Cidades, disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2013/11/15/bairro-de-santo-amaro-vai-ganhar-espigoes-105501.php>. Acessado em 05 janeiro de 2015. Publicado em julho de 2013. Recife, 2013.

JC, Online. **É hora de repensar Santo Amaro**. Matéria sobre espigões. JConline, Caderno Cidades, disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2014/10/12/e-hora-de-repensar-santo-amaro-150486.php>. Acessado em 05 de fevereiro de 2015. Publicado em 12 de outubro de 2014. Recife, 2014.

JORNAL LEIA JÁ. **Descaso na rua da aurora**. Disponível em <http://www.leiaja.com/noticias/2015/02/25/descaso-publico-salta-aos-olhos-e-rua-da-aurora-padece/>. Acessado em 07 de março de 2015.

LABTOPOPE. **Site do Laboratório cartográfico Pernambuco**. Disponível em: <http://www.labtopope.com.br/banco-de-dados-geodesico/>. Acessado em 20 de fevereiro de 2015.

LANDRY, Charles. **Origens e Futuros da Cidade Criativa**. São Paulo. Editora Sesi- SP, 2013.

LEES, Loretta. *Gentrification. Por Loretta Lees, Tom Slater and Elvin Wyly*. Disponível: Edição Kindle. Nova York: Taylor & Francis Group, 2008.

LEES, Loretta. *Gentrification and Social Mixing: Towards an Inclusive Renaissance?* Disponível em: <http://usj.sagepub.com/content/45/12/2449.short>. *Urban Stud Journal*, volume 45 - Glasgow, UK. Acessado em: 20 abril de 2015. Publicado em agosto de 2007.

LIMEIRA, Circe Monteiro e Juliana. Artigo “Revitalização, habitação e Gentrificação”. In: LACERDA, Norma & ZANCHET, Sílvio Mendes (orgs). **Plano de Gestão da Conservação Urbana: conceitos e métodos**. Recife: Editora CECI p. 262-268(2012).

MACEDO, Adilson. **A carta do Novo Urbanismo Americano**. Disponível em: ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/11_48.pdf . Acessado em: março de 2015.

MAIA, Flávia Neves. **XV ENCONTRO ANAPUR– Enanpur – Desenvolvimento, planejamento e Governança**. Disponível em: http://issuu.com/flavianevesmaia/docs/crowdurbanismo_enanpur/1. Acessado em 25 de fevereiro de 2015.

MENDES, Diego. **Moradores fazem ato em prol de rua da Aurora**. Folha de pernambuco Digital, Caderno Cotidiano, disponível: <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/.folhape/pt/cotidiano/noticias/arqs/2015/01/0260.html>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

MICHAELLIS, Dicionário. **Dicionário da língua portuguesa**. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=comunidade>. Acessado em agosto de 2015

MIT, Massachusetts Institute of Technology. **SENSEable City Laboratory**. Disponível em: <http://senseable.mit.edu> . Acessado em 25 de fevereiro de 2015

MOREIRA, Fernando Diniz. “Saturnino de Brito e o Plano de Saneamento do Recife (1909-1915)”. In: CARVALHO, Maurício Rocha de; MOREIRA, Fernando Diniz & MENEZES, José Luiz Mota. **Um Recife saturnino: arquitetura, urbanismo e saneamento**. Recife: Nectar, 2010, p. 45-75. 2010.

NEGRI, Antonio. **Cinco lições sobre império**. Tradução: Alba Olmi. Rio de Janeiro: D P&A, 2003.

NOTÍCIAS, Santo Amaro. **Site do bairro**. Disponível em www.santoamaronoticias.com.br. Acessado em 10 de janeiro de 2015.

ONU, Nações Unidas Brasil. **Matéria sobre homenagem ao plano diretor de São Paulo**. Disponível em: <http://nacoesunidas.org/onu-habitat-elogia-plano-diretor-de-sao-paulo-e-sugere-projeto-como-exemplo-ao-mundo>. Acessado em : agosto de 2014

OLD, Diário de Pernambuco. **Blog sobre Av. Agamenom**. Disponível em: <http://www.old.diariodepernambuco.com.br/hotsite/2012/agamenon/historia.shtml> . Acessado em 20 de março de 2015.

ONU, **Revisão de prospecção da urbanização Mundial de 2014/2050**. Disponível em: <http://esa.un.org/unpd/wup/Highlights/WUP2014-Highlights.pdf>. Acessado em 13 de março de 2015.

O'REILLY, Tim. **Web 2.0 Compact Definition: Trying Again**. Disponível em: <http://radar.oreilly.com/2006/12/web-20-compact-definition-tryi.html> Acessado em: 30 de abril de 2015.

PIAZZALUNGA, Renata. **A Virtualização da Arquitetura**. Campinas: SP. Editora: Papyrus, 2005.

PNAD, IBGE. **Pesquisa sobre uso de celular em Pernambuco**. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=pe&tema=pnad_internet_celular_2013. Acessado em: maio de 2015.

PE, Folha. Site Manchete **Moradores fazem atos em prol da Rua da Aurora**. Disponível em: <http://www.folhape.com.br/cms/opencms/folhape/pt/cotidiano/noticias/arqs/2015/01/0260.html>. Acessado em 05 de fevereiro de 2015.

PERNAMBUCO, Diário: **Moradores de Santo Amaro querem ter voz**. Disponível em http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2014/12/05/interna_vidaurbana,547516/moradores-de-santo-amaro-querem-ter-voz-em-projeto-urbanistico.shtml. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

PPS, *Project for Public Spaces*. Disponível em: <http://www.pps.org>. Acessado em: 13 de março de 2015.

PPSBRASIL, *Project for Public Spaces*. Disponível em: <http://www.pps.org.br>. Acessado em: 11 de maio de 2015.

POPOVA, Maria. **Matéria sobre *The Social Life of Small Urban Spaces*, William H. Whyte** documentário. Disponível em: http://www.brainpickings.org/2013/08/22/the-social-life-of-ftp://ftp.usjt.br/pub/revint/11_48.pdf-small-urban-spaces-whyte/. Acessado em: 10 de dezembro de 2013.

PORTAL, Brasil. **Características da população na Alemanha**. Disponível em: http://www.portalbrasil.net/europa_alemanha.htm. Acessado em 13 de março de 2015.

PROVISÓRIA 547, Medida. Texto oficial para **Subsídios para análise da adequação orçamentária e financeira da Medida Provisória no 547, de 11 de outubro de 2011**. Disponível em: <http://www010.dataprev.gov.br/SISLEX/PAGINAS/45/2011/547.htm>. Acessado em 15 de março de 2015. Publicado em 2011.

QUINTO, Luiz Pinedo. Texto p.47 do livro **Planejamento Urbano no Brasil – conceitos, diálogos e práticas**. Organizado por PEREIRA, Elson Manuel. Chapecó: Editora Argos, 2013.

RATTI, Carlo. Entrevista de palestrante no site do evento ARQ, Futuro. **Depoimentos dos Palestrante Carlo Ratti**. ArqFuturo. Rio de Janeiro, 2013.

RECIFE, Prefeitura. **Link da lei de incentivo fiscal Porto Digital**. Disponível em: lei 17762-2011. http://www.recife.pe.gov.br/pr/secfinancas/portalfinancas/uploads/pdf/Leis/LEI_17762_2011.pdf. Publicado em 2011. Acessado em: 05 de janeiro de 2015.

RECIFE, Prefeitura. **Link da lei ZEPH19 zona naval**. <http://www2.recife.pe.gov.br/wp-content/uploads/Minuta-PL-ZEPH-19.pdf>. Publicado em 2014. Acessado em: 15 fevereiro de 2015.

RECIFE, Prefeitura. **Ensaio Urbanístico para o quadrilátero de Santo Amaro** Disponível em: <http://www2.recife.pe.gov.br> . Acessado em 15 janeiro de 2015.

RECIFE, Prefeitura. **Características da população do bairro de Santo Amaro**. Disponível em: (<http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/perfil-dos-bairros/rpa1/santo-amaro/>). Acessado em 15 fevereiro de 2015.

RECIFE, Prefeitura. **Perfil do Bairro de Santo Amaro**. Disponível em : <http://www2.recife.pe.gov.br/a-cidade/perfil-dos-bairros/rpa1/santo-amaro/#!prettyPhoto> -. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

RESISTE, Santo Amaro. **Página da comunidade Resiste Santo Amaro** no facebook. Disponível em: https://www.facebook.com/ResisteSantoAmaro/info?tab=page_info. Acessado em 01 março de 2015

RECIFACES. **Blog com histórias sobre Recife. Artigo sobre mocambos**. Disponível em: <https://recifaces.wordpress.com/author/caiqueluz/>. Acessado em 20 de março de 2015.

ROCHA, Palavra. **Foto da rua da Aurora**. Disponível em: <http://palavrarocha.blogspot.com.br/2009/05/o-sol-nasce-na-aurora-do-recife.html> . Acessado em 20 março de 2015.

ROCKFELLER, Foundation. **Centro de Estudos de 100 cidades resilientes**. http://www.100resilientcities.org/resilience#/-/_/. Acessado em: 13 de março de 2015.

ROGERS, Richard. **Cidades para um pequeno Planeta**. Barcelona: Editora : G. Gilli - 2013

SABBAG, Paulo Yazigi. **Resiliência - Competência Para Enfrentar Situações Extraordinárias Na Sua Vida Profissional**. São Paulo: Editora Elsevier, 2012.

SAE, secretaria. **Valor de rendimento da classe média brasileira**. Disponível em:<http://www.sae.gov.br/site/?p=17351>. Acessado em 15 de março de 2015. Brasília: 2013.

SECUNHO, Celiane Ferreira. **Resiliência - A Arte de Enfrentar a Adversidade no Ciclo da Vida**. Brasília: Editora Theseaurus, 2012.

SELL, Susie. **Public-space-Brighton**. Disponível em:<http://www.placemakingresource.com/article/1331554/case-study-creating-shared-public-space-brighton>. Acessado em janeiro de 2015

SCIENCEART. **Matéria com Mirian Roure**. *MIT SENSEable Cit Laborator* . Disponível em: <http://www.scienceart.com/blog/miriam-roare> - acessado em 25 de janeiro de 2015.

SILVEIRA, Pelópidas. **Plano de Mobilidade Urbana/santo Amaro. 2011**. Disponível em: <http://www.recife.pe.gov.br/noticias/arquivos/6232.pdf>. Acessado em 15 dezembro 2014.

SOMEKH, Nadia. Introdução do Livro. In:ARCHER, François. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010.

SOUZA, Gisella Barcellos. Artigo: **A Repetição operativa no discurso do novo urbanismo europeu**. Disponível em: http://www.pucminas.br/documentos/arquitetura_14_artigo06.pdf. Acessado em: 30 abril de 2015. Publicado em 2006

SOUZA, Glauco Bruce Rodrigues e Marcelo Lopes de. **Planejamento Urbano e Ativismos Sociais** – Coleção paradidáticos –São Paulo: Editora UNESP - 2004

STREET. **O site colaborativo do Irlanda**. Disponível em: <http://www.fixyourstreet.ie>. Acessado em agosto de 2015.

STOAMARO. **Site crowdmap para envio dos relatos da escuta desenvolvida para o presente estudo**. Disponível em: <https://stoamaro.crowdmap.com/reports>. Recife, 2015.

AMARO, Escuta Santo Amaro. **Site desenvolvido para divulgar o presente estudo**. Disponível em: <http://www.escutasantoamaro.com/>. Recife, 2015.

TABELA, Aurora Trend. **Tabela de preço do menor apartamento da Moura Dubeux.** Acessado em: <http://www1.mouradubeux.com.br/md/tabela/pe/pe-recife-residencial-aurora-torrea-marco15.pdf>. Acessado em 13 de março de 2015.

TALEN, Emily. **Charter of the New Urbanism, 2nd Edition.** Nova York. Editora: McGraw-Hill Professional Publishing, 2013.

TORO, Bernardo. **Revista Veja, entrevista com o filósofo sobre mobilização popular.** Revista Veja. Edição 2452 - n46. Editora Abril, 2015.

TURAS. **Site oficial do Projeto Turas.** University College Dublin (UCD) , Ireland.. Disponível em: <http://www.turas-cities.eu>. Acessado em 20 de agosto de 2015.

URBANA SP, Gestão. **Site do Plano Diretor de São Paulo.** Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br>. Acessado em 30 de novembro 2014

URBANA(2), Gestão. **Plano Anhangabaú.** Site do Plano Diretor de São Paulo. Disponível em: <http://gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br/vale-do-anhangabau/>. Acessado em 30 de novembro 2014

UOL, Site notícias online. **Matéria sobre premiação do Colab- Pe.** Disponível em: <http://blogs.ne10.uol.com.br/mundobit/2015/01/27/aplicativo-pernambucano-colab-concorre-ao-premio-world-summit-da-onu/>. Acessado em 19 de maio de 2015

USHAHIDI. **Site da plataforma *crowdmap*.** Disponível em: <http://www.usahidi.com>. Acessado em: 15 de julho de 2014.

UNFPA, Relatório 2007. **Desencadeando o potencial do crescimento urbano.** Capítulo 3, p. 1. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/novo/index.php/situacao-da-populacao-mundial>. Acessado em 01 de março de 2015.

VILLAÇA, Flávio. **Reflexões sobre as cidades brasileiras.** São Paulo: Editora Nobel, 2012.

VIVANT, Elsa .**O que é uma cidade criativa?** Tradução de Camila Fialho. São Paulo: Editora Senac, 2012.

VILAÇA, Ana Paula de Oliveira, e Luiz de La Mora. **Habitabilidade e Lutas pelo direito de**

moradia. Artigo/UFPE. Disponível em: [https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/ldmo“a_cidade5.pdf](https://www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/ldmo%20a_cidade5.pdf). Acessado em 13 de março de 2015.Publicado em 2004

SPABERTA. **Olhares Urbanos.** Disponível em: <http://saopauloaberta.prefeitura.sp.gov.br/index.php/iniciativa/aplicativo-olhares-urbanos-e-nova-ferramenta-para-revisao-da-lei-de-zoneamento/>. Acessado em: 15 agosto de 2015

XXI, ter opinião. **Revista da FMMS – Fundação Manuel dos Santos.** Número 4, 2015.